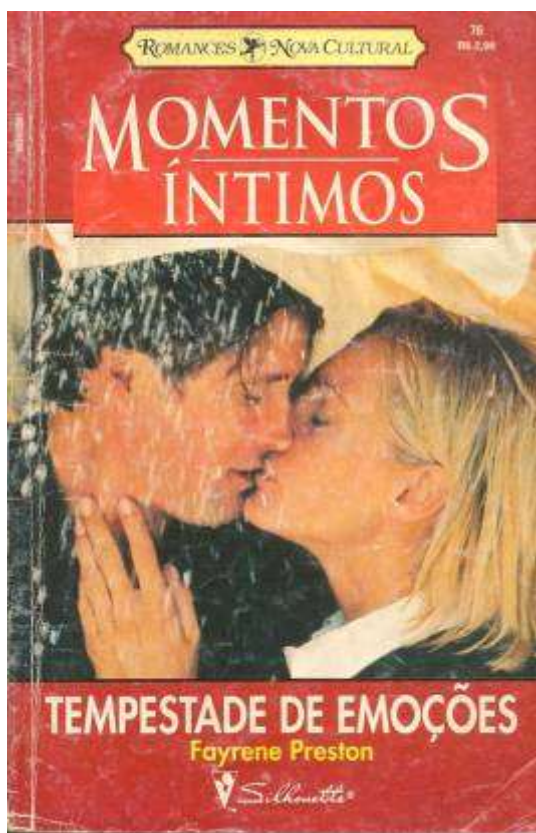




Tempestade de Emoções

The Barons of Texas: Tess

Fayrene Preston



Amor à primeira vista?

Tina Baron percebeu que estava em apuros assim que seu olhar se encontrou com o daquele misterioso e sexy desconhecido. Qual seria o motivo que levaria Nick Trejo a aparecer de repente em sua festa de aniversário, para lhe pedir um encontro em particular? E o que haveria de especial nele, para levá-la a querer estar sempre em seus braços?

Nick estava em busca do tesouro de sua família e não deixaria que ninguém se colocasse em seu caminho. Nem mesmo aquela linda herdeira, por quem seria muito fácil se apaixonar. Mas seria o tesouro que ele procurava realmente mais precioso do que aquele que Nick descobrira no brilho dos olhos de Tina?

Digitalização: Sílvia

Revisão: Bruna C.



Projeto Revisoras





Querida leitora,

O lado mais excitante da vida é o ar de mistério que sempre temos em relação ao dia, a hora, ou mesmo ao minuto seguinte. Nunca sabemos com absoluta certeza o que vai nos acontecer e, embora às vezes pareça estranho, é nisso que reside o verdadeiro encanto da vida. Ela sempre nos oferece novas surpresas com as quais podemos crescer e aprender a sermos mais felizes. Foi provavelmente essa faceta da vida que inspirou Fayrene Preston a criar este belo romance, onde a chave do destino de um homem e de uma mulher reside justamente na irresistível surpresa da descoberta do amor. Descubra com eles como é gostoso se apaixonar!

Janice Florido
Editora Executiva

Copyright © 1999 by Fayrene Preston
Originalmente publicado em 1999 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá. Silhouette, Silhouette Desire e colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: The barons of Texas: Tess

Tradução: Alberto Cabral Fusaro
Editor: Janice Florido
Chefe de Arte: Ana Suely Dobón
Paginador: Nair Fernandes da Silva

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Rua Paes Leme, 524 - 10º andar CEP: 05424-010 - São Paulo - Brasil
Copyright para a língua portuguesa: 2000
Editora Nova Cultural Ltda.
Fotocomposição: Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

Alto, esguio e bronzado, lá estava ele, parado a beira do terraço, olhando-a da mesma maneira intensa como o vinha fazendo nos últimos quinze minutos. Tina Baron tentou ignorá-lo, voltando sua atenção para os convidados da festa, mas logo descobriu que seria impossível fazê-lo.

Havia algo na imobilidade daquele desconhecido que lhe chamava a atenção. Lembrava-lhe um relâmpago capturado em um frasco, uma tensão elétrica tão intensa que só seria seguro tê-la por perto se estivesse contida. E ele não parecia ser o tipo de pessoa que continha suas energias por muito tempo.

Era sua festa de aniversário, por isso conhecia todas as pessoas presentes. Todas, exceto ele.

Olhando para o rosto de cada um na multidão, Tina tentou imaginar quem o teria levado como acompanhante. Todos estavam conversando ou dançando, e ninguém parecia haver trazido um convidado e o esquecido na varanda. Além do mais, ponderou, seria impossível esquecê-lo.

Atrás dele, o sol se punha em seu ritmo lento e constante, por sobre o golfo do México. Uma grande bola alaranjada se refletindo na água e espalhando seu calor pelo ambiente, enquanto mergulhava cada vez mais no horizonte. Emoldurado por aquele cenário elemental, com toda aquela luz a circundá-lo, o desconhecido parecia magnânimo... Um deus do sol.

Vendo-o daquela maneira, era quase possível acreditar que ele havia laçado o sol e que o estava tirando do céu por sua própria vontade.

Tina soltou um longo suspiro, lembrando a si mesma que nunca fora uma pessoa sonhadora e que deveria tentar prestar atenção em outras coisas. Afinal, tudo mais em sua festa parecia estar indo bem.

A brisa morna que vinha das águas do golfo parecia combinar com o ritmo sensual da bossa nova que a banda estava tocando. Drinques gelados e cervejas de todos os tipos estavam sendo servidos juntamente com ostras frescas e canapés. No jardim, do lado de fora, frango e carne estavam sendo preparados na churrasqueira.

Notou que o desconhecido não havia comido nem bebido nada, embora os garçons houvessem lhe oferecido de tudo.

— Feliz aniversário, Tina.

A voz de uma velha amiga a fez voltar para a realidade da festa.

— Obrigada, Becca — respondeu ela, beijando a face da jovem mulher e virando-se para dar um rápido abraço em Mel Grant, marido dela. — Fico muito feliz que tenham conseguido vir.

Becca riu.

— Está brincando? Suas festas de aniversário são boas demais para serem desperdiçadas! Além disso, Corpus Christi é uma cidade muito bonita.

Mel deu um sorriso divertido.

— Já se tomou até uma brincadeira divertida apostarmos para ver quem consegue adivinhar onde será sua festa a cada ano. Aquele ano, em Kuala Lumpur, tornou-se uma lenda. No ano passado, porém, fiquei bastante desapontado.

Tina soltou uma risadinha de curiosidade.

— É mesmo?

— Southfork? — censurou ele, balançando a cabeça negativamente. — Não foi nada original, minha cara. Além de ter sido muito perto de casa.

Tina riu alto.

— Sinto muito, mas o local da minha festa depende de onde eu estiver trabalhando. No ano passado, aconteceu de o serviço estar perto de casa.

— Sei disso, mas eu estava esperando algo como um campo de petróleo no mar da China, ou algo do gênero.

— Um campo de petróleo não é lugar para se oferecer uma festa. Isso, aliás, é algo que você sabe muito bem.

Mel trabalhava na Coastal Petroleum, uma das maiores companhias de petróleo do mundo. Mesmo assim, ele suspirou de maneira dramática.

— Está bem, está bem, admito que tenha razão. Mas este ano você se redimiou e caprichou.

— Oh, que alívio! — respondeu Tina, em tom irônico.

— Sim, esta casa é espetacular. Bem à beira da praia e com uma vista fabulosa. Eu diria que a redenção foi completa.

— Ignore-o, Tina — aconselhou Becca, revirando os olhos.

— Seu marido é divertido demais para ser ignorado. Além disso, ele tem razão. Esta casa é mesmo excelente. Eu a aluguei porque a minha nova plataforma marinha de escavação fica logo ali, ao alcance da vista. Além disso, há um ótimo heliporto do outro lado do jardim.

— Sim, é perfeito — falou Mel. — Além disso, meus parabéns outra vez. Dizem que há indícios de que o reservatório de petróleo que encontrou ali, no golfo, será o maior que já descobriu até agora.

Fazendo uma careta, Tina levou a mão ao estômago, onde sentia um nó se formar toda vez que pensava em tudo o que colocara em jogo naquela escavação.

— Faça-me um favor e não me parabeneze ainda, sim? Sou supersticiosa. Os testes iniciais foram bastante encorajadores, mas, no final, ambos sabemos que isso pode não significar nada. Não irei celebrar até que o petróleo comece a jorrar e que a produção se inicie.

Becca fez um gesto de desdém.

— Você pressente petróleo como uma raposa fareja caça. Confio mais em sua intuição do que naqueles testes sofisticados que os engenheiros fazem. Se gostou

mesmo do que viu quando visitou o lugar, então podemos considerar o empreendimento como uma vitória.

Tina abraçou a amiga.

— Obrigada.

Era mesmo verdade que sua intuição nunca falhava. Ainda assim, havia tanto em jogo naquele investimento que parecia impossível ter certeza de que não estava deixando sua ansiedade afetar seus instintos naturais. Aquela escavação era importante o bastante para causar isso. Precisava que o petróleo jorrasse não apenas em grande quantidade, mas também o mais rápido possível.

— Dizem também que anda tendo alguns problemas — continuou Mel. — Caso chegue à conclusão de que precisa de ajuda, lembre-se de que minha empresa está sempre interessada em fazer negócio.

Infelizmente, era muito difícil manter segredos no ramo petrolífero.

— Ora, Mel, todos sabem como me sinto a respeito de minhas prospecções.

— Sim, sim. Seus poços são seus bebês. E você os mantém até que estejam bem maduros e rumando para a velhice.

— É uma tradição de família — concluiu Tina.

Ela esperava que aquela festa a ajudasse a relaxar e a se divertir. Contudo, seus nervos estavam mais aflorados do que nunca. Entre a conversa de Mel a respeito de seus problemas profissionais e a postura de seu admirador misterioso... Puxa, que situação. Ele não havia se movido e ainda a estava fitando com aqueles olhos que pareciam capazes de parabenizá-la. Estar sob o foco da atenção dele a estava fazendo sentir-se como se estivesse sendo aquecida pelo sol.

— Ei, algum de vocês conhece aquele homem que está ali, à beira do terraço, perto do parapeito? — indagou ela.

Becca e Mel olharam por um momento na direção dele, mas sua amiga foi a primeira a falar:

— Não conheço, mas se eu não estivesse acompanhada esta noite, adoraria conhecê-lo.

Mel franziu o cenho para a esposa.

— Isto não foi engraçado.

— Não? — indagou Becca, com os olhos brilhando de divertimento, antes de segurar a mão dele. — Nesse caso, o que acha de dançar um pouco comigo? Talvez eu até me lembre do motivo de amá-lo tanto.

— Isso está me soando como um desafio que vou adorar aceitar — disse ele, dando uma piscadela para Tina. — Nos veremos mais tarde.

— Com certeza! — confirmou Becca.

"Com certeza...", pensou Tina. Sim, com certeza deveria haver alguma explicação para a presença daquele desconhecido. Algum de seus convidados deveria tê-lo trazido. Mas qual deles? E por que o havia deixado sozinho? Por que não o apresentaram a ela? Acima de tudo, por que ele continuava a olhá-la daquela maneira?

Deus, onde estaria Ron? A única pessoa que poderia ajudá-la ainda não havia chegado. Ron Hughes era um jovem brilhante e competente, apesar de seus vinte e poucos anos. Seu assistente conhecia tudo e todos que a cercavam, pois essa era sua função, e ele sempre a cumprira com esmero. Mas era provável que ele ainda estivesse no escritório, do outro lado daquele enorme casarão, trabalhando na agenda do dia seguinte.

De súbito, alguém lhe segurou o cotovelo com suavidade.

— Vamos dançar?

Tina se sobressaltou e, no mesmo instante, riu de si mesma. Só então se virou.

— Colin! Que bom que conseguiu vir!

— Por acaso duvidou disso? Ela sorriu.

— Não, claro que não.

Colin Wynne, bronzeado, gentil e lindo, era um dos solteirões mais cobiçados de Dallas. Era também uma de suas companhias prediletas, embora nunca houvessem tido um encontro. Tina jamais tivera vontade de sair com ele, exceto entre amigos, e parecia que o sentimento era mútuo. Ao longo dos anos, ela descobrira que as amizades eram muito mais satisfatórias do que uma vida amorosa.

A mão dele estava estendida a sua frente.

— Obrigada, Colin, mas não agora. Ainda tenho de acertar alguns detalhes. A festa está apenas começando.

— Tolice. Eu estou aqui. Você está aqui. Pronto! A festa começou.

Tina curvou os lábios em um sorriso. Poucas pessoas possuíam a autoconfiança de Colin. Embora estivesse sempre tentando parecer um Bon vivant, era uma das pessoas mais trabalhadoras que ela conhecia.

— Quem você trouxe esta noite, meu amigo?

— Não trouxe nenhuma acompanhante, se é isso o que está perguntando. Mas meu avião veio lotado com os convidados de sempre. Os seus, claro.

— Oh, é mesmo, obrigada. Ron me falou que você iria trazer um grupo em seu jatinho.

— Sabe que sempre pode contar comigo. Ela se inclinou na direção dele.

— Já que falou nisso, por acaso conhece aquele homem que está perto do parapeito do terraço?

Colin lançou um olhar discreto por sobre o ombro.

— Não. Quem é ele? Um penetra?

— Acho que não. Deve ter vindo junto com alguém, só que ainda não descobri quem o trouxe.

— Quer que eu vá falar com ele? — ofereceu-se o rapaz.

— Não precisa. Farei isso daqui a pouco.

— Feliz aniversário, Tina.

A parabenização destoou do tom gélido da voz de quem falara. Isso fez com que ambos se virassem para a pessoa que havia se aproximado.

— Jill — disse Tina, dando um abraço rápido e automático na irmã.

Embora o gesto não fosse repleto da mesma satisfação nem da mesma espontaneidade do abraço que dera em Becca, ninguém além dela própria, de Jill, e talvez de Colin, que as conhecia bem, notaria a diferença.

Mais do que depressa, Tina se afastou da irmã e deu um passo atrás. Jill estava trajando um tailleur Armani, que enfatizava ainda mais suas inerentes elegância e sofisticação.

Jill, a filha do meio, fora a única das três irmãs que herdara a compleição clássica da mãe. Inclusive seus cabelos castanhos, que pareciam insistir em assumir a mesma forma graciosa que tanto era admirada nas fotos da falecida Sra. Baron. Até o momento em que a viu. Tina estava se considerando a mais bem vestida entre as mulheres presentes, com seu vestido de seda cor de marfim. Depois daquele momento, porém, passou a ter dúvidas quanto a isso.

Soltando um suspiro, passou os dedos pelos cachos de seus longos cabelos dourados.

— Está atrasada, irmãzinha. Eu a esperava mais cedo. O que aconteceu?

— Minha carona decolou sem mim, então tive de tomar outras providências para conseguir chegar aqui.

Os olhos castanhos de Jill se estreitaram ao se voltarem para Colin. Fazendo uma expressão de inocência, ele levantou as mãos em uma postura de isenção.

— Ei, eu tinha uma agenda a cumprir.

— Você não estava dirigindo um ônibus, Colin — falou a morena, em tom gélido. — Estava pilotando seu próprio jato.

— É verdade. Por acaso já ouviu falar de algo chamado plano de vôo?

— Sim, para dizer a verdade, ouvi. Graças a isso, sei que você tem certa margem de atraso que é admissível pelo pessoal do tráfego aéreo.

Ele deu de ombros.

— Todos os outros estavam a bordo. Não achei que eles deveriam ser punidos só porque você não conseguiu organizar seu dia e chegar no aeroporto no horário marcado.

Tina revirou os olhos. Sua irmã e seu amigo nem sequer estavam notando sua presença, tamanha a intensidade da tensão entre eles. Mas aquilo já era algo comum entre os dois. Sempre que estavam juntos, havia uma intensa troca de farpas ou algum tipo de reação efusiva qualquer. Até o silêncio era intenso entre eles.

— Tive uma idéia — disse ela, fazendo-se notar. — Por que vocês dois não vão dançar? Eu os vejo mais tarde.

Colin a fitou antes de encarar Jill. Depois de alguns segundos, levantou a mão em um tímido convite para dançar. A irmã de Tina hesitou, encarando-o antes de se virar e perguntar:

— Tio William e Des já chegaram?

— Tio William não está se sentindo muito bem, por isso não virá à festa.

Jill franziu o cenho.

— É algo grave?

Colin abaixou a mão e o olhar. Tina o fitou de soslaio, antes de responder:

— Pelo que ele me disse, pareceu-me que não. Além disso, Des nos avisaria se fosse algo mais sério.

— Claro. Por falar nisso, onde está Des? — indagou Jill. "Boa pergunta", pensou Tina. Aquela parecia ser a eterna interrogação que mantinha ela e as irmãs ocupadas.

— Não sei nem mesmo se ele virá.

— Então, nenhuma notícia dele?

— Ora, você sabe que Des não costuma nos informar de suas intenções.

— É verdade — murmurou Jill, mordendo o lábio inferior. — Avise-me se ele chegar está bem?

"Vá sonhando com isso", respondeu Tina, em pensamento. Então a morena se voltou para Colin, arqueando uma sobrancelha.

— E então?

— Então o quê, Jill? — indagou ele.

— Você quer ou não quer dançar? Foi à vez de Colin hesitar.

— Talvez mais tarde.

Ao vê-lo se afastar, Jill o fuzilou com o olhar, antes de dar meia-volta e seguir na direção oposta.

Assim que ficou sozinha, Tina pensou a respeito das esquisitices de sua família. Des era enteado e único herdeiro de seu tio William, além de ser um advogado muito influente em todo o Texas. Como era também solteiro e muito atraente, havia mulheres assediando-o todo o tempo. Mas, para as irmãs Baron, ele representava muito mais do que isso.

Desde a morte do pai, cada uma delas havia herdado um sexto do negócio da família, sob a condição de alcançarem, individualmente, certas metas especificadas por ele, no testamento. Após a morte de William, porém, Des herdaria sozinho a outra metade de tudo.

Isso colocara o jovem solteirão no meio do fogo cruzado entre Tina e as irmãs. Em teoria, se uma delas se casasse com ele, poderia assumir o controle do império dos Baron. E todas elas não apenas sonhavam com tal poder, como também não hesitavam em viver atrás dele. No entanto, Tina certeza de que era ela quem ficaria com ele no final.

Entretanto, tentar conquistar Des era uma das coisas mais frustrantes que poderia se tentar fazer. Mesmo não sendo uma especialista em assuntos ligados ao amor, era evidente que só poderia fazê-lo se apaixonar se conseguisse ficar sozinha com ele durante algum tempo. Mas tempo era algo que seu primo nunca compartilhava com nenhuma delas de maneira individual. Entretanto, nenhuma delas se desanimava com isso. Se Des aparecesse na festa, todas iriam persegui-lo como mísseis teleguiados.

Desde muito jovens, as três haviam se tornaram muito competitivas entre si, estimuladas pelo modo como o pai as criara, enfatizando sempre a importância de se tentar ser o melhor em tudo o que se fizer. Uma das disputas entre elas, no final de

cada ano fiscal da companhia, era ver quem havia conseguido gerar mais lucro. Havia poucas coisas que as fariam recusar aquela "honra" anual. Ou um pedido de casamento de Des, é claro.

Mas, nesse ano, a missão de Tina era ainda mais difícil do que a de Jill ou de Kit.

— Dance comigo.

Tina levantou a vista e engoliu em seco. Estivera tão ocupada, pensando a respeito das situações incomuns de sua família, que se esquecera por um momento de seu convidado desconhecido. Mas ali estava ele, bem a sua frente, alto, e com seus ombros largos lhe conferindo um aspecto ainda mais poderoso àquela curta distância. Seus olhos, como ela pôde ver, eram de um impressionante tom de âmbar.

— Quem é você?

— Alguém que gostaria muito de levá-la para a pista de dança.

A voz grave reverberou dentro de Tina, aquecendo-a como se o sol houvesse ressurgido no horizonte. Seu coração começou a pulsar com tanta intensidade que chegou a fazê-la se lembrar daqueles enormes tambores japoneses.

O olhar intenso do desconhecido parecia capaz de sustentar o seu sem um momento de hesitação. Seu nome... Tina não sabia o nome dele. Mas isso não importava.

Ele a segurou pela mão e, de repente, ela se viu na pista de dança. Não havia explicação para como havia chegado até ali. Com certeza, respondera com um "não" ao convite. Contudo, se estavam ali, provavelmente à resposta havia sido outra.

Sentiu quanto àqueles braços eram fortes quando ele a pressionou contra seu corpo másculo e atlético. Seus passos de dança eram suaves, tornando a tarefa de acompanhá-lo fácil e agradável. Além disso, ela percebeu outras coisas, como, por exemplo, o agradável calor vindo do corpo dele.

Aquele homem parecia confiar muito na própria sensualidade e não fazia nenhuma questão de dissimulá-la. Para completar, aqueles olhos cor de âmbar pareciam capazes de ver sua alma. A pele bronzeada denunciava a condição de alguém que passava muito tempo ao ar livre. Sim, ela poderia mesmo estar diante de um deus do sol. Se acreditasse nesse tipo de coisa, claro.

Ainda assim, todos seus instintos a advertiam que seria mais seguro afastar-se dele. Mas havia um pequeno problema: não estava certa de que conseguiria fazê-lo. Era como se o corpo dele houvesse se tornado o centro gravitacional de seu universo pessoal. Por sorte, ainda era possível pensar. Além disso, era curiosa demais para sair dali sem respostas.

— Foi convidado para minha festa?

— Não.

Uma única palavra, sem nenhuma explicação, como se ele não precisasse se justificar por nada.

— Veio com algum de meus convidados?

— Não.

Um tremor percorreu o corpo de Tina. Ele a estava fitando como se estivesse lendo um livro e compreendendo suas peculiaridades, embora fosse ela mesma a autora de todas as perguntas.

— Por que está aqui?

— Por sua causa — respondeu ele, com aquela voz grave e suave, deixando transparecer uma intensidade avassaladora. — Você é linda, sabe. Eu não esperava isso.

— Não?

Ele balançou a cabeça negativamente, bem devagar, sem desviar os olhos dos dela,

Tina ficou sem palavras, sentindo-se como se estivesse isolada do restante do mundo, mesmo estando cercada por amigos. Ninguém na pista de dança parecia se incomodar em vê-la dançar com um completo desconhecido que irradiava uma espécie de aura de auto-suficiência ao seu redor. Contudo, nenhum deles podia ver o que ela via, nem sentir aquilo que a estava deixando sem fôlego.

Uma espécie de chama misteriosa parecia crepitar nas profundezas daqueles olhos inesquecíveis. Com um simples olhar, ele fora capaz de tocá-la e de tomá-la ciente de sua presença, mesmo quando estavam de lados opostos do enorme salão.

De perto, porém, o efeito era ainda mais intenso. Tina não saberia dizer nem mesmo que música o conjunto estava tocando. Sabia apenas que seus corpos estavam se movendo juntos, de maneira sensual. E, por mais que parecesse estranho, ela sentia que aquilo estava certo. Sua reação não estava fazendo sentido. Ele não fazia sentido.

O sol quase havia se posto por completo, deixando faixas de um tom avermelhado, alaranjado e dourado tingindo o horizonte. As luzes da pista de dança e do jardim se acenderam, mas a falta de luz natural não pareceu afetar nem um pouco o poder elemental da presença dele.

— Feliz aniversário, Tina — falou alguém.

— Obrigada — respondeu ela, voltando-se na direção da voz sem conseguir focalizar nada, para então voltar a encará-lo.

A proximidade daquele corpo másculo e quente parecia havê-la entorpecido. Seus corpos estavam moldados um contra o outro, como se houvessem sido feitos para aquela dança, seus seios em contato com aquele peito amplo e musculoso.

Embora não soubesse sequer o nome dele, aquele contato estava lhe despertando certas ansiedades femininas que jamais sentira com tanta intensidade e com as quais não estava sabendo ao certo como lidar.

— Você organizou uma ótima festa — murmurou ele.

— Obrigada. Fico contente que tenha vindo. Pela primeira vez ele sorriu. Um meio sorriso, cheio de segurança e de entendimento, mas, ainda assim, totalmente sedutor. O efeito foi uma espécie de descarga elétrica que lhe percorreu o corpo e a fez conter o fôlego. Um sorriso completo poderia muito bem fazer seu coração parar.

Era impossível ficar quieta. Sua mão se movia sobre aquele ombro forte, tateando o requintado tecido da camisa dele, adicionando mais uma peça ao quebra-

cabeça, mas sem que nada se encaixasse. O contato prolongado estava permitindo que conhecesse bem o corpo dele. Ao longo da dança, tornou-se ciente de que toda aquela força não vinha de músculos desenvolvidos em academias, mas sim do processo natural da formação de um atleta. Outra peça em seu jogo.

— Por acaso costuma entrar como penetra em muitas festas? — indagou Tina.

— Para ser sincero, esta é a primeira vez.

— E está se divertindo?

— Até o momento, não posso me queixar.

— Se me disser seu nome, poderei colocá-lo na lista de convidados para o próximo ano. Ou prefere entrar como clandestino outra vez?

— Nenhuma das duas opções. Acho que não poderei esperar tanto tempo para vê-la outra vez.

— Por...

Alguém colidiu contra Tina, interrompendo-a. O braço dele a firmou de maneira protetora no mesmo instante e ele a virou para outro lado.

— Oi, maninha. Feliz aniversário.

Ao olhar para trás, Tina soltou um suspiro exasperado. Quem lhe daria uma trombada daquelas de propósito? Claro que ninguém mais além de Kit, sua irmã caçula. Para completar, a recém-chegada estava de jeans, camiseta e botas de vaqueira, sendo que todos sabiam que havia sido exigido traje social para o evento.

— Obrigada, maninha — respondeu Tina.

Seu parceiro não a soltou, mas lhe deu espaço suficiente para que ela se virasse para o lado da mais nova das irmãs Baron.

— Des virá? — perguntou Kit, sem parar de mover o corpo em nenhum momento, como se a música a estivesse contagiando.

Seus cabelos avermelhados estavam soltos e os olhos verdes pareciam faiscar. Ondulando os braços, Kit movia os pés e os quadris de uma maneira muito sensual. Tina não conhecia o rapaz que a estava acompanhando, mas, pelas roupas de cowboy, deveria ser um dos novos vaqueiros da fazenda da família.

— Não faço idéia. Nosso primo não gosta de se comprometer, lembra-se?

Kit parou de repente.

— Des não conseguiria ser mais evasivo se tentasse. E acho que, às vezes, ele tenta.

— Esse é o espírito da coisa.

Colocando os polegares nos bolsos da frente da calça, a ruiva soltou um suspiro e então desviou o olhar para o parceiro de dança de Tina, oferecendo-lhe um sorriso tão amplo que suas covinhas ficaram salientes no rosto.

— Oh, quem é seu acompanhante, irmã?

— Não faço a menor idéia.

— Hum! — desdenhou Kit, arqueando as sobrancelhas antes de se afastar, dançando.

O desconhecido que a mantinha nos braços soltou uma risada profunda e divertida, levando-a a encará-lo. Apoiando as mãos no peito dele, para manter distância, ela perguntou:

— Há algum motivo para não querer me dizer seu nome? Por acaso está na lista das pessoas mais procuradas pela polícia internacional, ou algo assim?

— Não.

— Então, diga-me. Ele deu de ombros.

— A questão é que duvido que meu nome tenha algum significado para você.

Tina soltou um longo suspiro, tentando manter a paciência.

— Por que não deixa que eu mesma decida isso? Estou cansada deste seu joguinho. Diga logo, ou terei de deixá-lo sozinho.

O sorriso que surgiu nos lábios dele se formou aos poucos, mas foi ainda mais poderoso do que o anterior,

— Ah! Um desafio feito pela própria aniversariante. Embora houvesse se recusado a se deixar afetar por aquele sorriso, a resistência de Tina durou muito pouco.

— Ora, você vai ou não vai me dizer?

— Nick Trejo. Meu nome é Nick Trejo.

Tina hesitou. Embora aquele nome lhe parecesse um pouco familiar, não foi possível lembrar onde o ouvira.

— Sim, é verdade. Seu nome não me lembrou nada nem ninguém.

— Não pensei que lembraria.

— Hum-hum. Está bem. Deixe-me tentar outra abordagem: como foi que ficou sabendo a respeito desta festa?

— Digamos que fiz minha lição de casa e me informei ao máximo a seu respeito.

— Oh.

Apreensiva, Tina o fitou com intensidade, imaginando se conseguiria entendê-lo se o olhasse por muito tempo.

— Não se preocupe. Não sou nenhum maníaco.

— Bem, nesse caso, Nick Trejo, acho que já passou da hora de dizer o que quer.

— Isso é fácil — disse ele, puxando-a mais para si. — Quero que haja paz na Terra, abrigo e comida suficiente para todas as criaturas vivas e igualdade entre as pessoas. Mas, no momento, estou satisfeito por estarmos dançando juntos. — A voz dele se tornou ainda mais grave. — É ótimo sentir seu corpo junto ao meu. Nós nos completamos com perfeição.

Em um instante, Nick a deixara apreensiva. No seguinte, fazia-a quase se derreter em seus braços. E Tina não conseguia nem mesmo protestar e dizer que não entendia o que ele estava falando, pois, desde o momento em que haviam começado a dançar, seu corpo se moldara perfeitamente ao dele, e não houvera mais nada que ela pudesse fazer a respeito.

Uma música acabou e outra começou. Um clima de intimidade se formou entre eles, com a suavidade dos perfumes da noite invadindo o salão pelas amplas portas que

levavam ao terraço e ao jardim adjacente. Tudo aquilo contribuiu para seduzi-la, para provocá-la. Mas tudo aquilo se empalidecia diante do poder sedutor de Nick.

— Eu já disse que você está linda?

Tina não se lembrava Nick se já havia dito ou não. Na verdade, estava tendo problemas para se lembrar de qualquer coisa. Era como se houvesse entregado o controle de sua mente, de seu corpo e de sua alma para ele. Não estava acostumada a ser elogiada daquela maneira. Na verdade, tendo Jill como irmã, sempre muito bem arrumada, era mais comum ver os elogios irem para ela.

Com um movimento abrupto, soltou-se dos braços dele.

— Preciso de algo para beber.

— A festa é sua — falou ele, com calma. — Creio que possa fazer o que quiser.

— Isso mesmo.

Ciente de que Nick a seguia continuou andando por entre os convidados, sorrindo para os amigos que lhe dirigiam a palavra, mas sem conseguir registrar uma frase sequer do que ouvia.

— Uma dose de uísque e uma cerveja — pediu Tina, assim que chegou ao bar.

Era um pedido incomum, pois ela nunca bebia uísque. Estava acostumada apenas com pequenas quantidades de cerveja, vinho ou champanhe. Mas, naquela noite, sentia que precisava de algo mais forte.

— Pois não, madame — respondeu o barman. Ela se virou para Nick.

— O que você vai querer?

— Como não sou convidado oficial da festa, não quero ser tão presunçoso.

A resposta a fez soltar um riso curto e sarcástico.

— Mais do que já foi? Deixe isso. Você já entrou de penetra na festa. Que mal um drinque poderá lhe fazer? — Virou-se então para o barman. — Sirva-lhe o mesmo que pedi para mim.

Era difícil imaginar alguém como ele bebendo algo diferente, como aquelas bebidas doces e coloridas que estavam sendo servidas aos convidados.

Nick acenou para o barman, cancelando o pedido, antes de voltar a sustentar o olhar dela.

— Odeio dizer-lhe isso, Tina, mas ainda nem comecei a ser presunçoso. Acredite quando digo que será fácil notar quando eu o for.

Jill se aproximou do bar e pediu um drinque tropical, antes de dizer:

— Tina, já soube algo a respeito de Des, desde a última vez em que nos falamos?

— Não.

Depois de passar todo aquele tempo lidando com Nick, tentando manter a sanidade mental, enquanto fazia aquele jogo de adivinhação, e se esforçando para que seu corpo não a levasse a se recostar nele outra vez, não lhe restara muita paciência para lidar com Jill e sua preocupação constante com o ausente Des.

— Ei, tudo bem — falou a morena, lançando um olhar desconfiado para ambos. — Vou tentar localizá-lo por telefone.

— Ótimo. Faça isso. E não se esqueça de dizer que lamentei muito a ausência dele hoje à noite.

Mesmo sabendo que o recado não seria dado, era impossível conter a vontade de provocar sua irmã. Pela primeira vez desde que fora tirada para dançar, Tina conseguiu se concentrar o suficiente para olhar para o mundo que a cercava. Um breve momento de observação foi o bastante para saber que a festa estava indo muito bem, mas que alguns de seus amigos mais próximos a estavam olhando com ar de estranheza.

Não era de admirar. Nenhum deles jamais a vira deixar alguém monopolizá-la por tanto tempo quanto Nick. Só que não havia muita opção naquele momento. Ele parecia exercer uma força de atração contra a qual ela não tinha defesa alguma. Mas já era hora de mudar a situação.

— Tudo bem, Nick. Admito que consegui me deixar confusa. Afinal, por que veio me ver e por que aqui? Se é a respeito de negócios, o que deve ser, já que não nos conhecemos antes, por que não telefonou para meu escritório marcando um horário?

— Vamos nos afastar do bar para conversarmos com mais calma.

O tom dele não deixava margem para argumentação, nem tampouco a maneira como ela foi segura pelo cotovelo e conduzida até o terraço, que se encontrava bem mais vazio. Ainda assim, Tina tentou se convencer de que o acompanhara por causa da curiosidade e não por ser incapaz de resistir.

Quando chegaram a uma área mais tranqüila, cercada por flores perfumadas, os olhos cor de âmbar voltaram a fixar os dela com uma intensidade de tirar o fôlego.

— Passei semanas tentando marcar um horário com você, Tina, mas não obtive sucesso.

— Com quem falou?

— Com seu assistente, Ron Hughes. Na verdade, falei com ele quase todos os dias, mas minhas ligações nunca foram transferidas para você e nem mesmo um horário foi marcado. A resposta era sempre a de que não havia tempo para conversarmos.

Ela deu de ombros.

— Bem, isso é verdade. Minha agenda está sempre lotada, ainda mais nos últimos dias, por causa da nova plataforma marinha que estamos montando. Mesmo assim, vejo que Ron não conseguiu impedi-lo de chegar a mim.

— Seria difícil que qualquer pessoa conseguisse fazê-lo. Apesar de conseguir conter o suspiro que estava prestes a exalar, foi impossível não fitá-lo com ar admirado. Se Nick parecia impressionante quando emoldurado pelo sol, era arrasador quando iluminado pelo luar. Era melhor não se deixar encantar ainda mais. Quanto antes resolvesse aquele mistério, melhor.

— O que é tão importante assim? O que disse para Ron, quanto ao motivo de querer me ver?

O olhar dele se manteve firme e seu tom de voz continuou transmitindo a mesma segurança.

— Eu queria lhe pedir para parar a operação de perfuração o mais depressa possível.

Tina não pôde deixar de rir.

— Não me admira que Ron o tenha ignorado. Seu pedido é absurdo.

Ele enrijeceu o maxilar.

— Para a maioria das pessoas, talvez. Mas você e eu não somos a "maioria" e, além disso, ainda nem pude falar de meus motivos.

Era evidente que o forte dele não era a área de extração de petróleo. Aquele pedido não passava de uma piada. Ainda mais com suas metas pessoais sob sério risco naquele ano.

— Não importa quais sejam seus motivos. Nada me fará parar.

Foi então que Nick a surpreendeu outra vez. Com um de seus sorrisos arrasadores, ele levou a mão a seu delicado pescoço e acariciou-lhe a pele nua com a ponta dos dedos. Por um instante, o toque carinhoso a fez perder a linha de pensamento.

— Você é muito ambiciosa, Tina Baron, mas acho que tenho uma chance de fazê-la mudar de idéia.

— Seu maluco — sussurrou ela, quase sem conseguir respirar sob o efeito da carícia.

— Talvez eu seja, mas vai me dar pelo menos uma chance de explicar minhas razões?

— E-eu não posso. A festa...

— Não agora. Amanhã. Poderemos nos encontrar para o desjejum, onde e quando você preferir.

Apesar de saber que não deveria aceitar, havia algo dentro dela que parecia estar vibrando de excitação diante da perspectiva de poder vê-lo outra vez no dia seguinte.

— Está bem. Amanhã, às nove horas. Teremos o desjejum aqui mesmo.

— Ótimo — murmurou Nick, deslizando os dedos pelo pescoço dela. — Muito bom.

Então ele se curvou e pressionou os lábios nos dela, beijando-a com lentidão, como se tivesse todo o tempo do mundo. Ao mesmo tempo, era como se quisesse devorá-la, de tão intenso que foi o contado. Algum tempo depois, quando o sentiu se afastar. Tina precisou se segurar no parapeito do terraço para não cair.

— Eu a verei pela manhã.

Boquiaberta, só lhe restou ficar paralisada, observando-o desaparecer rumo à saída, em meio à escuridão da noite.

Aos poucos, e com grande esforço, ela se recompôs. Quando conseguiu voltar a respirar de maneira normal, voltou para o bar e pediu um daqueles drinques coloridos, escolhendo o mais alcoólico deles. Depois de tomar um gole generoso, segurou o copo com mais firmeza e voltou para sua festa de aniversário.

Em torno das quatro horas da madrugada, quando os convidados já haviam partido ou se recolhido. Tina foi para sua suíte tomar banho e se deitar. Na cama, não pode

deixar de se sentir ansiosa, ao pensar que em menos de cinco horas iria ver Nick Trejo outra vez.

Sentindo-se entorpecida pelo efeito dos vários drinques que tomara, tentou imaginar o motivo que o levava a crer que seria possível parar a perfuração. Mas isso não importava. Nick estava errado. Nada era mais importante do que fazer aquele poço jorrar petróleo o mais cedo possível. Ninguém poderia se colocar em seu caminho naquele período tão importante.

Nem mesmo um deus do sol, com beijos ardentes como fogo.

CAPÍTULO II

Tina cambaleou até o terraço, levando um frasco de aspirinas em uma das mãos e os óculos escuros na outra. Assim que a luz do sol alcançou seus olhos, um gemido involuntário lhe escapou dos lábios, levando-a a colocar o ray-ban, o que fez com todo cuidado, para não balançar a cabeça.

— Café, madame? — perguntou Guadalupe.

A mulher era uma das quatro pessoas que trabalhavam na casa, e cujos salários estavam incluídos no valor do aluguel.

Ao começar a balançar a cabeça afirmativamente, Tina se arrependeu de imediato, pois o movimento provocou latejadas em suas têmporas.

— Sim, por favor — sussurrou, tentando se manter imóvel por um momento.

Um suspiro aliviado lhe escapou por entre os lábios ao sentar-se na cadeira firme e estável que ficava diante da mesa de desjejum posta no terraço. Sorvendo um gole de café, tomou quatro aspirinas de uma só vez e então se recostou na macia cadeira estofada. Malditas gaivotas. Elas pareciam estar festejando algo, cantando muito, muito alto. E sem parar. Seria possível que aquele barulho estivesse presente ali todas as manhãs?

Nunca tivera uma ressaca antes. Se sobrevivesse àquela, jamais teria outra novamente.

— Deseja algo mais, madame?

Tina quase pulou de susto, pois se esquecera da presença de Guadalupe. Olhando a mesa com cautela, verificou que havia suco de laranja, frutas, frios, ovos e uma boa variedade de pães, torradas e geléias. O bastante para alimentar um pequeno exército.

— Acho que isso deverá bastar, por enquanto.

O problema era que não estava acostumada a ingerir álcool. Jamais passara de uma taça de vinho ou de dois copos de cerveja. E apenas de vez em quando. Mesmo quando estava na faculdade, onde sua turma celebrava a liberdade com grandes quantidades de bebida, ela usava todo o tempo livre para tentar saciar sua fome de saber mais a respeito de negócios e de petróleo.

Ter sucesso sempre fora a coisa mais importante em sua vida. Tinha certeza de que iria superar o impasse em que se encontrava, assim como transpusera todos os outros obstáculos do passado. Sempre com garra e determinação.

Talvez até a dor de cabeça passasse, se conseguisse ficar imóvel de verdade...

Nick fez uma pausa antes de subir os últimos degraus que levavam ao terraço. Tina já estava à mesa, embora não parecesse estar comendo ainda. Sua cabeça estava apoiada no encosto da cadeira e seus cabelos dourados pendiam para trás do móvel, com seus cachos balançando ao sabor da suave brisa da manhã. A abertura lateral do

curto vestido azul que ela estava usando expunha grande parte de uma de suas coxas e deixava boa parte de suas pernas expostas ao sol. E ao alcance da vista. Droga, como poderia se manter concentrado nos negócios diante de uma visão daquelas?

Tivera o mesmo problema na noite anterior. Depois de toda pesquisa que fizera, pensara estar pronto para encontrá-la, mas bastou um olhar para saber que se enganara. Nenhuma foto que vira havia retratado com justiça aquela beleza arrebatadora.

Nick não imaginara que, quando a visse, ficaria encantado. Não antecipara que, cada vez que ela falasse com um amigo, seu rosto perfeito iria parecer se iluminar com sorrisos capazes de deixá-lo sem fôlego. Nem previra que, ao vê-la fazer uma expressão de ansiedade ou de frustração, sentiria a necessidade de afastar o que quer que fosse responsável pelo transtorno. Não sabia que, quando a tivesse nos braços, um desejo ardente iria dominá-lo a ponto de fazê-lo perder a noção de onde estava.

Jamais deveria ter flertado com Tina. O melhor que poderia ter feito seria se aproximar de maneira direta e se apresentar, dizendo o que queria. Mas aqueles olhos azuis pareceram faiscar com tanta vivacidade e encanto diante de cada uma de suas investidas que não fora possível resistir. Quando dançaram, o corpo dela se movera contra o seu com uma espécie de súplica que o levava a desejá-la com uma força que fora impossível ignorar.

Isso sem falar daqueles lábios macios e perfeitos. Era como se pedissem para serem beijados. Mesmo assim, não deveria tê-los beijado. No íntimo, sabia que apenas uma vez não o satisfaria. Mas teria de bastar.

O que iria pedir era muito mais importante do que seus desejos. Não importando o que acontecesse naquela manhã, deveria se lembrar disso todo o tempo.

Subiu a escada que dava acesso ao terraço.

— Bom dia.

Tina se sobressaltou ao ouvir aquela voz profunda e máscula. Com movimentos cuidadosos, levantou os óculos até o alto da cabeça e se virou para olhar Nick Trejo, que se aproximava. A luz do sol brilhava ao redor dele como se estivesse irradiando de seu próprio corpo. Ela voltou a cobrir os olhos com o ray-ban. Então se endireitou na cadeira.

— Bom dia.

Na noite anterior, ela deveria ter percebido que não seria sensato marcar aquele encontro tão cedo, muito menos ao ar livre. Era óbvio que o sol iria brilhar com mais intensidade em qualquer lugar que ele estivesse. Mas como não estava disposta a relembrar o que a levava a não pensar com clareza na noite anterior, decidiu começar a lidar com a situação do momento. O primeiro passo seria ser gentil.

— Sente-se.

Ao vê-lo sorrir, Tina fechou os olhos. Planejava parecer não apenas apresentável naquela manhã, mas também profissional. Contudo, mal conseguira colocar um vestidinho de algodão e um par de sandálias. Costumava usar os cabelos presos quando

estava trabalhando, mas mal conseguira escová-los naquela manhã, tamanha a dor de cabeça que sentia.

Ao voltar a "abrir os olhos, observou Nick se ajeitando na cadeira e ponderou se poderia culpá-lo por sua ressaca. Decidiu então que, para ser justa, não poderia. Afinal de contas, não era culpa dele se ela não suportara o modo como reagira a ele, a ponto de passar o restante da noite experimentando todos aqueles drinques coloridos para se distrair. "Oh, seja uma boa anfitriã, Tina", disse a si mesma.

— Fique à vontade, sim? Sirva-se do que quiser.

— Vou apenas tomar uma xícara de café — respondeu ele, pegando o bule e se servindo, antes de olhar ao redor. — Sua equipe de limpeza deve ser incrível. Se eu não tivesse vindo aqui, ontem à noite, não acreditaria que houve uma festa daquelas proporções.

— É mesmo?

Tina nem se incomodou em olhar em volta. O movimento poderia fazer sua cabeça doer ainda mais. Além disso, como na noite anterior, Nick estava cativando toda sua atenção. Pelo visto, não fazia diferença se estivesse com roupas formais ou com aquele traje esporte que usava no momento, o efeito da presença dele era sempre o mesmo: irresistível. Na verdade, de calça jeans, camisa pólo bege e jaqueta de couro marrom, aqueles olhos cor de âmbar pareciam ainda mais vivos e brilhantes.

Tanta masculinidade parecia capaz de fazer faltar o fôlego de qualquer mulher saudável. Para sua sorte, não estava muito bem naquela manhã. Tentando não suspirar, levou a xícara aos lábios e sorveu mais um gole de café.

Depois de fitá-la por alguns segundos, Nick falou:

— A festa deve ter se estendido até o final da madrugada, não?

— Devo estar com uma aparência ainda pior do que imaginei — murmurou Tina, vendo-o curvar os lábios devagar, em um meio sorriso.

A visão foi o bastante para fazê-la sentir a, mesma onda de calor que a tomara na noite anterior, quando haviam se beijado. Pensara que o sorriso dele lhe surtiria um impacto menor naquela manhã, já que estava de ressaca. Além disso, havia tomado uma precaução a mais contra o deus do sol, usando óculos com proteção ultravioleta. Mas, mesmo assim...

— Na verdade, você está linda. Gostei muito mais de seus cabelos assim, soltos e ao natural.

... Ele a estava afetando ainda mais.

Sentindo o rosto enrubescer de repente, Tina levou a mão aos cabelos de maneira automática. Ao perceber o que havia feito, voltou a baixá-la.

— Obrigada — falou ela, decidindo que seria melhor acabar logo com aquele encontro. — Tem certeza de que não quer nada além de café?

— Já tomei o desjejum hoje cedo, logo ao amanhecer. No momento, apenas café está ótimo para mim.

— Tudo bem — respondeu ela, olhando para o relógio, embora não estivesse conseguindo focalizá-lo. — Você tem quinze minutos antes que o mundo descubra que

estou acordada e que os telefonemas comecem a chegar. Ou que os convidados da festa que pernотaram aqui comecem a chegar para o desjejum.

— Sei que é uma mulher muito importante e, acredite-me, estou muito grato por haver conseguido me encaixar em sua agenda sempre lotada — disse Nick, com um leve toque de ironia, assumindo, em seguida, uma expressão séria. — Há duas coisas que precisa saber a meu respeito. Uma, é que sou professor de arqueologia na Universidade do Texas, embora esteja de licença no momento.

— Arqueologia?

Um disfarce inteligente para um deus do sol. Ao perceber o que pensara, Tina sentiu vontade de rir. Só não o fez por causa da dor de cabeça. Além disso, deveria parar com aquelas analogias, ou acabaria encrocada. Precisava considerá-lo apenas como outro contato comercial e tratá-lo de acordo. Simples.

Só faltava descobrir um meio de fazê-lo.

— Sim, arqueologia. A outra coisa que precisa saber é que, por volta de 1880, meu bisavô encontrou um rico veio de ouro nas montanhas de Sierra Madre, no norte do México. Foi uma descoberta gigantesca. Ele extraiu uma fortuna daquelas montanhas e tinha grandes planos para investir toda aquela riqueza. Depois de transformar tudo em lingotes, levou a carga para o porto de Tampico e o embarcou no Águila. O destino do navio era o porto de Corpus Christi. Aquela fortuna seria um novo começo para ele nessa região. Seu sonho era comprar muitas terras, formar uma enorme fazenda e construir um império.

As aspirinas pareciam estar começando a fazer efeito, já que as latejadas na cabeça de Tina haviam se reduzido a um nível suportável.

— Isso tudo é muito interessante, mas o que a história de sua família tem a ver com minha perfuração de petróleo?

— Apenas ouça, sim? Por favor.

De muitas formas, ele era a própria imagem da força e do poder. Contudo, o modo como pediu, "por favor," transpareceu uma sinceridade e uma súplica que jamais poderia imaginar partir dele. Tina decidiu então ouvir toda a história, até o final.

— Tudo bem.

— O Águila estava quase chegando em seu destino quando foi atingido por um terrível furacão. A tempestade o arrancou de seu curso e o conduziu de volta ao mar, empurrando-o para o Golfo. As ondas estavam altas demais e o navio não resistiu, naufragando.

— Mas que pena. Perder tudo depois de tanto trabalho...

— A perda do ouro acabou com a vida dele. Meu bisavô teve o que hoje sabemos ser uma crise de nervos, mas, de alguma maneira, conseguiu voltar para Sierra Madre uma última vez. Porém, durante sua ausência, outros garimpeiros haviam começado a trabalhar na mina. Isso sem falar que seu coração não estava mais no negócio. Tudo que conseguiu foi extrair uma tímida quantia, antes de ir embora para sempre. Ao voltar para essa região, comprou uma pequena fazenda em Uvalde e criou gado até o fim da vida.

— Deve ter sido muito difícil para ele — falou Tina, sem saber ao certo o que dizer.

Embora Nick a tivesse comovido com aquela história, ela mesma tinha uma montanha de problemas para resolver assim que fosse para o escritório. Para completar, teria de cumprir todas suas tarefas com aquela terrível dor de cabeça.

— Não creio que possa imaginar quanto foi difícil para ele. Nem eu mesmo posso. Só sei que se tratava de um homem muito orgulhoso, que se sentia humilhado por haver falhado. Para tentar fortalecer sua auto-estima, ele contava a história da fortuna perdida de maneira incessante, para todos os conhecidos. Infelizmente, ninguém acreditava e todos caçoavam dele. Meu bisavô morreu triste e desolado.

Pelos painéis de vidro da lateral da casa, Tina pôde ver que Ron já estava atendendo telefonemas e trabalhando duro. Embora precisasse fazer o mesmo, deveria cumprir sua promessa e ouvir tudo o que Nick tinha a dizer.

— A história de sua família é bastante interessante.

— Sim, é uma história que foi passada de uma geração a outra até a minha. Cresci ouvindo isso. Meu avô herdou a nota de embarque do ouro que foi colocado no navio.

— Seu bisavô tinha a nota de embarque? Então porque não a mostrou aos vizinhos?

Ele o fez. Todos pensaram que era falsificada, mas eu e meu avô verificamos há muito tempo os registros da empresa e o documento é verdadeiro.

Olhando por sobre o ombro, Tina concluiu que a agitação de Ron ao telefone só podia significar uma coisa; Jimmy Vega, o encarregado da perfuração, estava com outro problema na plataforma. Naqueles últimos dias, tudo o que podia dar errado havia dado errado.

— Como já disse Nick, isso tudo é muito interessante, mas não vejo a conexão disso com meu poço de petróleo.

— Encontrei o navio afundado e o ouro.

Ron chegou ao terraço naquele momento, andando depressa, carregando o telefone sem fio e anunciando o nome de Jimmy Vega. Maldição. Tina precisava muito falar com ele. Mas ali estava Nick, sentado. Como poderia se concentrar no trabalho diante de um deus do sol? Com um gesto, ordenou que seu assistente voltasse para dentro.

— Desculpe-me, Nick. O que estava dizendo?

— Disse que encontrei o navio com o ouro e que estou pronto para começar a recuperá-lo.

— Ora, meus parabéns.

— Ainda é cedo para isso. Tenho um problema muito sério. Ela soltou um suspiro exasperado.

— Ouça Nick, posso lhe garantir que também tenho uma montanha de problemas para resolver. Talvez até mais do que você. Já ouvi sua história, como disse que faria, mas agora preciso ir trabalhar.

— Mas eu não acabei ainda.

— Sinto muito, mas acabou sim. Pelo menos no que diz respeito a mim.

Se fosse em outra época, seria delicioso ficar horas ouvindo-o falar. Ninguém jamais a cativara daquela maneira. Mas sua situação era crítica, assim como seus prazos. Não poderia perder um minuto sequer ou sua vida daria uma péssima guinada no futuro próximo. Empurrando a cadeira para trás, ela começou a se levantar.

— O Águila, com todo o ouro, está bem próximo de sua plataforma de escavação. Por isso estou aqui.

— Oh — murmurou ela, paralisada.

— O navio está equilibrado à beira de uma escarpa que pende sobre uma fossa. Sua escavação está atingindo uma zona de alta pressão. Bastaria um único abalo sísmico pra mandar o navio para o fundo do abismo, onde ele ficaria perdido para sempre. Até mesmo uma série de pequenos tremores poderia fazê-lo.

Tina suspirou. Não havia nada a dizer, exceto:

— Você tem razão.

Nick balançou a cabeça afirmativamente, parecendo satisfeito por fazê-la entender.

— Preciso de tempo para estabilizar o Águila, prendendo-o de tal maneira que fique protegido de qualquer coisa que aconteça em seu poço.

— Não imagino como possa fazer isso.

— Será difícil, mas sei como fazê-lo. Posso deixar o navio em uma situação de relativa segurança. Além disso, com uma equipe treinada como a sua e com todo aquele equipamento de alta tecnologia, a probabilidade de haver uma grande catástrofe é muito pequena. Porém, há outras coisas lá embaixo para atrapalhar. Por isso estou aqui. Para pedir que pare de escavar por, pelo menos, três meses.

— Pelo menos?! — exclamou Tina, sentindo a dor de cabeça ficar mais forte outra vez. — Nick, eu não poderia parar nem mesmo por uma semana!

Tempestade de Emoções

Foi possível notar que o corpo dele ficou tenso.

— Qual seria o problema, Srta. Baron? Já não é rica o bastante?

A pergunta a atingiu como uma bofetada.

— Não. Na verdade não sou Sr. Trejo.

Ele não se moveu nem desviou os olhos dos dela.

— Engraçado. Você não me pareceu uma pessoa avarenta.

— Acha mesmo que tem moral para me chamar de avarenta? Está me pedindo para desistir de três valiosos meses de uma operação que gerará milhões de dólares para que você possa se assegurar de que terá sucesso ao recuperar seus próprios milhões em ouro.

Os olhos cor de âmbar pareceram se tornar gélidos de repente.

Ron voltou a se aproximar com o telefone sem fio na mão. Dessa vez, com uma expressão de grande ansiedade, anunciou:

— Lamento interromper, mas Vega insiste em lhe falar. Tina pegou o telefone no mesmo instante em que Nick se levantou.

— Espere um minuto, Jimmy — pediu ela, cobrindo então o bocal do aparelho e encarando Nick.

— Não vou mais tomar seu tempo essa manhã — falou ele, olhando para o relógio.
— Virei apanhá-la hoje à noite, às sete horas.

— O quê?!

Nick já estava se afastando pelo terraço.

— Sete horas.

Dizendo aquilo desceu os degraus e desapareceu.

Sete horas? Aquilo era um convite para um encontro? Um encontro? Era difícil imaginá-lo fazendo algo tão mundano quanto convidar uma mulher para sair. Ele só devia estar querendo mais tempo para tentar fazê-la mudar de idéia. Não havia nada que a obrigasse a aceitar. Contudo...

— Tina? Tina?

Olhando para o aparelho em sua mão, ela o levou ao rosto.

— Desculpe-me, Jimmy. O que aconteceu agora?

Nick entrou no carro e rumou para a pequena casa que estava prestes a alugar, perto dali. Tina Baron era tão inteligente quanto ele previra. Desde o começo, estava ciente de que seria difícil convencê-la. E por que deveria ser diferente? Seu pedido envolvia um grande sacrifício por parte dela. Mas algo dentro dele lhe dava esperança de que poderia fazê-la entender e concordar.

Maldição. Por que não mantivera as mãos longe de Tina na noite anterior? Por que não se concentrara nos negócios? Teria sido muito mais fácil para lidar com a situação.

Suas emoções estavam todas misturadas, tornando voláteis todas as palavras e todos os gestos. De que outra maneira poderia explicar o desejo que sentia, de se levantar daquela mesa e de tomá-la nos braços para beijá-la com voracidade? E, para piorar, sentira isso mesmo depois de ter ouvido um "não".

Passando uma mão pelo rosto, segurou o volante com a outra enquanto soltava um suspiro exasperado. Era necessário controlar seu desejo, pois precisaria apresentar seu problema de uma maneira que a comovesse. Na verdade, teria de preparar uma armadilha.

Teria pouco mais de nove horas para fazer todos os preparativos. Não haveria margem de erro. Depois daquela noite, não teria outra oportunidade de fazê-la mudar de idéia. Com um movimento brusco ao volante, começou a seguir em outra direção.

Seis e quarenta e cinco. Tina verificara seu relógio de pulso três vezes naqueles últimos cinco minutos. Faltava apenas quinze minutos para a chegada de Nick e ela não fazia idéia de onde iriam, nem se aquele seria um jantar de negócios ou um encontro de verdade.

O mais intrigante foi descobrir que, mesmo que ele estivesse planejando passar as horas seguintes tentando convencê-la a parar a perfuração, ela continuava desejando encontrá-lo outra vez. Mas seria muito melhor se fosse um simples encontro social. Fazia algum tempo que não saía de casa apenas para passear.

Contudo, como sua vida profissional já oferecia muitos riscos, era mais tranquilo não deixar que nenhum perigo

OU incerteza abordasse sua vida pessoal. Se não tinha encontros com rapazes, era por opção própria, em benefício de sua segurança.

Sua situação naquele momento provava que sempre agira da maneira correta. Bastara conhecer Nick na noite passada e ali estava ela, arrumada para um encontro que não planejava, sem saber para onde iria nem o que fariam juntos.

Ainda bem que a dor de cabeça havia passado ao longo do dia, apesar de todos os problemas que tivera para resolver. Se não fosse Jimmy Vega no comando da escavação, não poderia ter dado atenção a todas as outras unidades da Baron International que estavam sob seu comando. Além disso, se houvesse petróleo naquele poço, Jimmy seria a pessoa mais indicada do mundo para fazê-lo jorrar.

O problema era que não poderia contar com a possibilidade de não haver petróleo ali. Mesmo que todos os testes indicassem a presença de uma enorme jazida, eram apenas testes. Apesar de seus instintos jamais haverem falhado antes, e de todos seus poços produzirem bem, sempre havia uma primeira vez para se falhar.

A parte mais louca de tudo aquilo era saber que estava fazendo fortuna em um ritmo que deixaria qualquer um feliz, mas isso não era o bastante para satisfazer as exigências deixadas por seu pai.

Ao olhar para o relógio mais uma vez, sentiu seu coração começar a bater mais forte. Estava quase na hora da chegada de Nick. Foi preciso respirar de maneira profunda para se recompor, pois estava ficando ofegante por causa da ansiedade.

— Você está linda.

Tina se virou e lá estava ele, emoldurado pelo sol poente. Seu estômago se contraiu com força.

— Obrigada. Como eu não sabia para onde iríamos, não sabia ao certo como me vestir.

Droga! Estava falando feito uma colegial encabulada diante de seu primeiro encontro.

Os olhos dele percorreram desde o sapato de salto médio passando pelo vestido vermelho de tecido esvoaçante e terminando por admirar-lhe os cabelos presos de lado por uma presilha forrada de cetim no mesmo tom da roupa. Então os lábios sensuais se curvaram em um sorriso.

— Sua escolha foi perfeita.

— Então, onde estamos indo?

Nick estendeu a mão e, antes que pudesse pensar Tina a aceitou,

— Vamos para um lugar do qual gosto muito e, quando sairmos de lá, espero que esteja gostando tanto quanto eu.

Enquanto falava, ele a conduzia para o lugar onde seu carro estava estacionado. Contudo, antes de chegarem, ela fez uma parada abrupta e soltou a mão dela.

— Não gosto de jogos de adivinhação, Nick. Já fizemos isso na noite passada e acho que foi o bastante. Do que se trata agora? Será um encontro normal ou irá passar

o jantar inteiro tentando me convencer a mudar de idéia quanto a seu pedido? Porque, se for esse o caso, não adiantará nada. Não há a menor possibilidade de pararmos a perfuração por três meses e, para ser franca, não estou disposta a gastar uma noite inteira discutindo esse assunto.

Ele a fitou por algum tempo, seu olhar parecendo tocá-la, mas dessa vez como uma suave carícia. O efeito foi arrebatador. Suas pernas começaram a ficar trêmulas.

— Sua opinião ficou muito clara, Tina. E, quanto à noite de hoje, tenho muita esperança de que seja um encontro normal e agradável.

Soltando um suspiro, ela ponderou a respeito do que ouvira. Apesar do tom sincero dele, parecia haver algo errado. Deveria ser por causa de sua falta de prática, já que fazia anos que não tinha um encontro de verdade com alguém. E já que a intenção dele também era a de que aquela fosse uma agradável noite de lazer, não havia motivo para recusar. Enquanto estavam juntos, Nick a fazia esquecer-se de sua vida atribulada e cheia de pressões.

Com um sorriso, Tina estendeu a mão e segurou a dele outra vez.

— O aeroporto? Nick, o que estamos fazendo aqui? — indagou Tina, vendo-o estacionar o carro em uma vaga ao lado da entrada.

— Peguei emprestado o avião de um amigo, para podermos ir jantar.

— Ouça, foi muita gentileza sua ter tido todo esse trabalho para nosso encontro, mas isso tudo não era necessário.

— Não, mas eu queria fazê-lo.

Ela balançou a cabeça negativamente, dizendo:

— Tive um dia difícil, Nick. Estou muito cansada para viajar. Prefiro ficar na cidade.

— Isso não irá requerer nenhum esforço da sua parte — disse ele, desligando o motor e colocando o braço sobre o encosto do banco dela, tocando-lhe a lateral da nuca. — Bastará sentar-se a meu lado e relaxar.

"Como se isso fosse possível", pensou Tina.

— É que...

— Se está preocupada com sua segurança, não precisa ficar. Sou um piloto excelente. Quanto ao avião, é o mais novo modelo Cessna do mercado e tem recebido a manutenção adequada após cada vôo. Se não fosse assim, eu nem iria sugerir esta viagem.

— Não é isso.

— Bem, esta não pode ser a primeira vez que um homem a convida para voar com ele até um lugar especial para jantar.

— Ora, não. Você não é o primeiro a fazer isso.

— E quando foi convidada, por acaso aceitou?

— Sim.

— Nesse caso, qual é o problema?

— Nenhum. É que, na maioria das vezes, fui com um grupo de amigos.

— E nunca fez isso com apenas um homem?

— Uma ou duas vezes. Ouça...

— Por favor, Tina. Isso é importante para mim. Inclusive, já fiz todos os preparativos.

Maldição. Aquele por favor, outra vez. Além disso, ela estava com muita vontade de ficar algumas horas na companhia dele. Isso sem falar que essa talvez fosse uma oportunidade única. Seus objetivos eram tão diferentes que não era muito provável que voltassem a se encontrar algum dia. Naquela noite, contudo, só queria esquecer-se de suas diferenças e encontrar semelhanças entre eles. Se pudesse encontrar pelo menos uma, já seria uma vitória.

— Tina?

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Vamos.

Minutos depois, sentada ao lado dele, no assento de passageiro do avião, Tina sorriu ao notar que estavam voando em linha reta rumo ao sol que se punha no horizonte.

CAPÍTULO III

— Uvalde? Este restaurante do qual gosta tanto fica em Uvalde? Só depois que o avião parou por completo, já no hangar, Nick se virou para encarar Tina.

— Confie em mim. Sei que vai adorar o jantar.

Ela não se incomodou com a resposta. Conversaram bastante durante o vôo, o que tornou o passeio agradável e a deixou de ótimo humor. O que mais a agradara, porém, fora o fato de não haverem falado a respeito do navio afundado nem do ouro.

Quando desembarcaram, Nick ofereceu a mão para ajudá-la a descer e não a largou mais, mesmo quando começaram a andar.

— Espero que goste do que planejei para nós.

— Tenho certeza de que gostarei.

— Está bem, vamos lá. O carro está logo ali ao lado.

Eles caminharam até um lindo e luxuoso Cadillac da década 70, limpo e polido como se fosse novo. Uma raridade digna de um grande colecionador.

— Este carro é alugado? — indagou Tina.

— Não, este Cadillac é uma das propriedades da minha família.

— É mesmo?

— Sim, é dos meus avós.

— Oh. Então eles moram em Uvalde.

— Isso mesmo.

Tudo começava a fazer sentido.

— Eu estava pensando que tipo de restaurante poderia haver nesse lugar que pudesse ser tão especial para você. Foi aqui que cresceu, não foi?

— Foi sim — disse Nick, com um sorriso saudosista.

— Aposto que servem deliciosos Tex-Mex nesse lugar, certo?

— Ocasionalmente, mas não hoje. Espero que não fique decepcionada.

— Claro que não. Posso saciar minha vontade de comer Tex-Mex lá em Corpus Christi.

— Ótimo.

Houve um instante de pausa antes que Tina voltasse a falar.

— Então, você é professor na universidade?

— Isso mesmo.

— Nesse caso, deve ter uma casa em Austin.

— Sim, tenho. Por acaso conhece Austin?

— Fiz faculdade lá. Era uma das exigências para mim e para minhas irmãs.

— Exigências?

Ela sorriu com amargura.

— Oh, sim, teria de ser a Universidade do Texas, ou nada.

— Parece-me que seu pai tinha idéias bem definidas quanto ao que queria para vocês.

— Esta é uma maneira de defini-lo.

"A outra era chamá-lo de ditador", concluiu ela.

— Bem, pelo menos uma coisa é certa: ninguém se arrepende de estudar lá — disse Nick, com uma piscadela charmosa e um sorriso. — Em que se formou?

— Engenharia petrolífera. O curso foi mesmo ótimo. Além disso, Austin é uma cidade excelente.

— É mesmo. Além de bem estruturada, o ritmo de vida dali é bastante agradável.

— Bem diferente de Dallas, não é? Ele se virou para encará-la.

— Não gosta de morar em Dallas?

— Oh, eu adoro morar lá. Há sempre algo acontecendo na cidade, e é uma ótima base para operações internacionais.

— Pode ser, mas, nos dias de hoje, com toda essa tecnologia de comunicação, qualquer cidade grande é uma boa opção.

— Hum-hum — murmurou Tina.

Não adiantava sonhar em se mudar para um lugar mais tranquilo se seu pai e seu tio haviam escolhido a agitada Dallas como sede para os escritórios da Baron International. Estava trabalhando lá desde sua formatura na faculdade e adorava o que fazia. Por mais que fosse estressante ser eficiente, o fato de ser boa no que fazia a levava a gostar mais ainda do trabalho.

Apenas aquela irritante habilidade de seu pai em conseguir influenciar sua vida mesmo depois de morto era que a impedia de ser mais feliz no trabalho. Naqueles últimos dois anos, o legado do velho Sr. Baron conseguira acelerar seu ritmo de vida a uma correria constante, sem margens para sentir prazer nem satisfação com cada conquista.

Então, ao olhar ao redor, sentiu-se surpresa. No instante seguinte, olhou para Nick, dizendo:

— Talvez o meu senso de direção esteja me enganando, mas a cidade não fica para o outro lado?

— Sim, mas nosso jantar fica para este aqui — respondeu ele, pisando ainda mais no acelerador.

— Estamos entrando na região rural. Não há mais nada ao nosso redor.

— Não é bem assim. Estamos quase lá. Recostando-se no banco, Tina optou por ficar quieta e esperar. Depois de rodarem alguns quilômetros por uma estrada não asfaltada, uma casa surgiu diante deles. A construção era como um monumento solitário em meio ao verde, realçada pela luz tênue que ainda restava do sol já posto.

— É ali que vamos jantar, não é?

— Isso mesmo — respondeu Nick, estacionando o carro diante da casa para então contornar o veículo e abrir a porta do lado dela, estendendo-lhe a mão.

— Mas não parece haver ninguém aqui por perto, exceto nós — falou ela, aceitando a oferta e saindo do veículo.

— Acertou de novo. Será um jantar bastante exclusivo.

— Mas...

— Ora, vamos lá. Este sempre foi meu lugar favorito e estou ansioso para compartilhá-lo com você.

— Oh, está bem.

Não fazia sentido começar a hesitar àquela altura dos acontecimentos, pensou ela. Seguindo-o pela varanda, ficou atenta quando ele acendeu as luzes do interior na casa. Parecia uma residência muito antiga, com a clássica mistura de estilos daquela região simples,

— Mas que aroma delicioso! — disse Tina, com sinceridade. — Não imagino o que seja, mas está me dando água na boca.

— Garanto que o sabor é ainda mais impressionante. Mas, antes, não gostaria de ir ao toalete para se refrescar?

— Sim, obrigada.

— Por ali, primeira porta à direita — orientou Nick, apontando para o corredor e então se voltando para uma porta. — Quando acabar volte até aqui e então siga por aquela passagem lá.

— Se aquele é o lugar de onde vem este delicioso aroma, pode ter certeza de que acharei o caminho.

Enquanto se lavava, olhou ao redor e ponderou sobre o que via. Aquilo parecia uma casa de veraneio, dessas ocupadas apenas de vez em quando, não um restaurante típico da região. Além disso, havia personalidade demais naquela mobília sólida e antiga.

Minutos depois, reuniu-se a ele na cozinha, onde a mesa estava posta. O lugar parecia haver saído de uma revista sobre casas de campo.

— Isso aqui é um cenário, não é? — indagou Tina, achando que tudo parecia típico e perfeito demais, até mesmo o desgaste do assoalho e dos móveis de madeira.

— Um cenário? — Nick riu. — Como os que são usados na televisão?

Percebendo que sua hipótese era tola, Tina balançou a cabeça negativamente.

— Faça de conta que eu não disse nada, está bem?

— Como preferir. Sente-se. Vou lhe servir uma taça de vinho. Ela fez o que foi sugerido, então disse:

— Vejo que está muito à vontade aqui dentro. Acho que já é hora de me contar o que está havendo. Ninguém mora aqui, não é mesmo?

— De certo modo, sim, de outro, não.

— Não estou interessada em seus joguinhos de adivinhação, Nick. A quem pertence esta casa?

— A meus avós. Eles estão morando na cidade no momento.

Tempestade de Emoções

— Então ninguém mora aqui.

— Eles também moram aqui.

— Mas acabou de dizer que... Esqueça. Deixe-me tentar outra pergunta. De onde veio a comida?

— Isso foi obra de minha irmã, Kathie. Ela é casada com um farmacêutico e eles moram na cidade, onde criam as duas filhas. Mas foi minha avó que a ensinou a cozinhar e tudo o que comeremos esta noite consta no arquivo de receitas da família. Pode acreditar em mim quando digo que nosso jantar será delicioso.

— Deixe-me ver se entendi. Sua irmã veio até aqui, cozinhou tudo isso e foi embora antes de chegarmos?

Nick, que estava de pé ao fogão, ajeitando a comida nos pratos, abaixou-se para retirar o assado do forno.

— Isso mesmo. Já que eu havia falado sobre nosso roteiro, não foi difícil aprontar as coisas com um bom sincronismo. Além disso, minha irmã não se incomodou em fazê-lo.

— Foi muita gentileza da parte dela. Creio que ela esteja acostumada a fazer isso por você.

Ele parou em meio ao que fazia e a encarou.

— Não.

— Está querendo me dizer que nunca trouxe outra mulher aqui, com esse tipo de armação?

— Nunca fiz isso antes.

— Oh, claro — desdenhou Tina, com ar incrédulo.

Ele soltou a forma do assado sobre o fogão e caminhou na direção da mesa. Então apoiou a mão ao lado da dela e se curvou para frente, até que seus rostos estivessem bem próximos. Os olhos cor de âmbar mostraram um brilho especial.

— Essa é a primeira vez que peço para Kathie fazer algo do gênero. E quando eu disse de quem se tratava, ela se mostrou mais do que satisfeita em poder cozinhar nosso jantar.

— Você contou quem eu era — falou Tina, tendo a sensação de que aquele lugar perdera o brilho de repente. — Entendo. No fim, tudo se refere à perfuração. Não precisaria ter se dado ao trabalho de armar tudo isso. Eu poderia lhe dizer "não" lá em casa, da mesma forma que o farei aqui.

Nick ficou em silêncio e voltou aos preparativos, acabando de servir o jantar. Só voltou a falar quando se sentou à mesa, encarando-a.

— Não vou mentir para você, Tina. Em parte, essa viagem também envolve uma tentativa de fazê-la parar a perfuração por três meses.

— Nesse caso, creio que não tenha me ouvido direito quando eu disse... — esbravejou ela, fazendo uma pausa ao vê-lo levantar a mão.

— Mas, ao mesmo tempo, fui sincero ao dizer que tinha esperança de que esse fosse um encontro comum, sem tratarmos de negócios. A verdade é que quero conhecê-la melhor.

Tina conteve um suspiro. Os olhos dele brilhavam como estrelas em uma noite sem lua. Seria mais fácil encará-lo se ele estivesse usando óculos escuros.

— Oh.

— Como já deve ter percebido, eu a quero muito. Tive certeza disso no instante em que a vi em sua festa.

Tina ficou sem fôlego.

— Mas...

— Eu a desejo muito mais do que sou capaz de expressar com palavras. Quando fui a sua casa, na noite passada, minha motivação era apenas profissional. Mas quando a vi e a senti junto a mim, enquanto dançávamos... — O olhar de Nick se desviou para os lábios dela. — Foi impossível não beijá-la. E quando parti, continuei a desejá-la.

Ela sentiu um nó na garganta. Sorvendo um grande gole de vinho, forçou-se a engoli-lo. Só então tentou falar:

— Ou você é muito direto ao dizer o que pensa ou mente muito bem quando deseja conseguir algo.

— Eu não mentiria para você, Tina. Não a respeito disso.

— E como posso ter certeza? Nós nos conhecemos na noite passada. Hoje, sob a promessa de me levar para jantar, acabei sendo trazida até esta casa deserta.

— Mas nós estamos prestes a jantar. Não houve mentira alguma nisso. Também não estou mentindo a respeito do que sinto por você. Tenho certeza de que, lá no íntimo, sabe que estou sendo sincero.

Tina sabia. Era por isso que estava se sentindo desesperada. Nick dissera que a desejava não que a amava, o que era ótimo. Jamais acreditaria se o ouvisse dizer que a amava. De qualquer maneira, havia emoções ali com as quais ela jamais lidara antes.

— Espero que sinta o mesmo que eu — murmurou ele, sem deixar de sustentá-lo o olhar.

Maldição. Aquele era um dos problemas. Ela o desejava até demais. Jamais soubera lidar direito com tal tipo de coisa. Era por isso que optara por ter muitos amigos e nenhum namorado. Jill saberia o que fazer para dominá-lo em sua sofisticada teia. Kit o encantaria com suas risadas e com seu jeito tresloucado.

Por que não aprendera a fazer aqueles jogos com os homens? Ora, porque era mais fácil retirar petróleo das entranhas da terra, é claro. Como poderia "jogar" se nunca aprendera a mentir direito? Só o que sabia era dizer a verdade.

— E então, Tina? Por acaso sente por mim ao menos uma fração do desejo que estou sentindo por você?

Não adiantaria tentar mentir.

— Acha que eu estaria aqui se não sentisse?

Foi como se um peso enorme fosse colocado sobre ambos. Parecia estar ficando cada vez mais difícil respirar.

— Há uma última coisa que deve saber. Tina, porque é algo que, de certa forma, nos leva além do âmbito das emoções que sentimos um pelo outro. Quero que fique a par de certos detalhes enquanto estiver aqui.

— Detalhes?

— Sim, a respeito de minha família.

— Aprender sobre eles não é o mesmo que conhecê-lo melhor?

— De certa forma, sim.

— É. Quer gostemos ou não, nossas famílias têm uma enorme participação em nossas formações.

Antes de responder, ele sorriu com ternura.

— Fico feliz que entenda isso.

Tina entendia muito melhor do que qualquer um podia imaginar. A dinâmica de sua família era mais complicada do que o roteiro de uma saga televisiva. Soltando um suspiro, concluiu que precisava se recompor. Nada melhor do que começar a comer. Afinal de contas, o aroma estava mesmo convidativo.

Para seu alívio, Nick não hesitou em fazer o mesmo. Pelo menos por algum tempo, seria bom fingir que não havia uma enorme tensão entre eles e que o desejo que sentiam um pelo outro não era tão significativo, mesmo que fosse quase palpável.

Quando voltaram a conversar, foi possível dialogar sobre os mais diversos assuntos, todos seguros e nada parecidos com os dilemas que os envolviam.

Tina estava acabando de tomar café, após o jantar, enquanto Nick reunia a louça na pia.

— Lembre-se de dizer a sua irmã que adorei o jantar que ela preparou para nós,

— Eu não esquecerei. Kathie está sempre recebendo elogios por cozinhar bem, mas toda vez que isso acontece ela fica feliz o dia todo.

Não querendo dar tempo para que algum assunto perigoso entrasse em pauta, Tina tratou de tomar à dianteira.

— Então, já que seus avós moram na cidade, por que a casa continua mobiliada?

— Meu avô tem um problema grave no coração, que precisa de monitoração constante. Minha avó é mais saudável, mas, com a idade dela, tudo pode acontecer. Todos nós sabíamos que seria melhor tê-los na cidade, perto do hospital, mas aqueles dois cabeças-duras cismavam em continuar aqui. O único modo de convencê-los a ir foi prometer que a casa seria mantida intacta, pronta para recebê-los a qualquer momento. De vez em quando, Kathie e eu os trazemos para cá para passarem um ou dois dias. Isso os faz feliz e os deixa em segurança, que são as duas coisas mais importantes nisso tudo.

Ao acabar de falar, Nick se virou para a pia e começou a lavar a louça. Os lábios de Tina se curvaram em tom sorriso.

— Sabe qual a minha opinião? — Não. Qual é?

— Acho que seus avós têm muita sorte por terem vocês dois como netos.

— Ah, Kathie e eu é que somos os sortudos. Eles nos criaram.

— É mesmo? Por quê?

— Nossos pais morreram em um acidente de avião. — Que pena. Eu sinto muito.

— Já faz muito tempo. Eu tinha oito anos de idade e minha irmã tinha sete. Mas nossos avós estavam lá para nos acolher. Agora é nossa vez de cuidar deles.

— Isso é maravilhoso — falou ela, com ar admirado.

— O que estamos fazendo é pouco, comparado ao que eles fizeram por nós.

Droga. Tina não conseguia encontrar nada nele que a desagradasse. Mesmo assim, nada poderia mudar a realidade: em um ponto crucial, seus interesses eram contrários e conflitantes. Soltando um suspiro, deixou que o silêncio se prolongasse antes de dizer:

— Não posso parar a perfuração, Nick. Nada me fará mudar de idéia. Não importa quanto eu me emocione com qualquer coisa que você diga ou faça. Além disso, eu gostaria de voltar para Corpus Christi assim que possível, então deixe que eu o ajude com esses pratos. — Ela caminhou até a pia e parou ao lado dele, colocando as mãos na água.

— É melhor que eu lave enquanto você enxuga e guarda a louça. Afinal, não sei onde colocar as coisas.

— Por que está tão ansiosa para partir? Por acaso o jantar não a agradou?

— Pelo contrário. A comida estava deliciosa e o lugar é maravilhoso — garantiu Tina, sorrindo. — Obrigado por me trazer aqui.

— Foi um prazer. Mas ainda não me disse por que está tão aflita para partir.

— Terei um dia cheio amanhã e preciso preparar alguns papéis ainda hoje, antes de ir dormir.

Nick fez uma careta e soltou um suspiro.

— Você mantém uma agenda cruel. Por acaso nunca sentiu vontade de passar um ou dois dias de folga?

— Só de vez em quando. A verdade é que amo o que faço. Depois de enxugar outra travessa, ele a olhou de lado, observando-a e tentando deduzir o que se passava em sua mente.

— Pelo visto, nosso encontro não foi lá um grande sucesso.

— Eu não diria isso. Essa noite foi uma experiência bastante única para mim.

— Ótimo. Fico contente que pense assim, pois quero que conheça meus avós.

— Bem que eu gostaria. Quem sabe da próxima vez?

Pelo tom vago dela, sua mente já estava de volta em Corpus Christi, trabalhando em algum problema, deduziu Nick. Como poderia culpá-la? Fizera o mesmo ao longo de toda sua vida. Seu trabalho sempre fora sua maior paixão.

Naquele momento, contudo, sentindo o calor do corpo feminino ao lado do seu, diante da pia, nada parecia mais importante do que tê-la nos braços.

Um beijo. Sim, talvez um beijo pudesse saciar aquele desejo que sentia. O perfume dela, aqueles cabelos dourados, os lábios polpudos... Um beijo. Apenas um beijo...

Enxugando as mãos, Nick jogou o pano de prato sobre a mesa e se virou para Tina, segurando-a pelos ombros.

Ao pressentir o que viria depois, ela sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Suas pernas estremeceram quando os lábios de ambos se encontraram. Depois de agitar suas mãos úmidas pelo ar, como se não soubesse o que fazer com elas, acomodou-as sobre aqueles ombros fortes. Não poderia negar que estava sendo

cúmplice daquele beijo. Estava desejando aquilo tanto quanto ele. Mesmo que tentasse, não conseguiria evitar que seu corpo reagisse por conta própria e se colasse ao dele.

O intenso desejo mútuo pareceu sair do controle de um momento para outro. Como era possível que aquele contato fosse ainda mais ardente que o da noite anterior? Era como se uma fornalha estivesse fazendo seu sangue ferver. Nenhum homem a fizera sentir tantas coisas ao mesmo tempo.

Roçava o corpo contra o dele de maneira sensual. Era possível sentir a excitação de Nick, apesar das roupas que os separavam. Aquelas mãos fortes e grandes a seguravam e acariciavam como se estivessem em todos os lugares ao mesmo tempo. Quando deu por si, estava acariciando aqueles macios cabelos castanhos.

De repente, seu desejo secreto foi atendido e ele começou a tirar seu vestido. Algo incrível, maravilhoso, assustador e perigoso estava prestes a acontecer. Mas estaria ela pronta?

Apavorada, reuniu forças para empurrá-lo. Aquilo o surpreendeu tanto que Nick precisou se segurar no balcão para se afirmar.

— Por favor... Oh, por favor, leve-me para casa. Agora — implorou ela, virando-se para o outro lado e baixando o olhar.

— O que aconteceu, Tina?

Ao fazer tal pergunta, ele soube a resposta. Não havia outra explicação. Aos olhos dela, tudo o que estava acontecendo ali deveria estar parecendo apenas um jogo de sedução com motivos ulteriores. Afinal, como poderia ser diferente? Mesmo que chegassem a fazer amor, haveria sempre o fantasma da dúvida entre eles.

Pensando com mais clareza, Nick jurou para si mesmo que não deixaria mais seu desejo sobrepujar o bom senso. Por causa da maldição de sua família, aquele barco cheio de ouro, jamais poderia ter Tina em seus braços sem dar a impressão de estar tentando seduzi-la para conseguir fazê-la parar a perfuração.

— Nick? Eu disse que gostaria de ir embora agora.

— Isso é tudo o que tem a dizer? Não acha que precisamos conversar a respeito do que acabou de acontecer?

Tina se virou para encará-lo outra vez. Seu rosto estava empalidecido.

— Não há muito que dizer, não acha? Exceto que isso não deveria ter acontecido. Mas isso nós dois já sabemos. Agora, por favor, eu gostaria de ir embora.

Aquele era o momento que ele tanto evitara. Estava se debatendo com isso desde que fora buscá-la. Chegara o momento de fazer naufragar de vez qualquer chance de haver algum envolvimento sincero entre eles.

— Sinto muito, Tina, mas não a levarei para casa esta noite.

CAPÍTULO IV

— O quê?! O que foi que disse? Nick cruzou os braços em frente ao peito e se recostou no balcão. Ainda precisava daquele apoio.

— Vamos passar a noite aqui e, pela manhã, iremos para a cidade. Irei apresentá-la a meus avós.

— Diga que isso é uma brincadeira — falou Tina, em tom impaciente.

— Estou falando sério.

— Não faço idéia do que está planejando, Nick, mas, de uma forma ou de outra, irei embora esta noite.

Ao acabar de falar, ela o fitou com atenção, tentando entender do que se tratava aquilo tudo. Seria possível que as surpresas, mesmo que desagradáveis, nunca acabariam de surgir?

— Você é a encarregada absoluta da divisão petrolífera da Baron International. Isso significa que pode tirar folga quando bem entender. Qual é o problema?

— O problema é que agora não é o momento para isso. Na verdade, não estou gostando nada dessa sua história. Quantas vezes já ouviu falar a respeito de minha agenda estar sempre lotada? — Tina alterou o tom de voz, tornando-se ainda mais severa. — Pois trate de acreditar nisso,

— Oh, eu acredito. Mas um dia a mais não fará a menor diferença.

— Quem você pensa que é para dizer o que devo ou não devo fazer?

— Como é muito importante que conheça meus avós, passaremos a noite aqui.

— Nem pensar! Faça o que quiser da sua vida. Quanto a mim, vou para casa.

— Não creio que vá.

— Ah, é? Pois fique olhando. Vou fretar outro avião e voltar para Corpus Christi.

— Não há esse tipo de serviço por aqui — falou Nick.

— Mas eu vi aviões particulares no aeroporto, quando chegamos aqui. Posso perguntar o nome do dono de um deles e contratá-lo para me levar embora.

— Já é tarde. As pessoas daqui dormem cedo e não irão querer sair da cama para levá-la para Corpus Christi.

— Como pode saber o que os outros farão? Ao contrário do que pensa não se pode determinar o que alguém fará ou não. É errado, por exemplo, manter-me aqui contra minha vontade.

Tina o viu dar de ombros e responder, com toda calma do mundo:

— Mesmo que consiga convencer alguém a ajudá-la, o que duvido muito, como é que pretende chegar ao aeroporto? Não irei levá-la.

— Chamarei um táxi.

— Nenhum motorista viria tão longe a esta hora da noite.

— Tudo tem seu preço. Pela quantia certa...

— Lamento desapontá-la — falou Nick, interrompendo-a —, mas esse é um dos poucos lugares do mundo em que seu dinheiro não irá ajudá-la.

— Ora! Mas isso tudo é inconcebível!

— É mesmo. Na verdade, é puro desespero. Quero que conheça meus avós para que compreenda o motivo de o Águila ser tão importante para mim.

— Acha mesmo que me mantendo aqui contra minha vontade estará contribuindo para que eu seja favorável a sua causa?

— Esta é minha única chance.

— Pois tenho uma novidade para lhe contar: tudo o que conseguirá com isso será a garantia de minha não cooperação!

— Como eu disse, preciso tentar.

— Assim como eu. Onde está o telefone e a lista telefônica? Sei que deve haver um aqui, em algum lugar, já que seus avós vêm para cá de vez em quando.

— Ali, naquele canto. Está pendurado na parede. A lista está aqui. — Nick pegou o grosso volume de dentro de uma gaveta do armário. — Sinta-se em casa.

Durante os quinze minutos seguintes, Tina telefonou para todos que pareciam ser capazes de ajudá-la, desde as companhias de táxi até o aeroporto. Chegou a ligar para a polícia, mas quando se identificou e citou o nome de quem a estava mantendo presa, ouviu o xerife soltar uma mal disfarçada risada antes de mandá-la ir dormir. Seu último esforço foi tentar chamar uma ambulância, mas quando confessou não estar doente, a atendente se recusou a ajudá-la.

Por fim, telefonou para Ron, mas foi obrigada a deixar um recado em sua secretária eletrônica. Ele deveria estar com a namorada. Era provável que passasse a noite na casa dela, obviamente com o telefone celular desligado.

— Não estava em casa? — indagou Nick, ao vê-la colocar o fone no gancho.

Tina o fuzilou com o olhar.

— Pare com as gracinhas. Sei que ouviu muito bem tudo o que falei. Afinal de contas, como foi que teve essa idéia de me raptar?

— Ei, você veio por livre e espontânea vontade.

— Porque fui enganada por suas mentiras.

— Eu não a enganei nem menti. Apenas não contei toda a verdade.

— Omissão da verdade é o mesmo que mentir, e nós dois sabemos disso!

— Era a única maneira de fazê-la subir naquele avião.

— Havia outras formas — disse Tina, com sarcasmo. — Poderia me drogar ou me amarrar. Talvez me nocautear com um soco e me colocar em uma mala.

Nick franziu o cenho.

— Acha mesmo que eu a machucaria?

— Como posso saber? Nunca pensei que você teria coragem de me manter aqui contra minha vontade, mas eu estava enganada.

Exasperada, começou a andar de um lado para outro. Não poderia ligar para suas irmãs, sob pena de elas poderem usar aquilo para prejudicá-la no futuro. O telefone de

Des não estava na lista. Colin Wynne poderia buscá-la, mas todos seus amigos saberiam a respeito daquela vergonhosa situação.

— Ora, vamos, pare com isso. Tina. Não faça tempestade em um copo d'água. Só estou pedindo que passe a noite aqui, em um quarto agradável cuja cama é ótima. Eu a levarei de volta para Corpus Christi antes do horário do almoço.

— Oh, essa foi muito boa. O toque final de sinceridade, com a promessa de uma dose de conforto. E não esqueça o beijo. Aquilo foi convincente. Mas era apenas outra arma em seu arsenal, não era? Como aquele seu maldito "por favor".

Nick arqueou as sobrancelhas.

— Meu "por favor"? Do que está falando?

— Nada. Não estou falando nada — disse ela, colocando as mãos na cintura. — Vou lhe pedir mais uma vez: Por favor, poderia me levar para casa?

— Vou levá-la até seu quarto. Era o que minha irmã usava. Ela deixou roupas para você usar amanhã, um traje para dormir, uma escova de dentes nova e algumas peças íntimas para você.

— Oh, mas que maravilha. Sua irmã é cúmplice de seu crime.

— Crime?

— Sei que pode parecer difícil de acreditar, Nick, mas manter uma pessoa em cativeiro, contra a vontade, é crime. Tentei explicar isso para o xerife, mas ele pareceu se divertir muito com minha história.

— É que ele foi meu colega de escola. Como previ qual seria sua reação inicial quanto a passar a noite aqui, telefonei hoje à tarde para lá e expliquei a situação.

— Lindo. Perfeito! — resmungou ela, em tom gélido.

— Siga-me. Vou lhe mostrar seu quarto. Se precisar de algo, basta me chamar.

Tina não conseguia dormir. Já era mais de meia-noite e sua mente ainda estava agitada com tudo aquilo. O problema era que estava furiosa consigo mesma. Como podia se encontrar naquela situação e ainda continuar se sentindo mais atraída do que nunca por Nick?

Virando-se de lado, ouviu o ambiente com atenção. O silêncio total indicava que ele deveria estar dormindo. Afinal, o que poderia o estar incomodando?

Impaciente, saiu da cama. Kathie havia deixado uma macia camisola de algodão sobre a cama, parecida com uma enorme camiseta, que lhe cobria quase até os joelhos. Como ela deveria ser a única pessoa acordada na casa, não lhe pareceu necessário procurar um roupão para poder sair do quarto. A idéia de mexer no guarda-roupa de outra pessoa não a agradava.

Sem fazer o menor ruído, desceu a escada, atravessou o pequeno saguão e chegou a um cômodo que parecia ser a sala de estar. Fechando a porta atrás de si, bateu a parede até encontrar um interruptor, então acendeu a luz.

Havia um sofá enorme encostado em uma parede, duas cadeiras de balanço e duas poltronas reclináveis, tudo decorado com toalhinhos de crochê. Todo ambiente remetia ao passado, principalmente as paredes forradas de fotografias, a maioria em preto-e-branco.

Começando pela de aparência mais antiga, deduziu que os jovens noivos que ocupavam o centro da moldura oval eram os donos da casa. Ao lado havia outra foto deles mesmos, já como pais orgulhosos, com um lindo garoto no colo, provavelmente o pai de Nick. Conforme os anos foram passando nas fotografias, o garoto virou um rapaz e então um homem. Depois da partida para a guerra e de seu retorno serem registrados, uma imagem de seu casamento com uma linda jovem começava a decorar a outra parede.

Em seguida, a figura de outro bebê aparecia. Era Nick. Logo depois, um bebê com um lacinho na cabeça. Só podia ser Kathie. Não havia mais nenhuma fotografia dos pais deles, mas muitas das crianças em seu processo de crescimento. Foi impossível conter o sorriso que se formou em seus lábios conforme foi acompanhando o processo de transformação do garoto em um homem, até sua formatura na faculdade.

Desde então, Nick havia ficado mais musculoso e as linhas de seu corpo e de seu rosto haviam amadurecido, mas ainda eram as mesmas. Contudo, no dia de sua graduação, aqueles olhos cor de âmbar refletiam apenas alegria e sonhos.

Apesar de haver outras fotos, principalmente de Kathie e das meninas, aquela era a última fotografia dele. E foi a que cativou sua atenção por mais tempo. Estava curiosa a respeito do que acontecera depois daquele dia de formatura.

Seria a recuperação do Águila o maior sonho dele, desde aquela época?

Era fácil entender o que tornava tão difícil para os avós dele deixarem aquela casa. A história da família estava toda naquela sala.

— Muitas fotos, não?

Tina sentiu-se congelar por um instante e então se virou para encarar Nick. Bastou uma olhada para fazê-la voltar ao presente. Ele estava vestindo apenas uma calça jeans bastante desbotada. Nada mais. O peito másculo estava nu, fazendo-a desejá-lo ainda mais. Por que seu corpo insistia em arder e pulsar daquela maneira, em horas tão impróprias? Sentindo a boca secar, tentou dizer algo.

— Fotos? Sim, bastante.

Ao vê-lo se aproximar devagar, dentro daquele ambiente fechado, Tina não conseguiu desviar os olhos de seu corpo másculo. Sabia que deveria lhe virar as costas, mas isso parecia impossível.

— Kathie e eu tentamos convencê-los a levá-las para a casa da cidade, mas eles se recusaram. Disseram que as fotografias pertencem a este lugar, a estas paredes.

Tina conteve o fôlego. Como poderia pensar com clareza, estando na presença dele, vendo-o tão de perto e seminu?

— Oh, bem, acho que seus avós têm razão.

Em meio à quietude e à penumbra, ambos estavam falando baixo e em tom suave, como que em reverência àquela sala. Sabiam que bastaria uma palavra errada para que comesçassem a discutir, mas Tina não queria que isso acontecesse. Não em meio àquele ambiente cheio de lembranças, de amor e de alegria.

De repente, sentindo um calor ainda maior em seu corpo, levantou o olhar para encontrar o dele e identificou aquele brilho de desejo que a fascinava. Maldição. Como

poderia ignorar seu próprio desejo? De repente, a atenção dele se desviou para seus seios.

— Não me lembro de esta camiseta ficar tão bem em minha irmã quanto ficou em você.

A voz rouca e grave a fez sentir um arrepio pelo corpo. Ao perceber a reação dele, olhou depressa para baixo. Seus mamilos estavam intumescidos, claramente visíveis sob o tecido da fina camisola. Aquilo a fez corar. Cruzando os braços sobre o peito, disse:

— Acho que agora conseguirei dormir.

— Mentirosa — respondeu Nick, levando a mão aos braços dela e os descruzando.

— E não se cubra. Aposto que está tão sem sono quanto eu.

— Não estou não.

— Sei que está. Além do mais, não quer ouvir as histórias das fotografias?

Ela hesitou. Parecia insano, mas Tina não queria sair dali.

— Sim, quero. Mas só se o assunto ficar nas fotografias. O sorriso dele a fez perder o fôlego.

— Está bem. Como preferir.

Enquanto conversavam, seus corpos foram se aproximando. Lado a lado, conversaram sobre as fotos. Tina acompanhou com atenção. Cada passagem das vidas daquelas pessoas parecia estar se tornando parte de sua própria história. Quando ouviu a respeito do desejo dos avós de Nick de estarem naquela sala no momento em que morressem, seus olhos se encheram de lágrimas. Aquela família tinha laços de amor que eram desconhecidos para ela.

O pior era que, durante as explicações dele, seus braços se tocaram várias vezes, fazendo-a ficar mais sensível e sequiosa pelo toque dele. Aquela confusão de emoções estava sendo arrasadora.

— Por que não conseguiu dormir? — indagou Nick, depois de uma longa pausa. — Por estar furiosa comigo?

— Entre outras coisas. Mas mesmo assim, lamento tê-lo acordado. Pensei que não havia feito barulho para chegar aqui.

— E não fez. Eu não estava dormindo porque também perdi o sono.

— E por quê? — indagou Tina, em tom suave, mas não resistindo à tentação de provocá-lo: — Culpa?

Os lábios dele se curvaram em um sorriso desconcertado.

— Talvez.

Aquela foi à gota d'água. Como resistir a alguém tão sensual e gentil? Se ela continuasse ali, não seria responsável pelo que poderia acontecer. Seria melhor fugir dele e se trancar no quarto.

— Vou para a cama agora.

— Não. Fique.

— Por quê?

De repente, Nick pôs-se de pé diante dela.

— Porque não quero que vá embora ainda.

— Oh.

Tina ficou tensa, pronta para resistir se fosse agarrada. Mas ele a surpreendeu outra vez, pois apenas se aproximou e eliminou a distância que os separava, sem tocá-la, para então sussurrar;

— Eu já deveria ter aprendido a lição. Ainda mais depois do que aconteceu na cozinha. — Foi se inclinando, aproximando os lábios dos dela. — Mas não sei como lidar com essas coisas que você desperta em mim.

Tina teve todo tempo do mundo para se mover, para fugir ou para dizer "não". Mas não fez nada disso. O desejo que sentia era impossível de ignorar. Quando se beijaram, foi fácil se entregar por completo. Quando deu por si, estava com os braços ao redor do pescoço dele. Ao ouvi-lo gemer de prazer, apertou-o mais ainda contra si.

— Oh, Tina...

Os braços dele a envolveram então, fazendo-a estremecer de ansiedade. Não poderia mais controlar o desejo que sentia. Se deixasse passar mais um minuto, tudo seria possível.

— Nick.

— Hum?

— Pare.

Tina não saberia dizer de onde saíra o impulso daquele pedido. Ela o desejava de maneira quase incontrolável, mesmo sabendo que as consequências de se entregar seriam terríveis.

Ao senti-lo ficar paralisado, uma onda de arrependimento a dominou. Por que não deixara aquilo continuar? Jamais tivera tanta certeza de que precisava de alguém como sentia precisar dele.

— Você me disse para parar?

A voz dele estava rouca e entrecortada.

— Oh, eu não sei, Nick. Eu o desejo tanto, mas... Por favor, ajude-me.

Ele soltou um gemido de agonia, soltando-a em seguida.

Depois de um longo tempo, Tina percebeu que eram seus braços ao redor do pescoço dele que os estava mantendo unidos.

Com um suspiro, soltou-o com visível hesitação. No mesmo instante, viu-o se dirigir à janela e lhe virar as costas, respirando de maneira ofegante.

— Nick...

— Não diga nada, Tina. Sinto muito. Deixei que isso fosse longe demais.

— Só porque era o que eu também queria. No mínimo, metade da culpa é minha.

Dizendo isso, ela abriu a porta e começou a se afastar.

— Tina?

Parando de imediato, ela fechou os olhos.

— Sim?

— Eu gostaria que tudo fosse diferente.

Não havia dúvida alguma sobre o que ele estava falando. O tesouro. O petróleo. O dilema entre seus objetivos.

Sem nada dizer, Tina entrou no quarto. Se conseguisse voltar para casa com o coração inteiro, no dia seguinte, iria se considerar uma mulher de muita sorte.

CAPÍTULO V

Na manhã seguinte, Tina tomou um banho refrescante e saiu para secar os cabelos ao sol. Avistou um balanço a certa distância da casa e decidiu ir para lá, tentando evitar um encontro com Nick.

Quando se sentou no balanço, levantou o rosto, deixando que o sol lhe beijasse a face. Então começou a pensar no que Nick lhe pedira e no que ele lhe contara a respeito da família. Já que estava ali, não custaria nada conhecer o avô de Nick. Pelo menos a visita já o deixaria um pouco mais feliz. Porém, não prometeria nada. Não poderia prometer.

— Posso lhe fazer companhia?

Tina abriu os olhos. Aquela bela figura masculina delineada pelo céu muito azul e com a luz do sol batendo atrás de si a fez lembrar-se do deus do sol com o qual o comparara quando o conhecera.

— Sim, pode — respondeu. — Tenho uma pergunta para lhe fazer. — Nick fez menção de se sentar, mas ela o interrompeu levantando a mão, — Prefiro que não sente aqui, se não se importa.

Ele a olhou em silêncio por alguns segundos.

— Como quiser.

Então enfiou uma mão no bolso e segurou a corrente do balanço com a outra. Tina respirou fundo.

— O que o faz pensar que vou atender seu pedido?

— Tenho certeza que mudará de idéia ao conhecer meu avô, um homem que passou a vida inteira tentando realizar um sonho.

— Acha que vou me comover, é isso?

Ele assentiu.

— Eu lhe disse que fiz uma pesquisa a seu respeito. Sei que colabora com algumas entidades benéficas e que é uma pessoa sensível.

— É verdade — Tina admitiu. — Mas, no seu caso em específico, não tenho como ajudar.

— Por quê?

— Por motivos particulares. Só porque tenho certa autonomia na Baron International, não significa que eu não sofra pressões e que não tenha responsabilidades envolvendo minha família.

— Ouça Tina, não estou dizendo que meus problemas são mais importantes do que os seus. Estou apenas lhe pedindo um tempo porque talvez esta seja minha única chance de recuperar aquele tesouro. Se continuar com a perfuração, e se algo acontecer ao Águila, ele poderá cair em um local tão fundo que talvez se tome inalcançável. Pelo menos para minha geração.

Tina estava pensando no que iria responder quando o telefone começou a tocar no interior da casa. Nick saiu andando com passos largos em direção à entrada.

Com um suspiro, Tina ficou de pé e massageou as têmporas. Somente então se deu conta de que se esquecera de telefonar para Ron.

Nick apareceu à porta pouco depois.

— É para você — avisou ele. — É um tal de Des. Des? Oh, Deus, seu tio William. Tina correu para atender ao telefone.

— Des? O que aconteceu? Tio William está bem?

— Sim, está. Estou ligando para saber sobre você.

— Sobre mim? — Ela se surpreendeu.

— Sim, você desapareceu, Tina. Fale apenas "sim" ou "não". Está com problemas? Está sendo mantida aí contra sua vontade?

Ela olhou para Nick, que a ouvia com atenção.

— Não.

— Ainda bem. O que aconteceu foi o seguinte: Ron não dormiu em casa ontem à noite, e esqueceu-se de ouvir os recados na secretária eletrônica antes de sair para o trabalho. Depois de algumas horas de sono. Na verdade, só os ouviu ao passar em casa, no horário de almoço. Você dizia precisar de ajuda e que ele telefonasse o mais rápido possível, só que não deixou um número para ele retornar a ligação.

— Não deixei? — Ela levou a mão à testa. — Não acredito que eu tenha feito isso. Mas Ron poderia ter ligado para o meu celular.

— Ele o encontrou sobre sua cama, quando deu uma olhada em sua casa.

Droga! Praguejou Tina, em pensamento.

— Ele questionou os empregados e eles disseram que você havia saído com um homem, ontem à noite, e que não havia retomado. Ron ficou preocupado e me ligou no mesmo instante.

— Oh. Então como diabos você conseguiu me localizar?

— Tive um pouco de sorte. Primeiro Guadalupe descreveu o homem que apareceu em sua casa. Pela descrição, Ron o identificou como sendo Nick Trejo. O fato de ele haver escolhido levá-la para aí de avião facilitou as coisas. Liguei para o aeroporto e fiz algumas perguntas até encontrar uma pessoa que se lembrou de ter visto você entrando em um avião particular. Depois tudo que precisei fazer foi rastrear o curso do vôo e ligar para Uvalde pedindo informações.

— Teve um bocado de trabalho, Des. Sinto muito.

— Se tivesse deixado um número de telefone para Ron, e ele houvesse lhe telefonado ontem à noite, que tipo de ajuda teria pedido a ele?

— Teria pedido para ele pegar um avião e vir me buscar.

— Quando saiu de casa, ontem à noite, você sabia que iria para Uvalde e que não voltaria no mesmo dia?

Ela olhou para Nick, que continuava observando-a com atenção.

— Não, eu não sabia. Foi... Foi uma surpresa.

— E, pelo visto, uma não muito agradável, já que queria tanto sair daí — ele deduziu.

— Sim.

— Em outras palavras, você foi seqüestrada.

— Pode-se dizer que sim, mas...

— Vou até aí para buscá-la. Diga-me o endereço e eu irei agora mesmo.

Tina hesitou. Não poderia ter uma chance melhor de fazer Des passar algum tempo a seu lado. Ele estava se oferecendo para resgatá-la! Se aceitasse, pelo menos passaria algumas horas ao lado dele, que era exatamente o que desejava na noite retrasada. No momento, porém...

— Não será necessário, Des. Ficarei aqui até o fim desta tarde, para conhecer os avós de Nick.

— Por livre e espontânea vontade?

— Sim. Depois Nick me levará de volta para casa.

— Tem certeza de que não quer que eu vá buscá-la agora? Tina fechou os olhos, mal acreditando que iria recusar aquilo.

— Sim, tenho certeza.

— E se ele decidir mantê-la aí por mais uma noite? Ela abriu os olhos e voltou-se para Nick. Não tinha a mínima idéia do que ele estava pensando.

— Ele não fará isso, mas, se fizer, ligarei para você. Espere um pouco. Dê-me o número do telefone de onde você está. — Fez para Nick um gesto de que queria uma caneta e um papel. Ele os entregou em seguida. — Pode falar Des. — Anotou o número. — Obrigada. Prometo que ligarei se precisar de você.

— Só para eu ficar mais tranqüilo, ligue-me esta noite, quando chegar em casa.

Tina ficou aturdida. Des estava falando como se realmente se importasse com ela! Não romanticamente, mas de uma maneira pelo menos amistosa.

— Tem certeza? Quero dizer, Ron poderia lhe avisar depois... Não quero incomodar...

— Não é nenhum incômodo, Tina. Sempre que estiver com problemas, não hesite em me ligar. Afinal, você é da família.

Tina chegou a se perguntar se ouvira direito. Des nunca havia lhe dito algo como aquilo antes. Na verdade, ele sempre se mostrara mais disposto a fugir dela e das irmãs do que a ser prestativo com elas.

— Obrigada. Fico muito agradecida.

— Até a noite, então — ele se despediu.

— Até.

Tina colocou o telefone no gancho.

— Quem é esse tal de Des, e por que ele acha que você precisa ser resgatada?

Tina levantou a vista para Nick.

— Não sei. Provavelmente porque eu realmente precisava ser resgatada.

— Precisava? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ontem à noite. Não sei se está lembrado, mas eu queria ir embora.

— Não estava correndo nenhum perigo.

Não o tipo de perigo que ele estava pensando, concluiu Tina.

— Não há mais motivo para falarmos sobre isso. Estarei em casa esta noite.

— Não respondeu a uma das minhas perguntas — lembrou Nick. — Quem é esse Des?

— É o filho do primeiro casamento de minha tia May. Quando ela e meu tio William se casaram, ele adotou Des. Tio William e tia May nunca tiveram outros filhos. Ele estreitou o olhar.

— Por que você e suas irmãs estavam tão ansiosas para que ele chegasse a sua festa de aniversário?

— É uma espécie de competição entre nós.

— Competição? Ela assentiu.

— É meio complicado.

— E você não me considera suficientemente inteligente para entender? — completou Nick.

— Vamos esquecer esse assunto, está bem? Não quero mais falar sobre isso.

— Tudo bem. — Nick a observou por um momento. — Esse tal de Des se ofereceu para vir buscá-la?

— Sim, mas você ouviu quando eu disse que você iria me levar de volta essa noite, não ouviu?

Ele cruzou os braços.

— Acredita mesmo que farei isso? Tina o fitou nos olhos.

— Sim.

— E se eu não a levar?

— Liguei para Des, e ele virá me buscar.

— E se eu lhe pedir para ficar?

Ela hesitou. Tentando manter um tom de voz firme, perguntou:

— Por que faria isso? Concordei em ficar e em conhecer seus avós. Então cumpra sua parte e me leve de volta depois disso, está bem?

Seguiu-se um momento de silêncio, até que Nick finalmente falou:

— Então é assim que você prefere jogar? Como se ontem à noite não houvesse acontecido nada demais entre nós?

Tina uniu as mãos, que haviam se tornado trêmulas de repente, e desviou a vista.

— Acho melhor assim — respondeu. — Não nego que aconteceu algo, mas foi resultado do ambiente e das circunstâncias, só isso.

— Que droga, Tina. Nós dois...

— Nós quase cometemos um grave erro — ela o interrompeu. — Não há futuro para um relacionamento entre nós, Nick.

— Porque não existe confiança, certo? Tina olhou para ele.

— Confiança?

— Vamos pôr as cartas sobre a mesa. Se houvéssomos feito amor, você pensaria que eu estava tentando seduzi-la para conseguir o que quero. E quanto a mim?

Provavelmente pensaria que você estava tentando afastar minha atenção do Águila, ao me fazer pensar apenas em você.

Tina estremeceu. A primeira parte era verdade. De fato, ela chegara a cogitar aquilo. Mas a segunda... Bem, parecia muito pouco provável que aquilo pudesse acontecer.

— Saber de tudo isso não faz o desejo desaparecer, não é, Tina?

Droga, ele tinha razão. Mesmo sabendo dos riscos envolvidos, não conseguia ignorar o desejo que sentia por Nick. Mas precisava se manter firme. Depois pensaria nos detalhes, disse a si mesma. Quando estivesse novamente na segurança de sua casa, Por enquanto, teria de se manter alerta durante todo o tempo, para não dar a Nick nenhum indício de fraqueza. Não poderia se dar ao luxo de demonstrar quanto se sentia atraída por ele. Não com sua herança em jogo. Era nisso que ela tinha de se concentrar. Somente nisso.

— Preciso voltar para Corpus Christi esta noite, Nick. Se não quiser me levar, encontrarei outra maneira de ir para lá.

— Isso não será necessário. Eu a levarei.

Ela assentiu, sem dizer mais nada. Esperava sinceramente que Nick cumprisse a promessa.

CAPÍTULO VI

Os braços carinhosos de Frail envolveram Tina em um abraço, antes de ela se afastar um pouco para olhá-la com mais atenção.

- Que bom conhecê-la, querida.
- Obrigada, Sra. Trejo. Também é um prazer conhecê-la.
- Oh, por favor, me chame de Alma. Não somos de manter formalidades por aqui.
- Está bem, então, Alma.

A avó de Nick era uma senhora com um físico delicado. Trajava uma calça azul-marinho de poliéster e uma delicada blusa cor-de-rosa de mangas largas. Os cabelos grisalhos eram curtos e muito bem cuidados, deixando-a com um aspecto mais jovial. As rugas em seu rosto eram resultantes não apenas da idade, segundo Tina percebeu, mas também do sol intenso do Texas.

Incrível que uma mulher que passara tantas dificuldades na vida, inclusive a dor de perder um filho, ainda conseguisse manter aquele brilho no olhar. No presente. Alma estava tendo de conviver com a idéia de que o marido não ficaria muito tempo ao seu lado, além do fato de ela própria ter problemas de saúde. E, apesar de tudo, não perdera a capacidade de demonstrar felicidade e esperança no olhar. Sim, sua atitude era uma lição de vida;

De súbito, os lábios dela se curvaram em sorriso afetuosos.

- Venha conhecer Ben. Ele esperou o dia inteiro por isso.
- Pode apostar que sim — disse uma trêmula voz masculina. — Venha até aqui, menina, e deixe-me dar uma boa olhada em você.

Tina seguiu até a cama de hospital, localizada a um canto do aposento, próxima a uma ampla janela com vista para um lindo jardim com muitas flores e árvores sob um céu tão azul que parecia haver sido pintado. Perto da cabeceira da cama, via-se um porta-retratos mostrando a foto de Ben sentado em uma cadeira, ao lado de Nick, Alma, Kathie e o marido, e duas garotinhas sentadas na relva, aos pés do bisavô. Outra foto importante para se juntar à coleção da família pensou Tina

— Sr. Trejo?

Ela estendeu a mão na direção do velho senhor que respirava com ajuda de um aparelho. Porém, ficou surpresa com a firmeza com que ele apertou sua mão.

— Ben, me chame de Ben. Nick pegue uma cadeira para ela. Assim poderemos conversar com mais calma.

Sem dizer nada, Nick fez o que o avô pedira e indicou a cadeira a Tina.

— Voltarei já, com chá geladinho para nós — anunciou Alma com um sorriso amável.

Tina fez menção de dizer que ela não precisava se incomodar, mas Alma se retirou antes que ela pudesse falar alguma coisa. Então voltou sua atenção para o avô de Nick.

— Como está se sentindo? — perguntou a ele. — Fiquei sabendo que não passou muito bem pela manhã.

Ben fez um gesto de pouco-caso.

— Não foi nada. Não importa o que o médico disse por que ainda não vou dessa vez.

— É bom ouvir isso.

Tina sorriu, decidindo deixar que ele conduzisse a conversa dali em diante.

— Nick, ajeite meus travesseiros, para que eu possa me sentar direito.

— Este é o ângulo que o médico o aconselhou a ficar, vovô — lembrou ele.

— Mas que droga — Ben resmungou e olhou para Tina. — Você sabe que está velho quando seu neto não obedece mais suas ordens.

Nick riu e disse:

— Seu neto está apenas tentando mantê-lo vivo pelo máximo de tempo possível.

Ben resmungou algo incompreensível e dispensou Nick com um gesto de mão.

— Agora vá para algum outro lugar e nos deixe sozinhos. Eu e Tina precisamos ter uma longa conversa.

Ela sorriu. Não era difícil imaginar aquele velho senhor tão próximo da morte como um jovem cheio de dinamismo e vitalidade.

— Será um prazer conversar com o senhor — disse a ele. Pela primeira vez, sentiu-se contente por haver cedido ao pedido de Nick e haver ficado o suficiente para conhecer Alma e Ben. De fato, Nick não havia exagerado ao mencionar quanto eles desejavam conhecê-la. Com certeza, eles teriam ficado muito desapontados se ela não houvesse aparecido. Por outro lado, tinha a estranha sensação de que sua vida não teria a mesma riqueza se não os houvesse conhecido. Era algo estranho para se sentir, mas era a verdade.

Apesar do pedido do avô para que ele saísse, Nick se manteve no aposento e sentou-se em uma cadeira, do outro lado da cama.

Os dedos de Ben se moveram ligeiramente sobre o lençol. Suas mãos e seus braços estavam pálidos, enrugados. Próximo à dobra do cotovelo, era possível ver manchas amareladas e arroxeadas, indicando as inúmeras picadas de agulha que ele havia recebido.

— Nick lhe contou sobre o que descobriu, não contou?

— Se o senhor está se referindo ao ouro de seu pai, sim, ele contou — respondeu Tina.

Um brilho de lágrimas surgiu nos olhos de íris leitosas de Ben.

— Nunca pensei que isso fosse acontecer. Não pensei que fosse possível.

Em silêncio, Nick se levantou e entregou um lenço ao avô, mas Ben não se importou em usá-lo.

— Não imagina quanto eu gostaria que papai estivesse vivo — continuou Ben. — Isso significava muito para ele.

— Sim, tenho certeza de que sim.

Tina tentou manter um tom neutro, evitando olhar para Nick. Ainda assim, sentiu o olhar dele sobre si. Pelo visto, ele estava pronto para intervir se ela dissesse algo que perturbasse seu avô.

— Ninguém sabe — murmurou Ben. — Ninguém sabe. Ele pestanejou, esforçando-se para enxergar por entre as lágrimas. — Depois que o navio afundou com o ouro, a vida de meu pai se tomou um inferno. Ele havia sonhado em ter uma fazenda do tamanho da Briscoe, ou mesmo da King. Em vez disso, porém, teve de se contentar com alguns acres de terra e uma vida inteira de ridicularização.

— Ridicularização?

Tina não pretendia perguntar nada que o encorajasse a continuar com um assunto que, evidentemente, o afetava, mas, quando deu por si, a palavra já havia escapado de seus lábios.

— Ninguém acreditou quando meu pai disse que havia conseguido extrair uma fortuna em ouro de uma mina, mas que havia perdido tudo em um furacão. Os homens da região começaram a ridicularizá-lo. Meu pai... Bem, ele sempre foi um homem orgulhoso, segundo dizia minha mãe. Saber que as pessoas o tratavam como se ele fosse um idiota foi matando-o por dentro.

Ben se interrompeu por um instante e enxugou as lágrimas.

— Não se exceda vovô — pediu Nick, em um tom preocupado. Ben não pareceu disposto a dar ouvidos ao neto.

— Minha mãe conseguiu, até certo ponto, incentivá-lo e mostrar-lhe o que era o verdadeiro amor. Pelo menos ele teve o bom senso de se casar com ela... Os pais dela ficaram furiosos com a notícia do casamento, mas minha mãe era tão determinada quanto meu pai e tomou as rédeas do próprio destino. Ainda assim, conforme os anos foram se passando, meu pai foi piorando cada vez mais e se fechando em si mesmo.

— Vovô, vá com calma. Ficar se alterando não vai ajudá-lo em nada.

Ben dispensou o comentário com um gesto.

— Eu não lhe disse para nos deixar sozinhos?

Nick sentou-se no momento em que Alma entrou no aposento, carregando dois copos de chá. Entregou um a Tina e outro ao neto.

— É chá preto com hortelã, e a hortelã é do meu próprio jardim, Tina — anunciou ela, com orgulho.

Então, com um ar de expectativa, esperou que Tina tomasse o primeiro gole.

— Está delicioso, obrigada.

Um sorriso iluminou o rosto de Alma.

— Ei, onde está o meu? — protestou Ben.

— Só tenho duas mãos, sabia? — ralhou Alma com um ar de intimidade, olhando para ele. — Trarei o seu daqui a pouco.

Ben olhou para Tina, que ficou surpresa ao distinguir um brilho maroto nos olhos dele.

— Outro modo de você saber que está velho é quando tem de beber chá descafeinado e sem muito açúcar — disse ele.

— Não dê ouvidos a ele, querida — falou Alma. — Ele só sabe que é descafeinado e com pouco açúcar porque eu falei. Da maneira como preparo, ele não conseguiria notar a diferença.

— É o que ela pensa. — Quando Alma saiu do aposento, Ben deu uma piscadela para Tina. — Eu a deixo pensar que não percebo a diferença, mas é claro que percebo.

Tina não conteve o sorriso.

— Há quanto tempo vocês estão casados?

— Quase sessenta anos.

— Isso é maravilhoso — disse ela, comovida.

Mais maravilhoso ainda era a evidência do amor que ainda existia entre os dois. Nunca antes tivera a chance de conhecer um casal com tanta experiência de vida.

— Agora vejamos... Onde eu estava mesmo? — indagou Ben.

— Estava me contando sobre seu pai — Tina respondeu.

— Oh, sim. — Ele voltou o olhar para a janela, como se, através dela, pudesse ver as cenas do passado. — Bem, você sabe como é, Tina. Às vezes as crianças são bem cruéis. Elas ouviam os próprios pais criticarem meu pai e diziam as mesmas coisas para mim. Jogavam pedras e outras coisas em mim. Para elas, éramos malucos, mas quando eu decidia encarar uma briga, ia até o fim e acabava mostrando quem é que mandava. Mesmo assim, nunca deixaram de me desprezar. Tinham um time de beisebol no qual eu sonhava em jogar, mas...

Ben deu de ombros e voltou a olhá-la ao prosseguir:

— Muitas daquelas crianças se transformaram em homens que continuam vivos até hoje, e agora que Nick encontrou o navio e o ouro, jurei para mim mesmo que vou viver o suficiente para vê-lo recuperar tudo aquilo. Quero que ele coloque todo aquele ouro bem no meio da cidade, para que aqueles que costumavam atirar pedras em mim vejam quanto estavam errados. Quero que saibam que meu pai não mentiu e que eu não merecia ser tratado daquela maneira.

Tina ficou surpresa ao sentir seus olhos se encherem de lágrimas. Então os enxugou com um gesto discreto.

— Sinto muito por tudo — disse a ele.

— Agora não há mais o que lamentar. — Ben olhou-a fixamente por alguns segundos. — Nick disse que você pode parar a perfuração para nos ajudar.

Pela primeira vez, Tina olhou para Nick, mas ele continuou impassível.

— Hum... Sim, estou considerando a idéia — foi tudo que ela falou. O que mais poderia dizer?

Ben assentiu.

— Fico grato por isso. Sei que não viverei por muito tempo, e também que não entendo mais as idas e voltas do mundo moderno ou do que vocês, jovens, têm de

enfrentar no mundo dos negócios. Mas se conseguir facilitar isso para nós significará muito para mim e para Alma,

Exasperada, Tina vasculhou a mente, à procura de uma resposta que não a comprometesse. Olhou para Nick, mas logo ficou evidente que ele não estava lá muito disposto a ajudá-la. Alma foi quem finalmente a salvou, aparecendo com o chá de Ben.

— Aqui está querido. Do jeito que você gosta.

— Obrigado, meu anjo. Agora se sente e converse um pouco com Tina. Já pude notar que ela não é bonita apenas por fora.

Alma sorriu.

— Nunca duvidei disso. Afinal, Nick está encantado com ela, e nós sabemos que ele tem bom gosto.

Tina olhou para Nick, mas ele continuou impassível. Nesse momento. Alma voltou-se para o marido e, pelo jeito, não gostou do que viu.

— Oh, tive uma idéia — anunciou ela, de repente, parecendo haver encontrado um meio de amenizar a situação. — Tina, por que não vem comigo até o jardim? Vamos colher algumas flores para que você possa levar um lindo buquê para casa.

Ben arqueou as sobrancelhas.

— Não se canse demais, Alma — pediu ele. Nick ficou de pé.

— Pode deixar que eu acompanho Tina — ofereceu-se. Alma levantou a mão.

— Sente-se, Nick. E você relaxe Ben. Vou apenas levar Tina ao jardim, só isso. Venha querida.

Nick sorriu, voltando a se sentar.

— Acho melhor você ir, Tina. Ninguém consegue fazer minha avó mudar de idéia quando ela põe uma coisa na cabeça.

Tina apenas seguiu Alma, sem dizer nada.

— Espero que não se importe por eu haver sugerido isso — disse Alma, assim que fechou a porta da casa, atrás delas. — Percebi que Ben estava emocionado demais e que seria bom deixá-lo descansar um pouco.

— Tudo bem, eu entendo.

Tina lembrou-se do "Não se canse demais", que Ben dirigira à esposa. Como seria, pensou ela, ter um marido que a amasse tanto que era capaz de se preocupar com seu bem-estar mesmo depois de sessenta anos de convivência? Não conseguia pensar em ninguém que se preocupasse com seu bem-estar dessa maneira, embora Des se mostrasse sempre solícito a ajudá-la quando era necessário.

Des. Algo a respeito da decisão de não aceitar a oferta dele a estava incomodando. Uma oferta que até poucos dias antes ela teria feito de tudo para obter. Mas depois pensaria nisso. Depois.

— Temos um jardim muito maior em nossa outra casa — disse Alma, interrompendo os pensamentos de Tina.

As duas estavam caminhando por uma trilha cercada de arbustos bem cuidados.

— Fiquei lá na noite passada. É um lugar maravilhoso. Alma sorriu, satisfeita.

— Sempre achamos isso. Também tenho uma grande horta por lá, mas já não consigo trabalhar como antes. Kathie é quem cuida da maioria das plantas para mim.

— Não vejo por que a senhora deveria estar trabalhando a essa altura da vida — declarou Tina, assim que percebeu o tom de tristeza na voz da avó de Nick. — Afinal, os anos de aposentadoria são para serem aproveitados. Alma parou de repente e olhou para ela.

— Mas nunca foi trabalho para mim, entende? Cuidar da família e cultivar jardins e hortas, para eles apreciarem e se alimentarem, sempre foi um prazer para mim. Algum dia, quando tiver sua própria família, vai me entender melhor.

Tina não conseguiu pensar em nada para dizer. Não conseguia nem mesmo se imaginar com uma família, como Alma estava sugerindo, e muito menos com um jardim para cuidar.

— Vamos começar com aquelas rosas ali — falou Alma, entregando uma tesoura de jardinagem a ela. — É muito gentil em dizer isso, Tina, mas a verdade é que Ben e eu já passamos da aposentadoria. — Sorriu. — Estamos no fim de nossas vidas e sabemos disso.

Sentindo que precisava dizer algo para animá-la, em nome da estima que passara a ter pela avó de Nick, Tina falou:

— Não tem como saber isso com certeza, Alma. Nenhum de nós sabe o que vai acontecer amanhã.

Inclinou-se para cortar algumas rosas brancas, então as colocou com cuidado no cesto que Alma estava carregando. Dessa vez, a velha senhora não se preocupou em corrigi-la.

— Estou tão feliz por havermos tido essa oportunidade de conhecê-la, Tina. Eu sabia que você devia ser uma garota e tanto para deixar Nick tão encantado.

Tina meneou a cabeça, imaginando se seria correto deixar a avó de Nick com aquela impressão equivocada.

— Talvez esteja vendo coisas demais no meu... Relacionamento com seu neto, Alma. Nick e eu praticamente acabamos de nos conhecer.

Porém, assim que terminou de falar, Tina se deu conta de que tempo, no sentido normal da palavra, não se aplicava a ela e a Nick.

— Besteira — respondeu Alma, com um sorriso sábio. — Conheço meu Nick muito bem. — Apontou para um grupo de íris. — Pegue um pouco daquelas. As de tom violeta ficarão mais bonitas no buquê. São muito especiais. Eu as trouxe de nossa casa. São do ramo original, que minha sogra plantou anos atrás.

— É mesmo? Eu as vi na outra casa hoje pela manhã. Ainda estão lindas.

Alma assentiu.

— É confortador saber que elas sobreviveram ao longo das gerações. Kathie também tem uma muda delas em casa. E, antes de partirem, pedirei a Nick que prepare uma muda para você também. Ficarei feliz em saber que elas estarão passando as suas mãos, para que seus filhos e seus netos possam admirá-las tanto quanto as gerações anteriores.

— Obrigada, Alma. É muita gentileza sua.

Tina viu-se tomada por uma inexplicável onda de emoção. Para sua surpresa, sentiu-se prestes a explodir em lágrimas. Entretanto, não poderia demonstrar o que estava sentindo. Não se quisesse tomar uma decisão sensata a respeito do que fazer.

Ficara evidente que Alma pensava que ela e Nick iriam se casar e formar um lar, mas Tina não teve coragem de dizer que ela estava errada. Em breve, ela mesma descobriria a verdade.

— Por ali — falou Alma, dessa vez indicando um grupo de arbustos com delicadas flores amarelas. — São acácias. Ficarão lindas em seu buquê.

Tina balançou a cabeça afirmativamente e cortou alguns ramos repletos de flores.

— Teve oportunidade de ver quanta terra existe em torno de nossa casa? — Alma lhe perguntou.

— Vi apenas um pouco.

— Pois quando voltar dê uma olhada mais cuidadosa, se puder. Quando Nick era criança, conheceu cada metro daquelas colinas que circundam o terreno, além dos montes e dos lagos. E não apenas do nosso terreno, mas também dos de nossos vizinhos. As cercas nunca foram empecilhos para ele. Corte alguns gerânios também.

— Tudo bem, mas só mais estas — avisou Tina. — O cesto já está cheio e o que já cortei dará um belo buquê.

Alma estava olhando para ela, mas, por algum motivo. Tina teve a impressão de que a avó de Nick não a ouvira.

— Acho que Nick esteve procurando por algo durante toda a vida — continuou a velha senhora. — Ele sempre foi um garoto inquieto, apesar de sério. Na adolescência, costumava passar horas sozinho, isolado no alto de alguma colina. Certas vezes, fiquei preocupada, mas ele sempre aparecia no fim da tarde, quando o sol estava se pondo. Chegava com os bolsos cheios dos "tesouros" que havia encontrado. — Alma sorriu. — Não passavam de pedras, mas, para ele, cada uma delas tinha uma característica especial, que a tornava digna de ser guardada. Eu mantinha as pedras dele em cestos grandes, em vários cantos da casa. Nunca ousei jogar sequer uma delas fora. Até que tive a idéia de usá-las em lugares de destaque no meu jardim, o que o deixou muito feliz. Alma suspirou absorta em seu devaneio.

— Então — prosseguiu ela —, conforme ele foi crescendo, foi também mudando de interesse. Mas continuou com aquela inquietude que tinha na infância. Os esportes e as garotas se tornaram importantes para ele, mas não eram suficientes. A cada vez que tinha uma chance, lá estava ele, isolando-se em algum lugar remoto para procurar algo, seu tesouro, talvez. Meu filho nunca ligou para o Águila ou para seu navio, mas Nick... Parece ter nascido com o mesmo sonho do avô na alma.

— Então ele deve estar feliz, agora que encontrou o tesouro. Aos poucos, o olhar de Alma focalizou o rosto de Tina.

— Sim, ele encontrou o tesouro de Águila. Porém, está mais inquieto do que eu jamais o vi. Não por fora, mas por dentro, entende? Ele tenta esconder isso de nós,

mas eu o conheço muito bem. Antes que Ben morra, Nick quer mais do que qualquer coisa no mundo ser capaz de dar ao avô o grande sonho de sua vida. Quer expor aquele ouro bem no meio da cidade, para que todos saibam quanto estavam errados sobre o avô e o bisavô dele. De certa forma, é uma espécie de obsessão que ele compartilha com Ben, embora, no caso de Ben, ela vá mais fundo. Afinal, foi ele quem presenciou as constantes humilhações que o pai sofreu até se tornar um homem deprimido e derrotado. Na verdade, acho que é o desejo de mostrar o ouro a toda essa gente que ainda está mantendo Ben vivo.

O relato e o tom firme de Alma tiraram o fôlego de Tina por um instante. Nunca conhecera uma mulher como aquela.

— E a senhora acha que se Nick conseguir fazer isso pelo avô, a inquietação que ele sente finalmente desaparecerá?

— Acho que a resposta para sua pergunta está em você mesma.

— Em mim? — perguntou Tina, surpresa.

— Nick está apaixonado por você, menina. Nada parece mais claro do que isso para mim. A única coisa que não está clara é se você também o ama. Espero que sim. Nick está se esforçando muito para agradar o avô, mas não quero que tenha de abrir mão dos próprios sonhos por isso.

— Sonhos?

— Ora, o que todo mundo deseja é encontrar um grande amor, não é?

Tina não soube o que dizer. A vida de Alma era muito diferente da sua. Sempre tivera uma vida agitada por muito trabalho, nunca lhe restando tempo para sonhar.

Alma percorreu a vista pelo jardim.

— Acho melhor entrarmos agora — sugeriu ela. — Vou embrulhar as flores, para que elas fiquem bonitas até você conseguir colocá-las na água.

— Obrigada, Alma.

O que mais ela poderia dizer? Não poderia tranquilizar a avó de Nick sobre nada do que a preocupava. Tampouco poderia dizer que iria parar a perfuração. Também não havia como afirmar que o amor amenizaria a situação difícil na qual ela e Nick estavam envolvidos, porque simplesmente não havia amor. Para eles, não haveria uma história de amor com final feliz. Nick tinha um espírito inquieto que, pelo visto, nunca sossegaria pelo efeito do amor. Quanto a ela, nunca sequer aprendera como amar direito. Não, não haveria futuro para eles.

Enquanto Nick arrumava as coisas, preparando-se para partir, Tina telefonou para Ron e pediu a ele para que a encontrasse no aeroporto com uma sacola com roupas limpas e uma pasta com os papéis que ela precisasse assinar. Pediu também para ele fretar um avião e mantê-lo preparado para partir assim que ela chegasse.

O vôo até Corpus Christi foi relativamente silencioso.

Assim que o avião terminou de taxiar e parou na pista, Tina se levantou do assento no mesmo instante e dirigiu-se à porta de desembarque.

— Espere Tina — pediu Nick.

— Esperarei ao pé da escada — avisou ela.

Então abriu a porta, pegou o buquê que Alma lhe dera e a sacola com as mudas de íris. Encontrou Ron ao final da escada do avião.

— Conseguiu fazer tudo que pedi? — perguntou, depois de cumprimentá-lo.

Ron assentiu.

— O avião está aqui perto — disse ele. — Tudo que você pediu já se encontra a bordo, incluindo o piloto.

— Excelente. Obrigada, Ron.

— Não há de quê. Tina sinto muito por não ter respondido sua mensagem ontem à noite. Eu estava...

— Não tem importância — ela o interrompeu. — Tudo já terminou, e tenho certeza de que nunca mais passarei novamente por essa situação. Mas, apenas por precaução, da próxima vez em que decidir passar a noite fora de casa, tenha o cuidado de ouvir os recados assim que chegar.

— Não se preocupe. Apreendi a lição.

— Ótimo. Poderia, por favor, levar estas flores para minha casa e colocá-las em um vaso com água? — Pensou um instante e completou: — Depois as coloque no meu quarto, sim? Voltarei amanhã. — Entregou as flores a ele. — Deixe as mudas de íris na lavanderia. Vou plantá-las em um vaso amanhã.

— Está bem. Oh, há uma coisa que William me pediu para lhe dizer.

— E o que é?

— Ele disse que talvez não consiga estar acordado quando você chegar lá.

Tina assentiu.

— Entendo.

Nick desceu a escada. Olhou para Ron por um momento, antes de voltar à atenção para Tina.

— Por que ele está aqui?

— Ron, poderia me dar um minuto, por favor?

— Claro. Estarei esperando à porta do terminal. Tina esperou até que ele se afastasse para falar:

— Ron está aqui porque pedi a ele que viesse. Interrompeu-se por um instante, tentando decidir o que iria dizer. Sentia-se desorientada, como se houvesse acabado de chegar de outro planeta onde a existência de famílias amorosas e unidas era algo comum. Em seu planeta, no entanto, a única coisa que importava eram cifras e mais cifras, representando milhões de dólares.

Inclinando ligeiramente a cabeça, olhou para ele. — Por que disse a seus avós que eu ia parar a perfuração?

— Porque, naquelas circunstâncias, ele não entenderiam um simples "não". Assim, se você decidir dizer "não", eles pensarão que pelo menos fez o possível para ajudar.

— Seria tão difícil assim eles aceitarem a verdade? — Mesmo tendo feito a pergunta, Tina sabia a resposta por haver conhecido os avós de Nick. — Tudo isso se resume a uma coisa, Nick — continuou. — Está me pedindo para abrir mão de milhões

de dólares para que você possa ter milhões de dólares. O que há de tão difícil para se entender nisso?

Mais uma vez, ela sabia a resposta. O ouro do Águila não representava milhões de dólares para Ben e Alma. Representava justiça.

Nick olhou-a com calma.

— Parece aborrecida. Ela riu.

— Sim, para dizer a verdade, estou aborrecida. Ao me apresentar a seus avós, mais uma vez você virou o jogo a seu favor.

— E funcionou?

Tina fechou os olhos por um momento. Sem saber, Nick a havia colocado em uma situação muito delicada. Se fizesse o que era melhor para ele e os avós, ficaria em uma situação ainda mais desesperadora do que a que se encontrava no momento. De fato, isso poria um fim em uma parte de sua vida que lhe era tão vital quanto respirar.

Por outro lado, se fizesse o que era melhor para ela, estaria pondo um fim ao pouco de esperança que ainda restava no olhar de Ben e de Alma, o que, para Nick, seria imperdoável. Além disso, com certeza isso acarretaria uma morte mais prematura para o avô dele. Se agisse dessa maneira, nunca mais veria Nick.

Abriu os olhos de repente.

— Vou tentar.

— E o que isso significa? — inquiriu ele.

— Significa que vou tentar ver se há uma maneira de parar a perfuração pelo período de tempo que você precisa. Mas, por enquanto, não posso lhe dar nenhuma certeza.

Uma sombra de decepção surgiu no semblante de Nick.

— Mas essa decisão depende apenas de você, não?

— Em última instância, sim. Mas preciso de algumas informações adicionais, e só há uma pessoa que pode fornecê-las para mim. Somente então poderei lhe dar uma resposta que poderá, ou não, ser diferente da que eu já lhe dei.

Nick meneou a cabeça.

— Não consigo entender...

— Como poderia? — Tina sorriu. — Mas, qualquer que seja minha decisão, ligarei para você assim que eu voltar, amanhã.

Nick segurou-a pelo braço, quando ela fez menção de se afastar.

— Como assim, quando voltar? Para onde você vai?

— Eu lhe disse. Preciso falar com uma pessoa a respeito desse assunto e, a melhor maneira de fazê-lo, será ir ao encontro dela.

— Então irei também.

— Nem pensar! — protestou Tina. — Preciso ir sozinha. Nick olhou para ela, esforçando-se para entender o que estava acontecendo.

— Por quê? — perguntou, por fim.

Tina sorriu solidária com o ar de dúvida no semblante de Nick.

— Só porque conseguiu me seqüestrar durante vinte e quatro horas não significa que tem o direito de saber tudo a respeito da minha vida, Sr. Trejo.

Devagar, ele soltou o braço dela.

— Sim, acho que tem razão. Disse que vai me ligar, certo? Tina assentiu.

— Assim que eu voltar. Nick exalou um longo suspiro.

— E é muito perguntar a que horas será isso?

— Em algum horário entre a tarde e a noite.

— Está bem, então. Estarei esperando.

CAPÍTULO VII

O sol estava nascendo, matizando o céu com nuances de alaranjado e cor-de-rosa. Mantendo o lençol em torno de si, enquanto tomava uma xícara de café, Tina sentou-se em uma das inúmeras cadeiras de balanço que haviam feito parte da varanda da casa de seu tio William. A casa onde ela e as irmãs haviam sido criadas localizava-se a menos de um quilômetro da casa de seu tio, mas Kit era a única que continuava morando ali.

Quando seu pai e o irmão dele, William, chegaram àquele lugar, a oeste de Dallas e Fort Worth, fundaram a Fazenda Duplo B, onde cada um deles construíra uma casa. A de seu tio William era maior, com uma ampla varanda e tantos quartos que alguns deles nunca haviam sido usados.

Seu pai construíra uma casa parecida, mas não deixara nela nada de suntuoso. Suas linhas eram práticas e precisas, sem nenhum espaço vazio e com todos os aposentos destinados a algum propósito. Ao lado do quarto dele, construíra apenas três quartos, destinados aos filhos que ele esperava ter. No entanto, a mãe de Tina dera a ele três filhas, antes do acidente de carro que os matara na volta de uma viagem de compras a Dallas.

Tina tomou outro gole de café, voltando os pensamentos para o presente. Precisava ir falar logo com seu tio William. Afinal, fora para isso que viajara até ali. Logo em seguida, pegaria um vôo para Corpus. O piloto que a levara até ali se acomodara em uma casa próxima, reservada para hóspedes. Mantê-lo por perto pelo menos lhe dava a segurança de saber que não haveria atraso quando precisasse partir.

Ellie apareceu à porta, coberta por uma tela.

— Oh, aí está você, menina. Pensei que iria querer dormir um pouco mais. Bem, você e suas irmãs nunca foram de dormir muito mesmo.

Tina sorriu.

— Isso porque nosso pai não deixava — salientou ela.

— Pelo visto, ele realmente conseguiu ensinar a lição. Ellie fechou a porta atrás de si e sentou-se ao lado de

Tina, em outra cadeira de balanço.

— Não são poucas as alvoradas em que olho através da janela do meu quarto e avisto sua irmã passar feito um raio pelo pasto, galopando aquele garanhão que ela adora, e com os cabelos avermelhados esvoaçando feito chamas ao vento.

Tina assentiu.

— Ninguém consegue montá-lo tão bem quanto Kit.

— Você quer dizer que ninguém quer montá-lo, a não ser Kit — corrigiu Ellie. — Aquele bicho me dá medo.

Tina sorriu com afeição.

— Bem, se serve de consolo, ele é a única coisa que eu já vi você temer.

Quando chegara à Fazenda Duplo B, ainda no início da adolescência, Ellie se mostrara disposta a fazer qualquer trabalho que lhe permitisse viver mais dignamente. William, que na época era um solteirão, achou que consertar cercas e cuidar de gado não fosse uma tarefa muito adequada para uma juvenzinha. Por isso, e para desapontamento de Ellie, ele a contratara apenas como governanta. Mas nem mesmo ele conseguira mantê-la na linha com o passar do tempo.

William costumava dizer que nunca conhecera alguém que conseguisse arrumar tantas desculpas para sair de casa quanto ela. Com o passar dos anos, a aparência de Ellie não mudara muito. Sua pele enrugara um pouco com a chegada dos quarenta e tantos anos, alguns fios grisalhos haviam aparecido, mas ela continuava com o mesmo brilho maroto no olhar.

Ellie vira a morte dos pais de Tina, da esposa de William e, pelo visto, estaria bem viva quando ele também se fosse.

— Sei que sabe preparar um bom café, Srta. Tina, mas é a única de sua família que consegue essa proeza — continuou a governanta. — A Srta. Kit não liga para aprender essas coisas e a Srta. Jill prefere chá. De quem acha que elas herdaram esse tipo de comportamento? Tina riu.

— Não tenho a mínima idéia.

Quando ela e as irmãs haviam nascido, Ellie fizera questão de manter o "senhorita" à frente do nome de cada uma delas, apesar dos protestos das três.

— Não tivemos muito tempo para conversar ontem à noite — observou Tina. — Como está tio William?

— Do mesmo jeito. Como todos nós, tem seus dias bons e seus dias ruins. Mas uma coisa posso lhe garantir: ele lamentou muito haver perdido sua festa.

— Mas se ele não estava se sentindo bem, foi bom haver ficado em casa — salientou Tina.

Ellie balançou a cabeça.

— Ele não gosta de ouvir isso, mas, cá entre nós, acho que está chegando ao final de sua passagem aqui pela terra.

— Também não gosto de ouvir isso, Ellie. Na verdade, não quero nem pensar o que isso significa.

Seu tio William era a única pessoa com pulso firme que restava na família. Por mais que ela e as irmãs fossem independentes, sempre recorriam a ele quando precisavam de conselhos ou de apoio. Olhou para o relógio.

— A que horas ele está acordando ultimamente?

— Depende do tipo de noite que ele teve, mas logo estará acordado e Wilbur aparecerá por aí para indicar isso. Então prepararei o desjejum, enquanto Wilbur o ajuda a fazer a toalete e a se vestir. Depois disso, ele estará pronto para recebê-la.

— Ótimo — anuiu Tina.

Wilbur era cerca de dez anos mais novo do que seu tio, mas trabalhava na Duplo B praticamente desde sua fundação. De fato, ele era uma das duas únicas pessoas que seu tio permitiria ajudá-lo. Des era a outra pessoa.

— Por que não vem comigo até a cozinha e me conta as novidades, principalmente sobre sua festa? — sugeriu Ellie. — Fiquei surpresa quando vi a Srta. Kit sair daqui usando apenas jeans e camiseta para ir a sua festa. Eu disse que ela precisava vestir algo mais apresentável, mas ela apenas riu e seguiu em frente com Rodney, aquele novo ajudante de vocês.

Tina assentiu.

— Kit não se importa muito com convenções. Todos sabemos disso.

Ellie revirou os olhos.

— Puxa, e como sabemos!

— Mas ela estava muito bem, e acho que se divertiu com Rodney.

A governanta fez um ar de pouco-caso.

— Aquele tal de Rodney é outro desses sujeitos que se encanta com a idéia de ser cowboy. Eu e Wilbur não simpatizamos nem um pouco com ele. Wilbur acha que ele ficará por aqui mais um mês no máximo, principalmente pela Srta. Kit estar encantada por ele. Em minha opinião, ele não deve ficar mais do que uma semana. — Ellie sorriu. — Venha comigo, sim?

— Irei assim que terminar meu café.

Quando ficou sozinha, Tina voltou seu olhar para o horizonte. O sol já estava mais alto, mostrando sua enorme esfera dourada como a promessa de um lindo dia. Diante da bela visão, ela teve a íntima certeza de que, naquele momento, Nick também já estava acordado.

— Bom dia, Tina — Wilbur a cumprimentou, empurrando a cadeira de rodas de William até a sala principal, onde o sol entrava pelas janelas com todo seu vigor.

Vários anos antes, quando William percebera que estava perdendo os movimentos do corpo, havia se mudado para a fazenda definitivamente, transferindo o escritório para um dos aposentos da casa. As amplas janelas lhe ofereciam uma bela visão da fazenda, levando-o a não sentir tanta falta daquilo que ele já não podia acompanhar de um modo mais pessoal.

— Bom dia, Wlibur — Tina respondeu ao cumprimento. — Bom dia, tio William.

Wlibur levou a cadeira até a mesa onde William costumava trabalhar. Então, após sorrir para Tina, ele se retirou com discrição.

— Estou feliz em vê-la, Tina. Quando não pude ir a sua festa, pensei que não teria chance de revê-la por um bom tempo.

Tina deu a volta pela mesa e beijou o rosto do tio.

— Senti sua falta, mas compreendi perfeitamente o motivo de você não haver comparecido.

— Bem, então talvez possa me ajudar porque eu mesmo não entendi direito o que aconteceu. Não entendi mesmo. Foi aquele meu maldito médico. Se eu não me divertisse tanto discutindo com ele, juro que arranjaria outro.

Ele se interrompeu quando Ellie apareceu carregando uma bandeja cheia de remédios e um copo com suco de laranja. Quando ela se retirou, William tomou um gole do suco e ignorou o recipiente com os remédios.

— Meu filho não apareceu por aí, apareceu?

Des era ainda um garoto quando sua mãe se casara com William. Desde o início, nunca fora chamado de outra maneira que não fosse "filho" pelo tio de Tina.

— Não, eu não o vi — respondeu ela, puxando uma cadeira para se sentar ao lado dele. — Como está você, tio William? — perguntou, observando o rosto dele com mais atenção, à procura de novos sinais de cansaço. Felizmente, não encontrou nenhum.

— Estou bem, estou bem. E não pense que é mentira. Vou viver mais do que meu médico, só para provar quanto às teorias dele são idiotas.

Tina não conteve o riso. Por um momento, chegou mesmo a acreditar que seu tio fosse viver para sempre. William continuava com seu costumeiro tom de voz firme e com a mente muito astuta. O pai dela tinha aquelas mesmas características, lembrou Tina. Os dois irmãos haviam transformado uma terra hostil em uma corporação envolvendo milhões de dólares, cujo nome passara a ser respeitado em todo o mundo.

Infelizmente, porém, ao contrário de seu tio, o pai de Tina não mantivera no coração nenhum lugar para a afeição e o bom humor.

— Não imagina quanto isso me deixa feliz — disse a ele. — Sei que você ainda vai viver muito.

William pousou a mão sobre a dela. A pele dele parecia um pouco ressecada, mas a força em seus dedos continuava a mesma.

— Você, suas irmãs e Des são aqueles que ainda me mantêm por aqui — confessou ele. — Ainda precisam de mim e, enquanto for assim, estarei com vocês.

Tina pestanejou, disfarçando as lágrimas.

— Obrigada, tio William. Mas é bom que saiba que nunca haverá uma época em que não precisaremos de você.

Ele riu.

— Isso soa como música aos ouvidos de um velho, mesmo sabendo que não é verdade. De qualquer modo, vamos logo ao motivo que a trouxe até aqui. Tem algo a ver com seu poço? Ou diz respeito ao homem que Des me disse que a seqüestrou até Uvalde?

Tina conteve a vontade de fazer um ar de desgosto. Gostaria que Des não houvesse descrito a situação daquela maneira, por mais que ela não deixasse de ser verdadeira.

— É sobre ambos — disse ao tio. — E também sobre o testamento de meu pai.

William soltou a mão dela, encostando-se em sua cadeira de rodas.

— Pode falar.

Tina contou a ele sobre os problemas envolvendo a escavação, e sobre como sentia que o local tinha potencial para ser o mais rendoso de seus negócios, embora não pudesse ter certeza disso até a perfuração chegar ao fim e o petróleo começar a

jorrar. Então falou sobre Nick e a história da família dele, e sobre a esperança que o avô dele nutria ao longo dos anos de usar o tesouro para reivindicar justiça.

Deixou o conflito entre ela e Nick para o final. Descreveu a posição em que estava sendo feita a perfuração e aquela em que se encontrava o navio. Uma ligeira falha seria suficiente para mandar o navio junto com o tesouro para uma escarpa que provavelmente os tomaria inalcançáveis para sempre.

Por fim, detalhou a saúde de Ben e o pedido de Nick para que ela interrompesse a perfuração por pelo menos três meses. Quando ela ficou em silêncio, William soltou um longo suspiro.

— Entendo seu problema. Mas também vejo algo, além disso. Está apaixonada por Nick Trejo,

Tina abriu a boca para dizer que ele estava errado, mas desistiu no último instante. Imagens e emoções lhe surgiram de repente, uma após a outra. A maneira como Nick a afetava com um simples sorriso, o modo como a fizera desejá-lo na noite anterior, na casa da fazenda. Sua recusa à oferta de ajuda de Des quando, menos de vinte e quatro horas antes, teria feito qualquer coisa para chamar a atenção dele...

Deus, por que não percebera isso antes? A verdade estivera ali, bem diante de seus olhos, e ela a ignorara, talvez propositadamente. No momento, porém, não lhe restava alternativa a não ser encarar a verdade: amava Nick.

Devagar, ela assentiu.

— Sim, receio que sim. Mas a menos que eu encontre uma maneira de dar o que ele quer, nunca serei amada por ele.

William arqueou as sobrancelhas.

— Se, para amá-la, ele depende de algo assim, então não é digno de você.

Tina sabia que seu tio estava certo. Porém, lamentou a maneira como se expressara,

— Talvez seja mais preciso dizer que não importa a solução que eu ofereça, porque ele continuará a não me amar do mesmo jeito.

— Muito bem, nesse caso, parece que ele está a sua procura por dois motivos: porque você é linda e inteligente e ele a quer, e por que...

— Eu nunca disse...

— Não precisava dizer. Ele a quer fisicamente e quer também que você pare a perfuração do poço. Mas isso você já sabe. Então, o que quer de mim?

Tina respirou fundo. Seu tio nunca fora de fazer rodeios com palavras.

— Quero lhe falar sobre o testamento de meu pai e sobre a cláusula que determina que a menos que a idéia dele de fortuna seja cumprida dentro de dez anos, perderei minha parte na companhia. — Cruzou os braços em torno da cintura, em um misto de proteção e de autodefesa. — E você sabe tão bem quanto eu que, para a maioria das pessoas, o desafio que meu pai deixou para mim e para minhas irmãs seria impossível de ser alcançado.

— Mas, pelo que você disse, esse poço vai lhe dar muito lucro, apesar do pouco tempo que lhe resta do prazo.

Tina assentiu.

— Estou apostando tudo nisso, tio William. Ainda assim, levará meses até eu poder ter certeza disso.

William fitou-a com um ar sério.

— E só lhe resta dez meses para ter essa certeza.

— Sim, eu sei. Mas é possível. — Tina inclinou-se para frente, demonstrando um ar de entusiasmo. — Com um pouco de sorte, conseguiremos extrair petróleo daquele poço dentro de dois meses. Isso me dará tempo suficiente para alcançar o lucro que preciso. Isso se não acontecer nenhum imprevisto, e se a extração for realizada durante vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. O problema é que me sinto solidária com o problema de Nick. Eu adoraria poder atender ao pedido dele e dar-lhe o tempo que for necessário para ele ter o que precisa.

Levantando-se, começou a andar pela sala.

— O que quero de você, tio William, é uma idéia de como interpretar o testamento de meu pai de uma maneira diferente, mas ainda mantendo seu conteúdo dentro dos parâmetros legais. Por exemplo, se eu encontrar petróleo, mas o poço ainda não estiver produzindo o suficiente, será que não posso modificar um pouquinho a diretriz de meu pai e apontar o potencial daquilo que o poço será capaz de produzir?

William suspirou.

— Eu gostaria de poder lhe dizer "sim", querida, mas o testamento de seu pai não poderia haver sido mais claro. Ele pensou em cada detalhe. Fizemos nossos testamentos juntos, como você sabe, e quando ele me falou sobre essa cláusula, fui contra a decisão dele. Achei que ele não estava sendo justo com vocês, mas ele não me deu ouvidos. Viu isso como uma maneira de vocês três provarem que são dignas de herdar cada uma das partes da companhia.

Tina abaixou a vista, esforçando-se para esconder as lágrimas que não estava conseguindo evitar.

— Para provar que éramos dignas — repetiu, com rancor. — Para qualquer outro pai, o amor das filhas seria suficiente. — Foi até uma das janelas e olhou para fora. — Ele nos controlou em vida, e agora está nos controlando na morte. A maioria das crianças não vê a hora de fazer aniversário, mas, para nós três, eles sempre significaram mais responsabilidades e mais desafios a ser alcançados.

— Sim, eu sei — anuiu William, com pesar. — Nunca conheci um homem que quisesse tanto ter filhos como ele. Mas quando sua mãe deu a ele três meninas, ele decidiu que as tornaria "duronas".

— E não se esqueça do aspecto competitivo. Hoje em dia, Kit, Jill e eu somos capazes de fazer praticamente qualquer coisa para superarmos umas às outras.

— Eu sei querida,

— Enquanto ele estava vivo, trabalhávamos até a exaustão, tentando agradá-lo, e quando conseguíamos atingir algum objetivo, tudo que ele fazia era assentir ou fazer algum comentário inexpressivo. Era quase como se quisesse que falhássemos. — Ela olhou para o tio. — Era isso que ele queria?

William hesitou.

— Talvez, de uma maneira meio distorcida, ele quisesse provar que estava certo ao pensar que filhos seriam superiores a filhas.

— Não sei quanto a Kit e a Jill, mas trabalhei a vida inteira para provar que ele estava errado.

William suspirou.

— Perdi a conta de quantas vezes briguei com ele por causa da maneira como as tratava. Eu xingava, esbravejava, mas, quando o assunto era vocês, ele simplesmente me ignorava.

Tina se aproximou dele devagar.

— Mais de uma vez, cheguei a cogitar se a morte de minha mãe foi realmente um acidente.

William olhou-a no mesmo instante.

— O que está querendo dizer?

— Conhecendo meu pai, como eu conhecia, posso imaginar quanto ele deve tê-la torturado por ela não haver dado filhos a ele. Talvez ela tenha decidido... Quem sabe...

Tina não terminou a frase e William não disse nada. Então ela deu a volta pela mesa e sentou-se novamente.

— Me diga uma coisa, tio William, já que o conhecia melhor do que ninguém: acha que meu pai nos amava?

Ele levou vários segundos para pensar na resposta.

— É difícil dizer com certeza, mas, à maneira dele, sim, acho que sim. Se não as amasse, ele as teria abandonado e não se importaria com o destino de vocês.

— Que maneira estranha de amar. — Tina enxugou as lágrimas. — Jill já provou que é digna de sua sexta parte na companhia. Já atingiu a marca de lucro e até a ultrapassou, apesar de ainda ter um ano de prazo, já que é um ano mais nova do que eu. Kit tem mais dois anos.

— Jill alcançou a marca porque o mercado imobiliário está em alta. — William observou-a por um instante. — Eu gostaria de poder ajudá-la nisso, querida, mas o testamento está muito claro. Terá de obter lucro sozinha.

— Eu sei.

— Então o que pretende fazer? Tina apertou os lábios.

— Não tenho escolha.

— Isso não é totalmente verdade. Mesmo que perca sua sexta parte na companhia, ainda assim poderá tocar seu negócio.

— Sim — concordou ela. — E não serei nada além de uma empregada contratada para a companhia. Terei de dar satisfações a você, a Des e as minhas irmãs. Elas teriam o direito de opinar sobre cada uma das minhas decisões, e isso seria completamente insuportável para mim.

E não apenas isso, pensou consigo. Se não obtivesse lucro a tempo, seu pai sairia vencedor, e isso era a última coisa que ela desejava.

— Graças a meu pai, tenho apenas uma alternativa — continuou. — Minha parte na Baron International é um direito meu. Vou me sentir arrasada se perder minha parte nos negócios da família. Por isso, farei o que estiver ao meu alcance para cumprir as cláusulas do testamento.

CAPÍTULO VIII

Tina estava de pé na varanda de sua casa, observando as primeiras gotas de chuva enquanto decidia se iria telefonar ou não para Nick. Tinha de reunir coragem e fazê-lo, afinal, prometera ligar para ele assim que voltasse. Deus, se pelo menos não fosse tão difícil ter de dizer "não"...

A chuva começou a cair com mais intensidade, molhando parte da bata confortável, que ela vestira ao chegar. Mas Tina não se importou. Pouco importava tudo mais, se estava fadada a não ter o amor de Nick. Estava cada vez mais ciente de quanto o amava e de quanto era dolorosa a perspectiva de nunca tê-lo para si.

Um relâmpago iluminou o horizonte, trazendo seus pensamentos de volta à realidade. Foi então que ela avistou alguém se aproximando pela trilha do jardim. Era Nick.

As gotas de chuva escorriam de seu chapéu e a roupa molhada colara-se em seu corpo, ressaltando as formas másculas de seus músculos. Ele parou a alguns metros de Tina, mantendo os punhos cerrados ao lado do corpo. Os olhos cor de âmbar mostravam um misto de raiva e admiração, fazendo-o parecer parte da tempestade.

— Você não ligou.

Sem conseguir desviar os olhos dele, Tina balançou a cabeça negativamente.

— Foi um dia muito agitado e eu... Interrompeu-se ao concluir que sua desculpa, qualquer que fosse ela, não seria suficiente para acalmá-lo.

— Que droga, Tina — protestou ele, por entre os dentes. — Você sabia que eu estava esperando.

Sinto muito, mas é que...

— Sua resposta é "não", não é? Não. Por isso não quis me ligar.

— Nick, eu tentei...

— Droga! — Ele andou em direção a ela. — Droga de situação!

Quando chegou onde ela estava, estendeu o braço na altura da cabeça de Tina e apoiou a mão na porta atrás dela.

— E o pior é que, nesse momento, estou pouco ligando para isso — completou ele.

Tina também não se importava. Nada mais importava a não ser a presença de Nick ali, tão próxima a ela. No dia seguinte se preocuparia com o problema, mas não nessa noite.

De súbito, Nick colou o corpo ao dela, até pressioná-la contra a porta. Então esmagou os lábios de Tina em um beijo quase desesperado.

Dessa vez, não haveria mais volta, pensou Tina em algum recanto mais racional de sua mente. Ao longo daqueles últimos dias, fora como se a atração que existia entre eles houvesse se tomado cada vez mais intensa, até culminar nesse ponto que eles simplesmente não conseguiriam mais ignorar.

Ficando na ponta dos pés, enlaçou os braços em torno do pescoço dele e retribuiu o beijo com o ardor de uma mulher dominada pelo desejo. Não importava que Nick não a amasse. Ela o amava e, naquela noite, isso seria suficiente.

A tempestade continuou a cair com uma fúria que se igualava à intensidade do desejo que os assaltava. Nick levou a mão a um dos seios de Tina, acariciando-o com urgência, então o cobriu com os lábios e sugou-o com avidez, antes de morder-lhe o mamilo por cima do tecido úmido da bata.

Com um gemido, Tina inclinou a cabeça para trás, entregando-se à deliciosa sensação. Quando pensou que fosse explodir de desejo, Nick passou a acariciar seu outro seio, fazendo com ele aquela mesma provocação que a estava levando à loucura.

Um calor intenso se apoderou de seu corpo, contrastando com a frieza das gotas de chuva que estavam invadindo a varanda.

— Não pare — pediu Tina em um sussurro, deslizando os dedos por entre os cabelos macios de Nick, antes de começar a abrir-lhe os botões da camisa.

Ele levantou a cabeça e fitou-a com um brilho de desejo no olhar.

— Não pare — também pediu ele, antes de beijá-la mais uma vez.

Deslizando as mãos até os quadris de Tina, segurou o tecido úmido de sua bata e puxou-a para si, colando seu quadril ao dela. Entre um beijo e outro, puxou a bata de Tina para cima, até tirá-la completamente e jogou-a no chão da varanda.

O som das batidas aceleradas do coração de Tina se misturaram aos trovões. Afastando a abertura da camisa de Nick para os lados, ela levou os lábios a um dos mamilos dele.

Deliciou-se então ao ouvir o gemido que escapou dos lábios dele. Encantada com a possibilidade de excitá-lo tanto quanto ele a excitara, Tina lambeu e mordiscou-lhe o mamilo até deixar Nick ofegante. Nunca imaginara que aquela parte do corpo de um homem pudesse se transformar em algo tão erótico.

Depois de se livrar da própria camisa e da calcinha de Tina, Nick se ajoelhou diante dela. Segurando-a pelas nádegas, puxou-a para si e roçou a língua na região sensível em torno do umbigo dela.

Tina sentiu as pernas amolecerem. Sua respiração tomou-se ofegante, seu coração parecia querer saltar do peito e um delicioso calor se concentrara na parte mais feminina de seu ser.

Devagar, muito devagar, Nick foi deslizando os lábios para baixo. Tina deu graças pelo apoio da porta atrás de si. Levada por um instinto selvagem inclinou o quadril para frente, em um silencioso convite erótico.

Só não esperava que a sensação seguinte fosse tão arrebatadora. Nick parecia saber exatamente o que ela desejava, pois não demorou muito para levá-la à loucura. Os lábios e a língua insistente de Nick conduziram-na ao clímax em questão de segundos. Um clímax intenso, rápido e poderoso.

Em meio a estremecimentos, seu corpo absorveu aos poucos aquela incrível sensação de prazer. Mas antes que tivesse a chance de se recuperar, sentiu Nick erguê-la nos braços.

Ao enlaçar as pernas em torno da cintura dele, sentindo o volume pulsante na calça jeans de Nick roçando contra sua parte mais íntima, enquanto ele a levava até o quarto, Tina foi arrebatada por um novo clímax.

Ainda estava em meio ao gemido de êxtase quando Nick a deitou na cama. Viu quando ele acendeu a luz do abajur e foi com expectativa que ficou observando ele se livrar das últimas peças de roupa.

Nick era magnífico. Músculos rijos, ombros largos e um peito forte coberto de pêlos escuros. Seu membro viril pulsava poderosamente, pronto para possuí-la. Tina sentiu um arrepio pelo corpo diante daquela visão.

Devagar, Nick se aproximou e deitou-se sobre ela. Tina pensou que ele fosse possuí-la de imediato, mas ele se limitou a olhá-la. Cheia de expectativa, ela se perguntou o que ele estaria pensando, mas o queria tanto que concluiu que não valeria à pena perder tempo com conjecturas.

Então sorriu para ele, deslizando as mãos pelos ombros fortes e depois pelas costas musculosas. Ele ainda estava molhado da chuva.

— Nick, por favor — sussurrou. Possua-me.

Ele enrijeceu o maxilar e, demonstrando que não estava mais conseguindo se conter, penetrou-a completamente. Com um leve gemido, Tina começou a acompanhar os movimentos ritmados de Nick. Estava chegando ao clímax mais uma vez. Podia prever. Podia sentir. Queria senti-lo logo, mas, ao mesmo tempo, desejava que a sensação durasse para sempre.

E quando ele finalmente aconteceu, foi como se, de fato, fosse durar para sempre. Ainda em meio ao turbilhão de sensações, olhou para Nick e avistou no semblante másculo a mesma agonia prazerosa que a dominava naquele momento. Sim, ele sabia exatamente o que ela estava sentindo. Nick também chegara ao clímax e isso ficou evidente no gemido rouco que ele soltou em seguida, antes de relaxar sobre ela, quase desfalecendo de prazer.

Uma chuva leve caía no terraço. Além desse, o único outro som que Tina estava ouvindo era o da respiração de Nick, deitado a seu lado. Centímetros os separavam, mas era como se fossem quilômetros.

Ele não estava dormindo. Embora ele estivesse completamente imóvel, Tina podia sentir a energia emanando daquele corpo másculo. Dessa vez, porém, aquela não era uma energia de desejo físico, mas de fúria. Fúria por ela haver dito "não" ao pedido que ele fizera. E fúria por haver se rendido ao desejo por uma mulher que não lhe dera o que ele mais queria.

Tina sentiu uma onda de tristeza. Com um estremecimento, puxou o lençol para se cobrir. A ânsia de paixão fora saciada, restando apenas um vazio que não poderia ser preenchido.

Sabia que esse momento chegaria. Um momento em que Nick não sentiria por ela nada além de desprezo. Mas saber disso não facilitou lidar com a situação. Desejava que pelo menos ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa seria melhor do que o silêncio.

— Acho que eu deveria ter fechado a porta — disse a ele. — O tapete da sala deve estar molhado. — Esperou por uma resposta e, quando esta não veio, continuou: — Não que isso tenha importância. Se ele ficar muito estragado, comprarei outro.

— Me diga uma coisa — falou Nick, sem hesitar. — Quando pretendia me dar a má notícia?

Tina olhou para ele.

— Amanhã. Eu ia ligar para você amanhã.

— Com a mesma seriedade com que prometeu que me ligaria assim que voltasse de sua misteriosa viagem?

Ela não disse nada. Admitira para si mesma que fora covarde, mas não pretendia admiti-lo para Nick.

— Não tem resposta para isso, Tina? Tudo bem, então me diga mais uma coisa,

Ela se tomou tensa ao notar o tom seco na voz de Nick.

— O quê? — perguntou hesitante.

— Cheguei a ter alguma chance? Ela suspirou.

— Achei que poderia haver uma — respondeu. — Eu tentei Nick. Juro que tentei.

Ele ajeitou o travesseiro com impaciência.

— Entendo.

— Ouça, não há motivo para continuarmos falando nisso. Tentei atender seu pedido, mas as coisas não saíram como eu esperava.

— Qual o problema afinal, Tina? É fácil. Tudo que você precisa fazer é dizer "Parem".

— Não é tão fácil assim. Há muito mais coisas em jogo do que você imagina. Na verdade, nada é fácil a respeito desse assunto.

Apoiando-se sobre um cotovelo, Nick olhou para ela.

— Por quê? Você é a baronesa do petróleo, com poder suficiente para decidir a questão. Pare com a perfuração por três meses... Droga, a essa altura, dois meses já ajudaria. Depois poderá retomá-la normalmente.

Tina sentou-se, cobrindo-se com o lençol.

— Você não entende Nick. Não entende.

— Meu anjo, não faça tempestade em copo d'água — falou ele, sentando-se ao lado dela.

Tina meneou a cabeça, sabendo que seria inútil tentar fazê-lo entender sem ter de contar tudo.

— Estou esperando — disse Nick.

Ela franziu o cenho, voltando-se para ele.

— Pelo quê?

— Por uma explicação.

— Nós já conversamos sobre esse assunto, Nick. Não há motivo para insistir porque não há mais nada a ser dito. Não vou mudar de idéia. Sei que é difícil para você aceitar, mas terá de se esforçar.

— Está errada. Não tenho de aceitar nada. Talvez com um pouco mais de conversa e de explicação consigamos chegar a um acordo.

Tina teria rido se não estivesse a ponto de explodir em lágrimas.

— Então acha que com seus argumentos vai me fazer mudar de idéia.

— Não foi o que eu disse — protestou Nick.

— Mas foi o que quis dizer. Vamos encarar a verdade, Nick. Nenhuma explicação, por mais razoável que seja, fará diferença para você. Em sua mente, nada mais importa a não ser exibir todo aquele ouro no centro de Uvalde, antes que seu avô morra.

— Tem razão — anuiu ele. — Mas, ainda assim, quero saber quais são seus motivos, Tina. O que a impede de atender meu pedido?

— Nada que seja suficiente para convencê-lo.

— Tente — insistiu Nick.

Tina hesitou. Sua família mantinha o acordo de nunca discutir os negócios dos Baron com estranhos. Entretanto, se soubesse que isso seria suficiente para resolver o problema, não hesitaria em contar a Nick. Mas sabia que não adiantaria.

Nick nunca conseguiria entender seu profundo desejo de trabalhar com afinco para desmentir aquilo em que seu pai sempre acreditara. Mesmo tendo de seguir as regras impostas por ele, queria provar que era digna de receber sua parte na herança. Acima de tudo, porém, queria provar que era digna de receber o amor que ele nunca lhe dera.

Claro que ela tinha noção de que ele nunca saberia de seus feitos e de suas conquistas. No entanto, tratava-se mais de uma prova para ela mesma. Ela saberia que vencera, e isso faria toda a diferença.

Aflita, segurou o lençol junto de si, enquanto pensava em algo para dizer.

— Não posso convencê-lo de que meus motivos são mais nobres do que os seus. Para ser sincera, provavelmente tem razão em pensar que seu motivo é mais importante do que o meu.

— Então por quê?

— Porque não posso parar a perfuração, Nick! Simplesmente não posso, e não me pergunte por quê.

Tina saiu da cama, levando o lençol consigo. Mantendo-o em torno de si, feito uma toga, andou até a porta de vidro com sacada. O ar frio atingiu seu rosto e a pele sensível de seus ombros. Em um gesto inconsciente, passou a mão pelos cabelos, tentando ajeitá-los.

Pensou que Nick ia dizer algo, mas tudo que ela continuou a ouvir foi o barulho da chuva. Olhou para Nick por sobre o ombro. Ele continuava deitado, sem se importar com a própria nudez. Ela, porém, não podia dizer o mesmo. Bastou um olhar para aquele corpo escultural para uma onda de calor se espalhar por seu corpo, indo se centrar em seu ponto mais feminino. Desviou o olhar.

— Não vai dizer mais nada?

— Não — ele respondeu.

Curiosa, Tina olhou mais uma vez por sobre o ombro.

— Por quê?

— Acabou de me pedir para não insistir para que você pare com a perfuração, e é isso que pretendo fazer.

— Só isso?

— Só isso.

Tina mal acreditou que ele houvesse finalmente aceitado desistir da idéia. Por um lado, sentia-se aliviada, sabendo que não haveria mais discussões. Entretanto... Sem a existência do conflito, Nick não teria mais motivo para procurá-la.

Ao se dar conta disso, voltou seu olhar para o pátio molhado.

— Então, o que será feito do Águila? — perguntou a ele. — Acha que essa tempestade causou algum dano a ele?

— Espero que não. Mas só terei certeza amanhã. Tina virou-se para ele.

— Como assim? Não vai mergulhar de novo, vai?

— Claro que vou. Tenho de ir onde o navio está, e ele se encontra em um local de águas relativamente profundas.

Mal notando o que estava fazendo, Tina se aproximou dele.

— Mas acabei de dizer que não vou parar a perfuração, Nick. Isso significa que será muito arriscado você ou algum de seus ajudantes continuar a mergulhar.

— Eu sei.

— E mesmo assim vai insistir? Nick fitou-a nos olhos.

— Não tenho escolha, Tina. Aquele ouro é importante demais para meu avô e, do jeito que está à saúde dele, não me resta muito tempo.

Ela se sentou na beirada da cama.

— Sei de tudo isso. Você fez questão de deixar bem claro quando me levou para vê-lo. Mas, por mais que seu avô queira aquele ouro, acha que ele aceitaria ver você se arriscando dessa maneira?

— Se ele não souber, não haverá problema.

— Mas ele deve estar desconfiado de que você anda se arriscando.

— Não, ele não desconfia de nada. E vai continuar assim.

— Espere um pouco — disse Tina. — Eu o conheci pessoalmente e notei que seu avô continua muito lúcido. Se ele começar a pensar com mais cuidado na situação, acabará descobrindo.

Nick balançou a cabeça negativamente.

— Quando ele me pediu explicações mais detalhadas do processo, dei ênfase ao uso do submergível.

Tina levou a mão à testa.

— Claro. Com pude ser tão idiota? Esqueci dos submergíveis e de suas capacidades robóticas. Na profundidade em que está trabalhando, você utiliza um, não é?

— Somente durante uma parte do tempo — respondeu Nick. — Consegui os direitos pelo uso de um de segunda mão. Vai ajudar muito no momento de trazer o ouro para cima.

Dizendo isso, ele saiu da cama e começou a se vestir. Tina sentiu um aperto no peito. Ele estava se preparando para partir.

— Uma parte do tempo?

— Grande parte do Águila foi feita de madeira, que, a essa altura, já desapareceu. Quero tentar preservar o máximo possível o que sobrou do navio. Isso significa que o trabalho será delicado demais para ser feito apenas por um robô.

— Mas o ouro é o mais importante para você e sua família. Por que essa preocupação em preservar o navio?

Os lábios de Nick se curvaram em um sorriso, mas não havia nele nenhum traço de humor.

— Sou professor de arqueologia, lembra? O Águila será uma ótima fonte de estudo para mim.

— Nick, pelo pouco que sei a respeito do assunto, os submersíveis modernos têm técnicas muito sofisticadas. Ouvi dizer que o uso da robótica já permite até que médicos façam cirurgias a distância utilizando robôs.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você se submeteria a uma operação desse tipo?

— Estamos falando de um navio, Nick. Não de um corpo humano.

— As pessoas precisam fazer as coisas da maneira como acharem melhor.

Ele se sentou na cama e começou a calçar as meias e os sapatos.

— Não passou pela minha cabeça que você fosse continuar a mergulhar.

— É simples, Tina: faremos o que precisa ser feito. Você precisa continuar a perfuração, e eu preciso continuar a procurar o ouro.

Nick entrou no banheiro e Tina ouviu a torneira ser aberta. Depois de algum tempo, quando ele saiu, parecia bem mais refrescado e vestido do que ela. Tina o invejou por ambas as coisas.

— Ouça, entendo pouco ou nada sobre mergulho em lugares profundos, mas sei que é muito mais complicado e perigoso do que o mergulho comum. Sei que não se pode respirar oxigênio comum. É preciso utilizar uma espécie de mistura, e se ela passar um pouquinho que seja do ponto de uso, você está perdido. Além disso, se você sobe muito rápido à superfície...

— É verdade — Nick a interrompeu, andando casualmente até a porta com sacada. — Você pode morrer — completou.

— Mas que droga, Nick! Está ouvindo o que eu estou dizendo?

Mantendo-se calmo, ele se virou para olhá-la.

— Cada palavra. Tina ficou de pé.

— Então sabe dos perigos envolvidos na continuação da perfuração. Por isso veio me procurar.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Talvez. Mas onde está querendo chegar?

— Estou querendo dizer que você não tem o direito de se arriscar deste jeito.

— Até parece que você se importa — ironizou ele. Tina teve de se esforçar para manter a calma antes de responder. Se não tomasse cuidado, poderia acabar revelando seus sentimentos a ele.

— Claro que me importo. E teria a mesma preocupação por qualquer outra pessoa conhecida.

Nick ficou no mesmo lugar, olhando-a em silêncio por um tempo que pareceu durar uma eternidade. Conteve o fôlego. Teria Nick percebido que ela o amava?

— Desculpe-me, Tina.

O tom de rancor e de fúria desaparecera da voz dele. Sem aviso, ele mudara de atitude.

— Está se desculpando? — Tina franziu o cenho. Ele indicou a cama.

— Não imaginei que isso fosse acontecer. Eu... — Ele deu de ombros.

Tina nunca o vira embaraçado antes, ou sem jeito para lidar com as palavras.

— Tentei resistir — confessou ele. — Juro que tentei. Duas noites atrás, nós quase...

— Eu sei.

Mesmo que ela vivesse cem anos, nunca esqueceria aquele primeiro momento em que se vira nos braços de Nick.

— Tive de usar todo meu esforço para conseguir me conter — declarou ele. — Não possuí-la naquele momento foi uma das coisas mais difíceis que já tive de enfrentar. Exigiu todo meu controle.

— Foi difícil para mim também, mas eu...

— Sei o que está pensando — Nick a interrompeu mais uma vez. — Acha que estou usando o sexo como um meio de conseguir aquilo que quero.

— Pensei muitas coisas, Nick. Mas vamos encarar a verdade: mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer. De qualquer maneira, não me fez mudar de idéia.

— Sei disso. Sabia todo o tempo. — Ele passou a mão pelos cabelos. — Mas a verdade é que passei a desejá-la desde o primeiro instante em que a vi, Tina. — Fitou-a nos olhos com mais intensidade. — E ainda te quero. Muito.

Ela estremeceu.

— Se serve de consolo, sinto o mesmo por você.

— Sim, serve.

Devagar, Nick andou até ela. Automaticamente, Tina enlaçou os braços em torno do pescoço dele. Quando ele a levou de volta para a cama, o lençol deslizou sobre o corpo dela e foi parar no chão. Tina não se importou, ele não era mais necessário.

Quando acordou na manhã seguinte, estava sozinha.

CAPÍTULO IX

Ron abriu a porta da sala de Tina e colocou a cabeça na fresta.

— Jill está na linha dois.

Tina quase gemeu em protesto. Ainda estava de mau humor e não precisava de um telefonema de sua irmã para tomar as coisas ainda piores. Jurou para si mesma que desligaria no mesmo instante, se Jill dissesse sequer uma palavra a respeito de já haver conseguido alcançar o desafio proposto no testamento.

— Obrigada, Ron — agradeceu e pegou o telefone.

— Bom dia, Jill. A que devo essa inesperada surpresa?

— Ouvi dizer que você esteve em perigo.

— Perigo? — Tina franziu o cenho.

— Ah, não finja que não sabe — protestou Jill, com impaciência. — Planejou um seqüestro para que Des se sentisse na obrigação de ir salvá-la.

— Oh, então é isso. Bem, não foi exatamente um seqüestro.

— Ouvi dizer que foi.

— Fui por vontade própria, mas, quando cheguei lá, fui mantida no lugar até o dia seguinte.

Tina afastou um pouco a cadeira para observar o golfo através da janela. Nick devia estar mergulhando naquele momento. Fez uma prece silenciosa para que ele estivesse bem, apesar da mágoa por ele haver partido sem lhe deixar sequer um bilhete.

— Foi uma dessas coisas que só estando presente para entender — disse à irmã.

— Hum-hum. Bem, mas isso foi o que eu entendi: você se meteu nessa situação só para que Des se sentisse na obrigação de ir ajudá-la. Tina sorriu.

— Parece aborrecida. Qual o problema, Jill? Está com inveja por não haver tido a idéia primeiro?

— Sinceramente, sim. Tina riu alto.

— Bem, pois não precisa se preocupar. Recusei a oferta de Des, quando ele se ofereceu para me ajudar.

— Foi o que me disseram. Tenho apenas uma pergunta a lhe fazer: por quê?

— Porque eu não estava em perigo — respondeu Tina. — Sabia que logo estaria de volta em casa.

— Ainda assim, perdeu uma oportunidade única de ter Des somente para si. Não entendo por que abriu mão disso, a menos que esse detalhe também faça parte do plano.

— Não posso lhe explicar tudo, Jill, mas pode acreditar que não tenho nenhuma intenção de conquistar Des. Nem agora, nem nunca.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Foi aquele desconhecido que apareceu em sua festa de aniversário, não foi? Aquele com quem você dançou.

— Sim — respondeu Tina.

— Admito que ele era irresistível, mas Tina... E Des? Ela não pretendia contar a verdade à irmã. Não queria dizer que estava tão apaixonada por Nick que não conseguia se imaginar casada com outro homem, nem mesmo com aquele que tinha influência sobre cinquenta por cento das ações da Baron International. Porém, decidindo se divertir um pouco com a situação, provocou Jill.

— Ei, não passou por sua cabeça que posso estar bancando a difícil só para chamar a atenção de Des?

— É o que está fazendo? — indagou Jill.

— Lamento, mas meus métodos são altamente secretos. Mas posso lhe adiantar que Des ficou muito preocupado comigo. Chegou a dizer coisas que nunca havia dito antes. Coisas a respeito do que ele sente por mim. Foi adorável.

Não deixava de ser verdade, pensou Tina. Embora estivesse enfatizando somente um lado dos fatos. Pelo menos serviria para deixar Jill "com a pulga atrás da orelha".

— Maldita.

Tina conteve a vontade de rir.

— Mas que modo de falar, Jill...

— Pouco importa minha maneira de falar! Garanto que você está com problemas bem piores. Quer apelar para Des só porque não conseguiu atingir as exigências do testamento. Mas eu não faria isso se fosse você. O jogo já terminou há muito tempo, só você não notou.

— O que posso dizer Jill? — perguntou Tina, fingindo um tom de animação. — Tem toda razão! Agora tenha um bom dia. Tchau.

Ela colocou o telefone no gancho e cobriu o rosto com as mãos. Seu desejo de provocar Jill se esgotara logo, cedendo lugar ao remorso. Não deveria ter aborrecido sua irmã daquela maneira, mas aquele era um hábito que as três mantinham havia anos. Um hábito encorajado por seu pai.

Talvez houvesse chegado o momento de pôr um fim naquilo. Se ligasse de volta para Jill e pedisse desculpas, pelo menos estaria contrariando o desejo de seu pai e, provavelmente, até conseguisse obter certa admiração por parte de sua irmã.

Colocou a mão sobre o telefone, mas sob ressaltou-se quando ele começou a tocar.

— É Vega — avisou Ron, pelo interfone.

Tina exalou um longo suspiro e pegou o aparelho.

— Bom dia, Jimmy. Dê-me boas notícias, por favor.

— Posso fazer isso agora mesmo: a tempestade não nos causou nenhum prejuízo.

— Ótimo. E quanto ao fundo do mar, você sabe se houve algum dano? — ela arriscou.

— Não que eu saiba. Por quê? Tina hesitou.

— Um conhecido meu está com uma equipe de mergulho aí perto.

— Oh, tenho visto um barco ir e vir todos os dias. Por que eles estão mergulhando aqui?

— Estão interessados em um, navio que afundou nessa região, mas que se encontra em um local de difícil acesso. Se nossa perfuração prejudicar o trabalho deles de alguma maneira, avise-me, sim?

— Claro. Eu a mantereí informada.

— Obrigada, Jimmy.

Tina passou o restante do dia na correria de sempre, tomando decisões, lendo matérias econômicas, resolvendo problemas. Seus negócios influenciavam e sofriam influências de todo o mundo, forçando-a a monitorar constantemente todos os fatores envolvidos no processo.

Entretanto, por mais que se mantivesse ocupada, não conseguia deixar de pensar em Nick e na noite maravilhosa que passara ao lado dele. Trabalhou até seus olhos arderem e os ombros começarem a doer, indicando que estava na hora de parar.

Quando chegou em casa, foi direto para o quarto e se despiu, enquanto enchia a banheira com água quente e uma perfumada loção relaxante. Assim que a água cobriu sua pele, soltou um suspiro de alívio e encostou a cabeça na toalha que deixara na borda, fechando os olhos.

Sentia-se cansada, mas estava acostumada com isso. Sentia-se magoada, mas, de certa forma, essa se tomara uma sensação comum em sua vida. Porém, nunca imaginara que algum dia fosse experimentar a angústia que sentira naquela manhã, quando acordara sozinha. E o pior era que não sabia como se livrar daquela dor.

O perfume vindo do quarto de Tina conduziu Nick diretamente para o banheiro que havia lá. Ele conteve o fôlego e parou de repente, ao vê-la deitada na banheira. Ela estava de olhos fechados, com os braços também mergulhados na água perfumada, mas não parecia completamente relaxada.

Aquilo o deixou preocupado. Ainda assim, as lembranças da noite anterior e a visão diante dele suplantaram a preocupação e cederam lugar ao desejo.

O efeito do calor da água deixara a pele de Tina deliciosamente rosada. Os cabelos loiros estavam presos no alto de sua cabeça, com alguns fios teimosos escapando e deixando-a com um ar ainda mais encantador. Os seios estavam apenas parcialmente encobertos, deixando à mostra as curvas que tinham o poder de levá-lo à loucura.

Não tinha a intenção de ir até ali naquela noite. Pensou que tê-la na noite anterior seria suficiente, mas continuava querendo mais. Nem ele mesmo sabia explicar o que estava sentindo. Como poderia explicar a Tina? Além do mais, diante das circunstâncias, qualquer coisa que ele dissesse poderia se tomar suspeito.

Tina abriu os olhos, mas, para espanto de Nick, não se assustou quando o viu.

— Não pensei que você voltaria.

— Para ser sincero, nem eu. Mas... Não pude evitar.

A expressão no rosto de Tina indicou que inúmeros pensamentos passaram por sua mente ao mesmo tempo, mas todos foram rápidos demais para deixarem alguma marca. Devagar, ela levantou os braços para ele.

— Venha para cá — disse apenas.

Nick começou a se despir no mesmo instante. Sabia que se arrependeria quando o dia seguinte chegasse, mas, no momento, só conseguia pensar em amar Tina mais uma vez.

Em silêncio, entrou na banheira e levantou Tina. Então a penetrou.

Na manhã seguinte, Ron atendeu ao telefone e, segundos depois, acionou o interfone. — Tina? É Kit.

Ela sorriu. Provavelmente a notícia de que Des havia se oferecido para resgatá-la chegara aos ouvidos de sua irmã caçula. Lembrando-se da decisão do dia anterior, de deixar de lado a idéia de provocar e de competir com as irmãs, tentou uma nova tática: ser gentil.

Kit não era tão temperamental quanto Jill. Ainda assim, era tão selvagem quanto às terras que administrava. Sempre tinha reações inesperadas.

— Bom dia, Kit — disse, ao atender ao telefone. — Tudo bem com você?

— Deixe a "conversa fiada" de lado, irmãzinha. Tina olhou para o teto. Não se podia mesmo elogiar.

— Fiquei sabendo do plano que tentou armar para conquistar Des.

— Não foi um plano, Kit. De qualquer maneira, não precisa se preocupar, não aceitei a ajuda dele.

— Mas o fez pensar em você!

— Eu... — Tina começou a se defender, mas notou que a irmã parecia infeliz demais. — Kit, qual o problema?

— Oh, Tina, eu não sei. O que poderia haver de errado? Tenho o melhor emprego do mundo, administro esta enorme fazenda, além de outros negócios, e não poderia estar mais feliz.

— Então por que parece tão triste? Está preocupada com a possibilidade de não cumprir sua parte no testamento? Tem mais dois anos, como sabe.

— Este testamento idiota é a última coisa que me preocupa.

— Tudo bem. — Pelo visto, Kit levantara com o pé esquerdo naquela manhã. — Há algo que eu possa fazer para lhe ajudar?

— Sim. Desista de Des.

— Está bem.

Seguiu-se um súbito silêncio do outro lado da linha.

— Concordou em parar de correr atrás de Des?

— Nunca corri atrás dele, Kit. Mas, sim, concordei com o que você pediu.

— Por quê?

— Eu... — Não havia motivo para mencionar Nick. — Decidi que se conseguir atingir as metas do testamento ficarei mais do que satisfeita com minha sexta parte da companhia.

— Está brincando, não está?

— Não, Kit. Estou sendo sincera. Já terei trabalho suficiente para atingir as metas impostas por papai. Não quero mais dores de cabeça.

— Se está falando sério, essa é a coisa mais surpreendente que já ouvi.

— Sim, estou falando muito sério. Mais alguma pergunta?

— Não. Acho que é só isso. Hum... Tina?

— Sim?

— Boa sorte.

Tina sorriu. O tom de Kit fora relutante, mas isso não mudava o fato de ela haver lhe desejado boa sorte.

— Obrigada. Conversaremos mais depois.

— Sim, tchau.

Tina continuou com o sorriso nos lábios quando desligou o telefone. O aparelho tocou novamente. Dessa vez era Jimmy Vega.

— Oi, Jimmy.

— Olá. Estou ligando apenas para falar que as coisas estão indo bem por aqui. Nenhum equipamento quebrado, nenhum acidente.

— Ótimo. Isso parece música aos meus ouvidos. Agora, se conseguirmos começar a extração dentro do prazo...

— Levará mais dois meses pelo menos, mas estou apostando na sua intuição. Há muito petróleo lá embaixo, e nós vamos chegar até ele.

— Obrigada pelo apoio, Jimmy. Voltaremos a nos falar depois.

Depois de desligar, Tina se recostou na cadeira. Sua manhã estava se revelando repleta de surpresas. Primeiro Kit lhe desejara boa sorte, depois Jimmy lhe dera boas notícias. Também, depois da noite anterior, qualquer coisa pareceria maravilhosa.

Nick aparecera sem avisar e fizera amor com ela com uma intensidade ainda mais urgente do que a da outra noite. Entretanto, quando acordara pela manhã, vira-se sozinha mais uma vez.

Os encontros à noite se tornaram uma rotina repetida dia após dia. Quando Tina pensava que Nick desistira, ele aparecia de repente, sedento de amor. Sem dizer nada, os dois iam para a cama, onde se amavam até a exaustão.

Mesmo depois de fazerem amor, trocavam poucas palavras. Tina não perguntava sobre os mergulhos e ele não perguntava sobre a perfuração. Os assuntos pessoais também foram banidos das breves conversas entre eles.

Tina sabia por que preferia não falar muito. Tinha medo de que suas palavras acabassem denunciando quanto ela o amava. Sabia que Nick desapareceria de sua vida se descobrisse isso.

E assim passou o tempo. Dias de trabalho, noites de amor. Ao longo do dia, quando conseguia pensar com mais lucidez. Tina dizia a si mesma para ser mais objetiva a respeito do que estava acontecendo entre ela e Nick. À noite, porém, quando se via nos braços dele, tinha tanta certeza de amá-lo que se perguntava se sobreviveria à ausência dele na manhã seguinte. Mas sempre sobrevivia.

A noite estava clara, iluminada por uma linda lua cheia. O luar entrava pela porta com sacada no quarto de Tina, incidindo sobre ela e Nick, abraçados, nus, sobre a cama.

Devagar, ele levou a mão até o rosto dela, afastando-lhe dos olhos uma mecha de cabelos úmidos de suor.

— Está com sono?

— Estou cansada, mas não com sono — respondeu ela, com voz suave.

— Você trabalha muitas horas por dia.

Assim que terminou de fazer o comentário, Nick se deu conta de que havia entrado no terreno proibido para eles naqueles últimos dias.

— Sim — foi tudo que ela disse.

Nick deslizou a mão sobre a curva da cintura e dos quadris de Tina.

— Estive pensando em uma coisa...

— O quê? — perguntou ela, espreguiçando-se feito uma gata.

Nick sentiu uma nova onda de desejo, mas tentou ignorá-la. Algo que, com Tina ali, a sua frente, era quase impossível.

— Na noite em que nos conhecemos, estava acontecendo sua festa de aniversário.

Ela olhou para ele, um leve sorriso curvando-lhe os lábios.

— Sim, eu me lembro.

— Segundo alguns comentários que ouvi, trata-se de um evento anual, no qual a única coisa que muda é o local da festa.

— Isso mesmo. A mudança de lugar mantém as festas animadas.

— Também fiquei sabendo que é você quem arca com todas as despesas da festa.

— Hum-hum.

Tina levantou o braço, apoiando-o no travesseiro acima de sua cabeça. O movimento deixou seu seio ereto. Apesar da tentação, Nick se esforçou para fitá-la nos olhos.

— Por quê? — perguntou a ela.

— Por que o quê?

— Porque tem de se responsabilizar por sua própria festa de aniversário? E sua família? Seus amigos?

Tina não respondeu de imediato. Por fim, o silêncio se estendeu por tanto tempo que Nick pensou que ela não fosse mais responder. Até que ela falou:

— Aposto que Kathie ou seus avós lhe oferecem uma festa todos os anos.

Ele sorriu.

— Sim, Mesmo que eu não dê muita importância ao fato, sinto que é importante para eles.

— Tinha uma festa todos os anos enquanto estava crescendo? A pergunta o surpreendeu.

— Sim, claro. Não é assim com a maioria das crianças?

— Sim — respondeu Tina, com um estranho ar cauteloso. — Suas festas eram divertidas?

- Sim, claro.
- Com bolo, sorvete e presentes?
- Uma festa de aniversário tem tudo isso, não? — Nick respondeu com outra pergunta.

Tina engoliu em seco.

— Voltando a sua pergunta, gosto de oferecer minhas próprias festas. É a única maneira de garantir que tudo sairá como eu gosto.

- Então está admitindo que é controladora? — Ele sorriu.
- Talvez. Mas por que todas essas perguntas sobre minha festa de aniversário?
- Achei estranho você mesma as oferecer, só isso.
- Nem todo mundo foi criado como você e Kathie, Nick.
- Como assim?

Ela meneou a cabeça.

- Esqueça.
- Está querendo dizer que não teve festas durante sua infância?

A mulher que trabalhou para meu tio durante anos sempre preparava um bolo para mim. E fazia o mesmo para minhas irmãs. Bem, mas este é o último assunto que quero tratar no momento. Acho que estou com sono agora.

- Ei, eu não queria fazê-la lembrar de coisas tristes.
- Não se preocupe. Não estou triste.

Tina podia até não estar triste, mas Nick estava. Sabia que qualquer dia daqueles chegaria ali e ela o mandaria embora para sempre. Se pelo menos pudesse aplacar o desejo que sentia por ela. No entanto, este parecia se tornar mais intenso a cada novo encontro.

Seus mundos eram completamente diferentes, exceto quando estavam na cama. Ali era o único lugar onde os dois se entendiam completamente. Perfeitamente.

O problema era que ele tinha certeza de que tudo aquilo acabaria em breve. Muito em breve.

CAPÍTULO X

Tina estava de pé diante da janela do escritório. Observava as águas do golfo, enquanto se perguntava o que Nick estaria fazendo naquele momento. Isso se tornara comum nos últimos dias.

Ouviu o telefone tocar e Ron o atender em seguida. Estava voltando para sua mesa quando ele acionou o interfone.

— É Vega.

Tina pegou o telefone.

— Olá, Jimmy. Está tudo bem por aí?

— Agora está, mas, há alguns minutos, estivemos muito perto de uma tragédia por aqui.

Tina empalideceu.

— Ah, meu Deus. O que aconteceu?

— A perfuratriz atingiu uma área de alta pressão e, se não fosse pelos instrumentos de monitoração ligados vinte e quatro horas por dia, poderia ter ocorrido um grande desastre.

— Graças a Deus que vocês viram a tempo.

— Sim — anuiu ele. Ela fechou os olhos.

— Jimmy...

— Não se preocupe, está tudo bem.

Tina não soube como dizer aquilo, mas ocorreu-lhe que Nick poderia haver sido atingido de alguma maneira. Deus, ele poderia até... Não, melhor não pensar nisso.

Entretanto, o pensamento continuou a perturbá-la, sugerindo imagens de acidentes com o submersível, com uma possível onda de choque causada pelo impacto da perfuratriz na área de alta pressão. Deus, Nick poderia mesmo estar correndo risco de vida. Qualquer abalo no solo marinho seria suficiente para mandar o Águila junto com quem estivesse por perto para o abismo.

Jimmy continuou falando do outro lado da linha, mas Tina parara de prestar atenção. Seus pensamentos estavam com Nick.

Quando se despediu e desligou o telefone, estava trêmula. Informou Ron imediatamente sobre o ocorrido. Então foi até o terraço e olhou na direção de onde ficava o barco da equipe de Nick.

Começou a andar de um lado para outro, aflita com a idéia do risco que Nick estava correndo. Perdeu a noção de quanto tempo ficou ali, perdida em pensamentos e em preocupações. Mas tudo se resumia a um único tormento: se Nick houvesse morrido naquele acidente...

De súbito, voltou para sua sala com passos firmes. Sem dizer nada a Ron, foi direto ao telefone e ligou para Jimmy. Quando ele atendeu, ela não hesitou.

— Quero que pare a perfuração agora, Jimmy. Agora.

— O quê?!

— Quero que a suspenda por pelo menos dois meses.

— Tina, você enlouqueceu? Quase tivemos um acidente hoje, mas isso não é motivo...

— Ouça-me, Jimmy. Pare a perfuração agora, entendeu? Dê férias coletivas para o pessoal. Mantenha uma equipe de confiança dando manutenção na plataforma, mas faça um rodízio entre os empregados, para que todos possam descansar um pouco.

— Tina, o que diabos está acontecendo? Pensei que...

— E pensou certo, Jimmy. Não posso lhe explicar agora, mas isso é algo que teremos de fazer. Ao final desse período, retomaremos o trabalho com força total. Portanto, certifique-se de que a plataforma esteja pronta para entrar em ação daqui a dois meses.

— Tudo bem. Mas...

Ele parecia atônito e Tina não o culpou por isso.

— Tem feito um ótimo trabalho, Jimmy. Aproveite para descansar um pouco também. Eu mantereí contato durante esse período e reassumiremos seriamente o trabalho dentro de dois meses.

Depois de se despedir, ela desligou o telefone e ficou olhando para o aparelho. Provavelmente acabara de determinar sua própria falência.

— Tina?

Ela levantou a vista. Ron estava de pé à porta.

— Você ouviu? — perguntou ela. Ele assentiu.

— Sabe o que está fazendo? Ela sorriu com ironia.

— Infelizmente, sim. Arrume suas coisas. Quero que estejamos prontos para partir dentro de uma hora.

— Para onde iremos? — Dallas.

Nick subiu a escada até o terraço. Seu dia havia sido um bocado cansativo e ele só conseguia pensar em rever Tina. Nada seria melhor do que se unir a ela em um banho quente e relaxante na banheira. Depois fariam amor até a água começar a esfriar. Sorriu, com ar de antecipação.

Notou que a luz do quarto dela estava apagada, mas não se surpreendeu com isso. Talvez ela já estivesse na banheira, esperando-o à luz de velas ou algo do gênero. Não deixaria de ser uma surpresa agradável, pensou, ampliando o sorriso.

Entretanto, surpreendeu-se ao ver a porta com sacada fechada. Aquilo não era comum.

— Tina? — chamou-a, olhando em volta. — Tina?

O aposento continuou muito silencioso, sem nenhum sinal dela. Nick foi até o banheiro. A banheira se encontrava vazia. O local onde ela mantinha artigos de maquiagem e vidros de perfume também estava vazio.

Sentiu um frio na espinha. Ao abrir o guarda-roupa, descobriu que boa parte das roupas dela havia sumido. Teria ela saído para alguma viagem de negócios de última

hora? Mas dera a ela o número do telefone do barco para ela avisá-lo sobre qualquer eventualidade. Por que Tina não lhe telefonara?

Foi então que viu um envelope sobre um dos travesseiros. Abriu-o no mesmo instante.

"Mande que parassem a perfuração durante dois meses. Espero que isso lhe dê o tempo que você precisa."

Estupefato, Nick continuou olhando para o papel. Ela nem mesmo se incomodara em assiná-lo.

— Guadalupe! — gritou, começando a andar pela casa, furioso. — Guadalupe!

— Sim, senhor? — perguntou a governanta ao aparecer, em um tom apreensivo.

— Para onde foi a Srta. Baron?

— Não sei.

— Ela não disse para nenhum dos empregados?

— Não, senhor.

— Falou pelo menos quando iria voltar? A mulher assentiu.

— Dentro de dois meses.

Nick praguejou alto, fazendo a governanta dar um passo atrás, assustada.

— Desculpe-me, Guadalupe. — Exalou um longo suspiro. — Tem alguma outra informação a respeito dela? Ela não disse nada que possa me ajudar a localizá-la?

— Não, senhor.

— Está bem. Obrigado. Guadalupe fez menção de se retirar.

— Espere. Poderia me arranjar uma caneta e uma folha de papel, por favor?

Quero lhe deixar o número de meu telefone para que me informe se tiver alguma notícia da Srta. Baron. Está bem?

A governanta assentiu e foi providenciar o que ele pedira.

Teria ele feito alguma coisa errada? Nick se perguntou pela centésima vez, depois de passar dias tentando localizar Tina sem sucesso. Teria dito algo que a magoara? Vasculhou a mente, à procura de uma resposta, mas nenhuma lhe ocorreu.

Na noite em que falara por telefone com as irmãs dela, e não obtivera nenhum progresso, já que nenhuma delas sabia onde Tina estava, decidiu voltar a casa dela. Guadalupe o recebeu.

— Obrigado — disse quando ela abriu a porta. — Não vou demorar.

Tempestade de emoções

Ela assentiu.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, senhor?

— Não, acho que não.

Ela assentiu mais uma vez e, discreta como sempre, retirou-se sem fazer nenhuma pergunta.

Devagar, Nick atravessou a sala e parou diante da parede de vidro que dava vista para o golfo. Não era pela vista que ele estava ali. Na verdade, nem sabia por que havia ido até ali. Talvez porque quisesse ficar no mesmo lugar onde Tina havia estado. Um lugar que os dois haviam compartilhado.

A sensação de vazio no ambiente era inegável, mesmo com a presença dos empregados. Todos os aposentos estavam como Tina os havia deixado, dando a impressão de que ela poderia chegar a qualquer momento. Ainda assim, a casa continuava parecendo vazia.

Ao chegar ao quarto dela, Nick se sentou na beirada da cama e olhou em torno de si. Deus faria qualquer coisa para tê-la de volta. Seu corpo ardia de desejo e de saudade, mas, para seu espanto, teve a certeza de que não se tratava de algo apenas físico. Sentia falta de simplesmente poder abraçá-la e de compartilhar seus momentos com ela.

Sim, amava Tina. Essa era verdade.

De súbito, viu-se obrigado a admitir para si mesmo aquilo que ele mais vinha tentando evitar: amava Tina. Antes de ela partir, interessava-lhe apenas viver o presente ao lado dela, desfrutando noites de amor ardentes. Mas, de repente, Tina desaparecera de sua vida e, no processo de tentar entender o que acontecera, não lhe restava alternativa a não ser admitir a verdade. Ao fazê-lo, porém, perguntou a si mesmo por que demorara tanto tempo para reconhecer aquilo.

Amava Tina, e queria passar o resto de sua vida ao lado dela. Precisava tê-la de volta. Se pelo menos conseguisse obter uma explicação do motivo que a levava a partir. E mais importante: precisava entender por que ela finalmente decidira parar com a perfuração.

A última vez em que haviam conversado sobre esse assunto fora na noite da tempestade. De maneira imprecisa, Tina lhe dissera que não poderia interromper a perfuração. Entretanto, fora o que ela fizera por fim. Por quê?

Nick começou a andar de um lado para outro. Não teria sido porque ela também se dera conta de que o amava? Tal pensamento o fez parar por um instante. Mas, se houvesse sido essa a razão, por que diabos ela partira?

Não, não era possível que ela estivesse apaixonada por ele. Tina nunca compartilhara com ele nada além do aspecto físico do relacionamento. Ela era independente demais para permitir que algum homem fosse além disso.

Devia haver algo mais em jogo. Algo que ela não quisera lhe contar. Ele balançou a cabeça, aturdido. Droga, nada daquilo fazia sentido.

De súbito, teve uma idéia. Dando a volta pela cama, pegou o telefone e discou o número de um amigo de seus tempos de faculdade que estava trabalhando como jornalista no Dallas Morning News. Sem preâmbulos, pediu-lhe um favor.

Na manhã seguinte, retomou os trabalhos com o Águila. Por alguma razão, Tina lhe dera de presente dois meses de prazo, e ele pretendia não perder mais nem um minuto deles. De qualquer maneira, pelo menos de uma coisa ele tinha certeza: ela voltaria dentro de dois meses.

Era bom estar de volta, pensou Tina, enquanto desfazia as malas. Pelo menos voltar para sua casa em Corpus Christi significava poder finalmente ficar mais do que três dias no mesmo lugar. E estava mais do que preparada para isso. Cansara-se de

hotéis e de aviões. No entanto, o longo período fora servira para ela visitar cada um de seus outros empreendimentos e verificar que estava tudo indo razoavelmente bem.

Já havia entrado em contato com Jimmy Vega e dera-lhe o comando para retomar a perfuração na manhã seguinte. Mesmo não sabendo se Nick tivera tempo suficiente para terminar o trabalho com o Águila, tinha de voltar. Dera a ele o prazo pedido, e isso era tudo que poderia fazer.

Dali em diante, teria de recuperar o tempo perdido e rezar para que aquele poço começasse a jorrar petróleo antes do prazo previsto. Não tinha certeza se conseguiria cumprir as exigências do testamento, mas não era do seu feitio desistir facilmente.

— Oi, Tina.

Ela se virou.

— Nick? Como soube que eu havia voltado?

— Eu não sabia ao certo. — Ele se aproximou devagar, sem desviar os olhos do rosto dela. — Durante os últimos dias, notei certa movimentação por aqui. Vim todas as noites conferir se você havia voltado.

— Como percebeu a movimentação? Não é possível ver minha casa de onde fica seu barco.

— Bem, o tráfego de helicópteros aumentou e... Bem, comprei um binóculo mais potente.

— Oh.

Tina voltou a desfazer as malas, tentando não pensar no motivo que levava seu coração a disparar quando ela vira Nick ali. Forçou-se então a respirar fundo, tentando se acalmar.

Durante os dois últimos meses, passara muitas noites de solidão, pensando em Nick e lutando para afastar as sensações que as lembranças dele provocavam em seu corpo. Inútil.

Seu corpo vivia clamando por ele e seu coração parecia cada vez mais preenchido por aquele amor. O que mais doía, porém, era saber que seu amor por Nick nunca seria correspondido.

No entanto, ali estava ele, bem a sua frente e mais atraente do que nunca, trajando um jeans justo desbotado e uma camiseta azul-marinho. A cor escura do tecido ressaltava ainda mais o tom âmbar de seus olhos, tornando-lhe o olhar mais intenso, arrebatador.

— Seus avós... Estão bem?

— Sim.

— E o Águila? Você conseguiu realizar o trabalho com ele?

— Quase completamente — respondeu Nick. — Por que foi embora, Tina?

Ela notou o tom impaciente na voz dele. Precisava ser cautelosa e não se deixar intimidar pela presença dele. Não havia passado dois meses em um verdadeiro inferno para simplesmente jogar fora toda a auto-suficiência que conquistara.

Ainda amava Nick, talvez mais do que antes, mas convencera-se de que poderia viver sem ele. Pelo menos parcialmente. Precisava acreditar nisso, do contrário, não sabia se sobreviveria.

Em meio ao tormento, chegara a uma importante conclusão: se sucumbisse novamente ao desejo e aceitasse Nick como amante, seu coração acabaria em pedaços quando, em algum dia de um futuro próximo, ele resolvesse ir embora e deixá-la para sempre. Não, não poderia correr esse risco. Nick não a amava e, mais dia menos dia, acabaria se cansando dela. Teria de ser forte para resistir.

Tirando algumas peças da mala, começou a pendurá-las nos cabides do guarda-roupa.

— Quando dei a ordem para que parassem com a perfuração, percebi que não havia motivo para eu ficar aqui. Por isso decidi aproveitar esse período em outro lugar.

— E você nem cogitou que eu poderia me interessar em saber sobre sua decisão?

Tina continuou a arrumar as roupas. Sabia que mais cedo ou mais tarde esse confronto aconteceria.

— Pensei que fosse ficar satisfeito. Afinal, tomei a decisão que você queria. Deixei um bilhete avisando-o. Depois... — Ela deu de ombros, sem terminar a frase.

Nick deu um passo adiante, impaciente.

— Vamos deixar as tolices de lado, sim, Tina? Tudo bem que quisesse passar algum tempo fora para não ter de ver seus negócios parados, mas, droga, e quanto a nós?

Tina não respondeu nada. Respirando fundo, Nick continuou:

— Perdi a conta de quantas vezes você me disse "não". Então, o que aconteceu para fazê-la mudar de idéia assim, de repente?

Tina se virou para olhá-lo.

— Não tenho certeza do que você quer que eu diga Nick. Empenhou-se durante um bom tempo para me fazer tomar a decisão que você queria. Eu a tomei, mas, pelo visto, isso não foi suficiente para você. Não se esqueça de que me apresentou seus avós e de que simpatizei muito com eles. Queria ajudá-los de alguma maneira, por isso decidi atender seu pedido.

Nick assentiu e cruzou os braços, encostando-se na lateral do guarda-roupa.

— Há algo que preciso lhe dizer Tina. Liguei para um velho amigo uma semana depois que você partiu. Ele foi um dos meus colegas de faculdade, mas atualmente trabalha como repórter para o Dallas Morning News.

Tina tomou-se tensa, imaginando o que Nick diria a seguir.

— Ele utiliza muitos informantes e várias fontes de pesquisa para seus trabalhos, por isso pedi a ele que pesquisasse sobre sua família e... Sobre você.

Tina viu-se tomada por uma onda de indignação. Dependendo do que ele houvesse descoberto, ela poderia se tornar totalmente vulnerável nas mãos dele, algo que ela não poderia deixar acontecer.

— Quem diabos lhe deu o direito de fazer isso? Eu já tinha feito o que você queria. Por que simplesmente não aceitou minha decisão?

— Porque tudo aquilo não fazia sentido para mim. Eu precisava descobrir o que a havia feito mudar de idéia.

Furiosa, Tina apontou o dedo em riste para ele.

— Se eu soubesse que você iria invadir minha privacidade e a da minha família, eu nunca teria parado a perfuração e mandaria você e o Águila para o inferno!

— Quando pedi o favor a Jerry, eu sabia que você não iria gostar. — Nick hesitou, como que avaliando com cuidado o que iria dizer em seguida. — Mas, naquele momento, só me interessava obter uma explicação que me satisfizesse.

Tina apontou para a porta.

— Saia.

— Irei embora, mas não imediatamente. Primeiro quero lhe dizer o que descobri porque há um detalhe que não entendi.

— E você acha que eu me importo com isso? — Ela apoiou as mãos na cintura. — Pelo amor de Deus, Nick. Você me fez parar a perfuração e até me teve por algum tempo. Por que isso não foi suficiente para você?

Nick respirou fundo, antes de dizer:

— Descobri que quando você mandou parar a perfuração fez um sacrifício muito maior do que eu poderia imaginar. Na verdade, fiquei comovido com seu gesto.

Nick descobrira sobre a cláusula do testamento. Depois disso, não fora difícil deduzir por que ela hesitara tanto em abrir aquela concessão.

Tina ficou esperando o que ele diria em seguida, mas Nick se limitou a enfiar as mãos nos bolsos do jeans e a olhar para o terraço durante algum tempo, antes de voltar a encará-la.

— Por que, Tina? Por que fez um sacrifício tão grande por mim? Pelo que entendi, agora é quase cem por cento provável que perca sua parte na empresa de sua família. Você precisava do tempo que me deu. Deus, por que não me disse Tina? Se eu soubesse...

Sentindo as pernas trêmulas, ela se sentou na cama. Se Nick houvesse percebido que ela o amava, sua decisão teria feito sentido para ele.

— Acredite você ou não, Nick, eu tenho coração. — Tentou manter o tom de voz firme. — No dia em que tomei a decisão de parar, estivemos muito perto de um acidente na plataforma. Decidi que não queria carregar nenhuma morte na consciência. Por isso, mandei que parassem com todas as operações.

Devagar, Nick se aproximou e sentou-se ao lado dela.

— Quando você partiu sem dizer nada, fiquei atordoado. Ron, como sempre, não ajudou em nada. Cheguei até a telefonar para suas irmãs, tentando descobrir onde você estava, mas elas deram a impressão de não se importarem nem um pouco com o assunto. — Segurou-lhe a mão entre as dele. — Talvez tenha sido bom eu não haver descoberto onde você estava porque, se isso tivesse acontecido, eu teria ido procurá-la, em vez de ficar aqui, cuidando dos negócios.

Entrelaçou os dedos nos dela. Ao contrário do que ela mesma esperava Tina não fez menção de afastar a mão da dele.

— Por fim, decidi me acalmar — continuou ele, fitando-a nos olhos. — Percebi que não tinha alternativa a não ser esperar que você voltasse. Foi então que entrei em ação. Durante o dia, trabalhava no Águila e, à noite, eu vinha para cá e pensava em você.

Tina conteve o fôlego. Não tinha idéia de onde Nick estava querendo chegar, mas notou um tom de incerteza na voz dele que também transparecia em seus gestos.

— Quando você foi embora — prosseguiu ele —, não tive alternativa a não ser parar e pensar em tudo que havia acontecido. Foi então que me dei conta de quanto você havia se tornado importante para mim. Admiti algo que deveria ter admitido desde o início: eu te amo, Tina.

Ela ficou atônita. Aquela era a última coisa que esperava ouvir de Nick naquele momento! Então seus medos haviam sido infundados. Era ele quem estava deixando o orgulho de lado e abrindo o coração para ela. Sabia muito bem como isso devia estar sendo difícil, pois para ela também era igualmente difícil.

Quando deu por si, estava com os olhos marejados de lágrimas.

— Tina? Ela sorriu.

— Não tem idéia de quanto estou feliz em ouvir isso, Nick. Eu também te amo.

Ele segurou a mão dela com mais firmeza, um sorriso se insinuando em seus lábios.

— Não está dizendo isso apenas por dizer, está?

— Eu não diria uma coisa dessas se não fosse verdade. — Virando-se para o lado, segurou o rosto dele entre as mãos. — Mandei pararem a perfuração porque não consegui suportar a idéia de colocar sua vida em risco. Depois parti sem me despedir porque estava sentindo necessidade de ficar sozinha, longe de você. Precisava ter certeza do que eu queria. Agora tenho mais certeza do que nunca de que quero ficar com você.

Nick beijou a mão dela.

— Eu te amo, Tina. Muito.

Ela assentiu com um brilho de lágrimas no olhar.

— Eu também te amo.

Ele sorriu e, para surpresa de Tina, também havia um brilho de lágrimas nos olhos dele.

— Mal posso acreditar que esteja ouvindo isso. — Tornando-se sério de repente, ele continuou: — Tina, você se sacrificou muito por mim. Ainda não entendi direito todos os motivos e conseqüências, mas, até onde sei, provavelmente perderá sua porcentagem na Baron International.

— Talvez. Mas não pretendo desistir assim, tão facilmente. Enquanto estive fora, tive tempo para pensar melhor no assunto e elaborei um plano estratégico. Não sei se vai funcionar, mas...

— E o que é? Eu vou ajudá-la. Farei o que você quiser.

Ela sorriu com satisfação.

— Então faça amor comigo agora mesmo.

— Mas e o plano? Eu quero realmente ajudar...

— Falaremos sobre isso depois. Agora o que eu quero é que você me ame mais uma vez.

Com um leve gemido, Nick ficou de pé e tirou a mala de cima da cama. Então foi para os braços de Tina, que o puxou para a cama com ela.

Nick começou a despi-la, mas parou de repente.

— Aliás, antes que eu me esqueça: quer se casar comigo? Um sorriso curvou os lábios dela.

— Seu bobo. Claro que eu quero.

Dizendo isso, puxou-o mais uma vez para si e selou a promessa com um beijo apaixonado.

Epílogo

Sete meses depois

Tina se levantou da cadeira no escritório de seu tio, na Fazenda Duplo B, e entregou um cheque a um dos advogados da Baron International.

— Aqui está — disse a ele. — Todo o dinheiro exigido no testamento de meu pai. E com quatro dias de antecedência, é bom que fique claro.

Seu tio William sorriu, sentado atrás da mesa.

— Meus parabéns, Tina. Eu sabia que você iria conseguir. Ela sorriu.

— Então teve mais fé em mim do que eu mesma. Olhou para Nick, sentado a seu lado esquerdo. Ele mal conseguia disfarçar o brilho de orgulho nos olhos cor de âmbar. A certeza de ser tão amada por aquele que ela escolhera para viver a seu lado por toda a vida deu a Tina uma agradável sensação de segurança.

O restante da família também estava presente. Des estava sentado a sua direita e Jill se encontrava próxima a ele. Kit preferira ficar do outro lado da sala.

Tina ficou surpresa quando Des se aproximou e deu-lhe um abraço afetuoso.

— Acrescento meus parabéns ao de papai.

— Obrigada.

Jill olhou para a irmã e disse:

— Estou feliz por você, Tina. Só lamento que tenha sido obrigada a desistir da plataforma de petróleo e da oportunidade de ganhar muitos milhões.

— Não tem importância — respondeu Tina. — Tenho aquilo que mais quero; minha porcentagem na companhia e Nick — acrescentou, olhando-o com ar apaixonado.

Kit se aproximou devagar.

— Teve sorte pelo marido de Becca trabalhar em uma das maiores companhias de petróleo do mundo. Do contrário, você não teria conseguido vender a plataforma pela soma que pediu.

Tina deu de ombros.

— Eles sabem que daquele poço jorrarão muitos barris de petróleo — disse. — Não teriam fechado negócio se tivessem dúvidas quanto a isso.

— Fez um ótimo negócio, Tina — elogiou Des. — Se o importante para você era cumprir a cláusula do testamento, conseguiu fazê-lo muito bem.

— Obrigada, Des. — Oferecendo a mão a Nick, anunciou: — Gostaríamos de convidá-los para nosso casamento, daqui a duas semanas. Será uma cerimônia simples, apenas para a família, celebrada na igreja de Uvalde, onde os avós, os pais e a irmã de Nick se casaram. Depois ofereceremos uma festa para nossos amigos.

— A festa será na fazenda dos meus avós — declarou Nick, falando pela primeira vez.

— O melhor de tudo, porém, é que os avós de Nick poderão comparecer — falou Tina. E você também, tio William.

— Estarei lá — afirmou ele. — Nem que tenha de levar meu médico junto.

— Ótimo. — Ela sorriu. — Tenho certeza de que você e o avô de Nick vão se dar muito bem,

William estendeu a mão para Nick.

— Meus parabéns, rapaz, está prestes a se casar com uma garota maravilhosa.

Os dois trocaram um aperto de mãos.

— Obrigado, Sr. Baron. — Lançando um olhar apaixonado para a futura esposa, Nick acrescentou: — Procurei um tesouro durante toda minha vida e, agora, finalmente o encontrei.

FAYRENE PRESTON publicou seu primeiro romance em 1981, e passou a publicar outros periodicamente desde então. Ela vive no norte do Texas e tem dois filhos já adultos. Diz que a maior conquista de sua vida foi haver dado à luz e criado dois seres humanos maravilhosos. Também se mostra toda orgulhosa ao anunciar a chegada da primeira neta, seu mais novo motivo de agradecimento à vida.